



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS**

**RENNERYS SIQUEIRA SILVA**

**DESLOCAMENTOS E TRAJETÓRIAS DE CUBANOS EM RORAIMA: 1993-2012**

**BOA VISTA – RR**

**2020**

**RENNERYS SIQUEIRA SILVA**

**DESLOCAMENTOS E TRAJETÓRIAS DE CUBANOS EM RORAIMA: 1993-2012.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF, da Universidade Federal de Roraima, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteiras. Área de concentração: Sociedade e Fronteira na Amazônia. Linha de pesquisa II – Fronteiras e Processos Socioculturais  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Monteiro de Souza.

**BOA VISTA - RR**

**2020**

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP) Biblioteca  
Central da Universidade Federal de Roraima

S586d Silva, Rennerys Siqueira.

Deslocamentos e trajetórias de cubanos em Roraima: 1993-  
2012 / Rennerys Siqueira Silva. – Boa Vista, 2020.

146 f.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carla Monteiro de Souza.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de  
Roraima,

Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras.

1 – Cubanos. 2 – Roraima. 3 – Migração. 4 – Trajetórias.  
I – Título. II – Souza, Carla Monteiro de (orientadora).

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:  
Shirdoill Batalha de Souza - CRB-11/573 - AM

RENNERYS SIQUEIRA SILVA

**DESLOCAMENTOS E TRAJETÓRIAS DE CUBANOS EM RORAIMA: 1993-2012.**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Sociedade e Fronteira na Amazônia. Defendida em 25/08/2020 e avaliada pela seguinte banca examinadora:



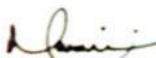
---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Monteiro de Souza  
Orientadora – UFRR



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Lúcia Marina Puga  
Ferreira Membro Externo –  
UEA



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Márcia Maria de  
Oliveira Membro Interno –  
UFRR

*Às minhas mães, Edilene Siqueira e Edileuza Siqueira.*

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer ao Divino Espírito Santo por ter me auxiliado em diversos momentos difíceis de dúvidas, inseguranças e incertezas quanto não só à minha vida acadêmica, mas também pessoal.

Não menos importante cabe registrar os agradecimentos às minhas duas mães, Edilene e Edileuza, pelo total apoio no decorrer de toda a minha vida acadêmica, profissional e pessoal, eternamente amo vocês.

Agradeço também à CAPES que, em um momento extremamente difícil para a Ciência brasileira, pôde financiar uma bolsa de estudos para que eu pudesse me dedicar exclusivamente às atividades do mestrado. Tempos como esses vão passar, e cabe aos pesquisadores comprometidos por um Brasil com mais justiça social e autonomia resistir aos ataques daqueles que querem um país mais desigual e subserviente.

Um parágrafo, uma página, ou um texto mais sofisticado não seriam suficientes para agradecer à minha amiga, professora e orientadora Carla Monteiro de Souza. Sem a sua ajuda, Dra. certamente esse trabalho não chegaria a um fim, tendo em vista os rumos em que minha vida tomou ao final do mestrado. Somente um obrigado seria pouco para mostrar minha gratidão pelo seu envolvimento, compromisso, dedicação e parceria nas orientações, nos conselhos, nas “bofetadas” e nos afagos em momentos que me perguntava se realmente esse trabalho teria viabilidade. A senhora é uma extraordinária pesquisadora, professora e uma amiga fiel que jamais abandona aqueles que da senhora necessitam. Minha eterna gratidão à senhora.

Também gostaria de agradecer à professora Raimunda Gomes da Silva, minha orientadora na UERR e amiga, que possibilitou que compartilhássemos pesquisas e artigos em publicações pelo país.

Agradeço também à minha amiga Adriele Araújo com a qual divido amizade desde os tempos de graduação na Universidade Estadual de Roraima. Ela foi companheira de horas de estudo tanto para a seleção do PPGSOF, quanto no cumprimento das disciplinas obrigatórias e compartilhamento de conselhos e dúvidas. Além disso, sua amizade me confortava em momentos de angústia e pressões pessoais. Muito obrigado Adriele pela parceria e sua amizade.

Agradeço também a Daiane Almeida por compartilharmos desabafos, momentos de preocupação e conselhos quanto às nossas vidas profissionais. Obrigado, Daiane. Nesse ínterim, agradeço à Amanda Araújo pelos momentos de apoio em que solicitei ajuda.

Ao Onogifro, o guineense mais brasileiro que eu conheço, também vai minha lembrança de muito obrigado pelo suporte em momentos de estudo e escrita.

Aos amigos e amigas do curso: Viviane Almeida, Beatriz Patrícia de Lima Level, Delaide Trindade Douglas, Everton José Gomes dos Santos, Fabiana Cara Bezerra Vitaliano, Karen Rebecca Camurça do Nascimento, Norman Roy Estrada Galdámez, Pedro Carlos De Araújo Oliveira e Roseane Cadete Fidelis, registro meu agradecimento pela parceria durante o curso.

À professora Márcia Maria de Oliveira, agradeço pela sua disponibilidade e amizade em diversos momentos da pesquisa, compartilhamento de fontes e ideias. Muito obrigado.

Aos professores do PPGSOF: Francilene Rodrigues, João Carlos Jarochisky Silva, Walter Birkner, Maria Luiza Fernandes, Maria das Graças Santos Dias Magalhães e Ana Lúcia de Sousa, deixo nesta seção meus agradecimentos por suas contribuições acadêmicas.

Por fim, agradeço a todos os meus colaboradores/entrevistados que protagonizaram esse estudo, sendo a sua fonte mais importante. Agradeço pelo seu tempo e pelo compartilhamento de suas memórias e experiências que me possibilitaram abordar o tema Migração Cubana, assim como compreender seus dramas e a importância histórica da ilha de Cuba.

*Meu treponema não é pálido nem  
viscoso.*

*Os meus gametas se agrupam no  
meu som.*

*(Vila do Sossego – Zé Ramalho da  
Paraíba)*

## RESUMO

Refletindo sobre o histórico acerca das questões migratórias que ligam Cuba e Roraima no final do século XX, a pesquisa tem como objetivo central compreender as trajetórias de migrantes cubanos que vieram para Roraima no período de 1993 a 2012. Assim sendo, encontra na Metodologia da História Oral a principal ferramenta para a constituição de fonte, visto que os relatos dos migrantes cubanos se mostram fundamentais para atender ao objetivo. Assim sendo, a História Oral possibilitará acessar as memórias e as subjetividades dos entrevistados, compreendidas como elementos fundamentais para compor as condicionantes migratórias de cada trajetória individual. Sendo assim, contextualiza as ondas migratórias de Cuba após 1959 e o lugar Roraima, relacionando-os com o cenário global, com vistas a identificar fatores e motivações macro-estruturais dessa migração. Ainda analisa os elementos de estímulos em Roraima e Cuba, tratando sobre os primeiros grupos de cubanos que chegaram para a Universidade Federal de Roraima e para os hospitais públicos do estado. Por fim, o trabalho examina as trajetórias de migrantes cubanos em Roraima, a inserção desses sujeitos na sociedade roraimense, suas relações com o país de origem, as relações familiares constituídas em Cuba e Roraima e também questões relacionadas a ressentimentos e pertencimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cubanos. Roraima. Migração. Trajetórias.

## **ABSTRACT**

Reflecting about the history of migration issues that link Cuba and Roraima in the late twentieth century, the search has the central objective of understanding the trajectories of Cuban migrants who came to Roraima from 1993 to 2012. Therefore, it is found in the Oral History, the main instrument for making a historical source, given that the reports of Cuban immigrants are shown to be fundamental to meet the objective. Thus, Oral History allows access as memories and as subjectivities of interviewees, understood as fundamental elements to compose as migratory conditions of each individual trajectory. Even so, it is contextualized as the migratory waves of Cuba after 1959 and the place Roraima, relating to the global scenario, in order to identify macro-specific factors and motivations for this application. It also analyzes the elements of stimuli in Roraima and Cuba to list the first groups of Cubans they received, such as for the Federal University of Roraima and for public hospitals in the state of Roraima. However, the work examines the trajectories of Cuban migrants in Roraima, an insertion of these individuals in Roraima society, their relations with the country of origin, their family relationships established in Cuba and Roraima and also issues relate to resentments

**KEY-WORDS:** Cubans. Roraima. Migration. Trajectories.

## LISTA DE SIGLAS

CAPES	COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR
CDR	COMITÊ DE DEFESA DA REVOLUÇÃO
CEFAM	CENTRO DE FORMAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO
CEIA	CENTRO ESTADUAL DE INFORMÁTICA APLICADA
CFM	CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA
COMECON	CONSELHO PARA ASSISTÊNCIA ECONÔMICA MÚTUA
CRM-RR	CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DE RORAIMA
EUA	ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
FESUR	FUNDAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE RORAIMA
FECEC	FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E CULTURA DE RORAIMA
INEP	INSTITUO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA
INA	LEI DE IMIGRAÇÃO E NACIONALIDADE
PCC	PARTIDO COMUNISTA DE CUBA
TCLE	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
UERR	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA
UFRGS	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
UFRR	UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
UMCC	UNIVERSIDADE DE MATANZAS CAMILO CIENFUEGOS
URSS	UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. GLOBALIZAÇÃO, DESLOCAMENTOS E MEMÓRIA DOS MIGRANTES: UMA ARTICULAÇÃO PARA COMPREENDER OS SUJEITOS MIGRANTES.....</b>	<b>18</b>
2.1. A GLOBALIZAÇÃO E O NEOLIBERALISMO NO MUNDO PÓS-SOVIÉTICO..	18
2.2. MIGRAÇÃO E OS FLUXOS GLOBAIS NO PÓS GUERRA FRIA.....	27
2.3. HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA.....	34
2.4. OS COLABORADORES E SEUS RELATOS.....	40
<b>3. CUBA, RORAIMA E O CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES.....</b>	<b>44</b>
3.1. AS CHAMADAS ONDAS MIGRATÓRIAS CUBANAS.....	45
3.1.1. A PRIMEIRA ONDA MIGRATÓRIA PÓS-REVOLUÇÃO DE 1959: OS VOOS DA PAZ.....	46
3.1.2. A CRISE DOS <i>MARIELITOS</i> .....	50
3.1.3. A CRISE DOS <i>BALSEROS</i> EM MEIO AO “PERÍODO ESPECIAL EM TEMPOS DE PAZ”.....	53
3.2. RORAIMA E SUA EMANCIPAÇÃO COMO ESTADO FEDERATIVO.....	60
3.2.1. A UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, OS CONVÊNIOS E O GOVERNO DE RORAIMA.....	64
<b>4. TRAJETÓRIAS DOS MIGRANTES CUBANOS EM RORAIMA: INTERAÇÕES, DESLOCAMENTOS E INSERÇÕES.....</b>	<b>71</b>
4.1. FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	72
4.2. INTERAÇÕES.....	83
4.2.1. FAMÍLIA.....	84
4.2.2. SOCIAL.....	88
4.2.3. POLÍTICA E IDEOLÓGICA.....	94
4.3. DESLOCAMENTOS.....	101
4.3.1. MOTIVAÇÕES.....	102
4.3.2. ASPECTOS INSTITUCIONAIS.....	105
4.3.3. ASPECTOS FAMILIARES.....	110
4.4. INSERÇÕES.....	114
4.4.1. INSERÇÃO PROFISSIONAL EM RORAIMA.....	115
4.4.2. INSERÇÃO SOCIAL E FAMILIAR.....	117

4.4.3 LUGAR DE PERTENCIMENTO.....	123
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>127</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO LIVRE.....</b>	<b>140</b>
<b>ANEXO B - ROTEIRO TEMÁTICO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>143</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O meu interesse em escrever sobre cubanos e suas memórias nasceu ainda nos tempos de graduação, no curso de História, na jovem Universidade Estadual de Roraima - UERR. Primeiramente, à época, me despertava o interesse dissertar sobre a Revolução Cubana e os processos políticos da ilha após o movimento revolucionário, principalmente com os acordos celebrados entre Cuba e a União Soviética. Todavia, ao levar essas questões para meu orientador de monografia, professor Amarildo Batista (*in memoriam*), este me lançou a seguinte questão: “Por que não trabalhar com migração de cubanos? Está cheio deles nos hospitais e universidades”. A sua efêmera a afirmação aguçou minha curiosidade e me fez optar pelo estudo do campo das migrações, que, antes disso, não me despertava nenhum interesse de pesquisa. Ou seja, o trabalho com migração dos cubanos surgiu exclusivamente com a ideia do saudoso Amarildo, um professor que me incentivou a persistir no tema.

Passado o período do TCC, ingressei no Curso de Especialização em História da Amazônia da UERR, continuando com o mesmo tema, agora sob a orientação da professora Raimunda Gomes da Silva, que me abriu caminhos para trabalhar com a metodologia de História Oral e com a categoria Deslocamentos. Naquela pesquisa, encaminhei a coleta de entrevistas com professores e médicos cubanos residentes em Roraima, focando na memória e em seus processos de deslocamentos.

Nesse trabalho, pude observar nas entrevistas de História Oral diversos fatores que me fizeram continuar estimulado a estudar o grupo de migrantes cubanos, tais como, a demonstração de ressentimentos, rompimentos familiares, confrontações ideológicas e questões relacionadas às autoridades cubanas no Brasil. Tudo isso me fez aprofundar nos estudos sobre memória e suas interações com a subjetividade dos indivíduos e como essas trabalham para estabelecer elementos que expliquem os deslocamentos e a construção de trajetórias de vida. Aliado à História Oral, o presente trabalho se referencia no pensamento de Sayad (1998) para compor as trajetórias sociais e migratórias dos nossos entrevistados.

Cabe lembrar, que o grupo de entrevistados selecionados para as pesquisas anteriores a essa dissertação, consistiu de indivíduos que chegaram a Roraima ainda na década de 1990. Na maioria, com mais de 60 anos, esses colaboradores presenciaram *in loco* vários processos políticos pelo qual Cuba passou durante a Revolução até a sua crise econômica do “Período Especial”, na década de 1990. Logo, seus relatos eram carregados de “memórias-incômodo” e

“memória-monumento”, qualificadas assim por Portelli (2016). Destaco que para a presente pesquisa, além de revisitar algumas entrevistas feitas em anos anteriores, reencontramos um dos colaboradores dos tempos de TCC para uma nova entrevista, e ainda realizamos novos registros de História Oral.

Os colaboradores da presente pesquisa são professores universitários e médicos que, com a exceção da única mulher que aceitou colaborar com a pesquisa, tiveram boa parte de suas formações universitárias em Cuba e também na antiga União Soviética. Esse nível de formação foi fundamental para que nossos entrevistados encontrassem rápida estabilidade e adaptabilidade em Roraima, numa época em que governos locais – influenciados pela ascensão do antigo território a estado de Roraima – estimularam movimentos migratórios nacionais e fomentaram o deslocamento de trabalhadores cubanos qualificados para atuarem nos órgãos públicos estaduais e federais do jovem estado. Este cenário, configurado pelas diversas fontes utilizadas, é confirmado pelos colaboradores que relatam, em sua maioria, quase ou nenhuma dificuldade empregatícia em Roraima, com exceção dos médicos, que por conta do reconhecimento dos seus diplomas de medicina, demoraram um período maior para regularizarem suas condições profissionais.

Portanto, a problemática de se estabelecer a compreensão das subjetividades e das trajetórias migratórias e sociais dos cubanos em Roraima, se estabelece nessa pesquisa em constante interação com os contextos históricos em que os migrantes estavam inseridos. Nesta seara, buscamos configurar a relação entre Roraima e Cuba a partir de contextos macroestruturais globais e local.

As entrevistas de História Oral trouxeram para o trabalho as subjetividades. Obedeceram a um roteiro aberto e flexível, pautado por campos que obedeciam aos objetivos desse trabalho, encaminhando as entrevistas para a explicitação do vínculo entre a subjetividade dos entrevistados e os contextos sociais e coletivos, para apresentar suas trajetórias migratórias e sociais. Obedecemos ao pedido da maioria dos colaboradores, que solicitaram anonimato na entrevista, os identificando apenas por “Entrevistado”, seguido do número de acordo com a ordem cronológica das gravações. Essa forma de identificar os colaboradores, primeiro obedece à normas acerca da ética em pesquisa com seres humanos, tendo em vista que essa pesquisa foi aprovada no Conselho de Ética da Universidade Federal de Roraima, e regida pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento – TCLE que dava a opção aos nossos colaboradores pelo anonimato. Segundo, respeitar o direito dos entrevistados em manter sob sigilo suas identidades, também se assenta no entendimento que as entrevistas tratam de temas políticos e

peçoais muito delicados, visto que citam nomes diretamente da administração pública do estado de Roraima, da UFRR e também de funcionários da Embaixada Cubana no Brasil. Proteger as suas identidades, portanto, é um requisito para que não sofram nenhum tipo de constrangimento de qualquer esfera.

A presente pesquisa se justifica, pois, a migração de cubanos para o estado de Roraima é um tema que vem ganhando relevância nos estudos e pesquisas nacionais e locais, em decorrência do crescente número de indivíduos da ilha de Cuba que entram em território brasileiro, inclusive pelas fronteiras no estado de Roraima. De acordo com o Ministério da Justiça, sobre o número de solicitações de refúgio no Brasil, no ano de 2017, 2.373 cubanos deram entrada com pedido de refúgio no Brasil, superando os haitianos naquele ano, que contabilizaram 2.362 e os Venezuelanos 17.865. Contudo, a presença de migrantes cubanos em Roraima não é uma novidade, pois constantemente, antes desse crescimento de um fluxo migratório internacional em Boa Vista (Venezuelanos, Haitianos e Cubanos), era notória a presença de médicos cubanos no Sistema Único de Saúde e também encontrá-los como professores em universidades públicas.

Dito isso, o objetivo geral da pesquisa, consiste em compreender as trajetórias dos migrantes cubanos entre 1993-2012, num recorte temporal que abrange a chegada dos primeiros profissionais cubanos para a UFRR – por meio de empréstimo via convênios com as universidades de Cuba – até o ano da publicação da Reforma Migratória Cubana, promulgada em 2012, e que entrou em vigor a partir de 2013. Seus objetivos específicos se atentam em investigar e discutir os fatores, elementos e características dos grupos de migrantes antes da Reforma Migratória de 2012; contextualizar o cenário migratório cubano a partir da Revolução de 1959; e analisar as trajetórias migratórias e sociais dos migrantes cubanos em Roraima.

O trabalho se divide em 3 capítulos. O primeiro é constituído de um capítulo Teórico-Metodológico, onde analisamos o conceito de Globalização e como a economia mundial alcançou outro patamar a partir do avanço da ideologia Neoliberal no mundo “pós-soviético”. Essa expressão “pós-soviético”, de acordo com autores como Vissentini (2017), é assim citada por que o mundo deixou a sua característica bipolar da Guerra Fria para alcançar a plena hegemonia econômica e militar dos Estados Unidos a partir da década de 1990, com a derrocada da União Soviética em dezembro de 1991. Além disso, também apresentamos a nossa visão sobre o campo migratório e os fluxos globais pós guerra fria, por entendermos que as estruturas macro-estruturais interagem e condicionam os fluxos de migrantes cubanos para o mundo, com ênfase no pensamento de Sayad (1998), para corroborar a nossa visão de que os fatores que

condicionam uma migração são uma interação entre as estruturas históricas, econômicas e sociais junto às subjetividades dos sujeitos migrantes.

Ainda no primeiro capítulo, esclarecemos também a nossa abordagem a partir das memórias e das subjetividades, por meio da metodologia da História Oral e como essa funciona como ferramenta na constituição de fontes. Por fim, finalizamos o capítulo apresentando nossos colaboradores e como se desenvolveu cada entrevista e seus relatos para auxiliar a pesquisa.

Sobre o 2º capítulo, iniciamos fazendo uma apresentação das chamadas “ondas migratórias cubanas”. A primeira onda, relacionada aqueles que deixaram Cuba logo após a Revolução e o descontentamento com a política castrista. Já a segunda onda, chamada pela imprensa latina de Crise dos *Marielitos*, no ano de 1980, é marcada pelo deslocamento de mais de 100 mil jovens cubanos descontentes com os rumos econômicos da ilha, em sua maioria jovens e negros. Já a terceira e mais dramática delas, chamada de Crise dos *Balseros*, ocorreu no mês de agosto de 1994, num período em que o governo cubano chamou de “Período Especial em Tempos de Paz”, marcado pela grave crise econômica após o fim dos subsídios e das estreitas relações com a União Soviética.

Nesse mesmo capítulo, realizamos ainda uma breve apresentação sobre a implantação da primeira Universidade Pública em Roraima (Universidade Federal de Roraima) e a necessidade dos convênios com Cuba. A UFRR foi a primeira instituição pública de Roraima a capitanear “mão de obra” cubana para completar seus quadros de ensino, consultorias para abertura de cursos e execução de projetos.

Concluimos o segundo capítulo com uma síntese sobre as parcerias e convênios firmados entre o governo de Roraima, a UFRR e o governo cubano. Roraima e Cuba estreitaram relações de troca de profissionais por toda a década de 1990 e princípios dos anos 2000. Programas estaduais como a “Campanha de Alfabetização”, no ano de 1994, e o “Médico em sua casa”, na segunda metade da década, tiveram contribuições profissionais e técnicas de migrantes cubanos.

Por fim, o terceiro e último capítulo deste trabalho de dissertação apresentamos as trajetórias dos seis migrantes cubanos que colaboraram com suas entrevistas. Nesta parte do trabalho explicita-se a perspectiva de Sayad (1998), que as subjetividades dos sujeitos migrantes são fundamentais para explicar um fenômeno migratório, a partir da compreensão da migração como um “Fato Social Total”, ou seja, de uma abordagem que promova um encontro de várias Ciências Humanas e Sociais e a subjetividade, possibilitando compreender essa

migração no marco do diálogo entre os aspectos individuais de uma trajetória de um sujeito e também das características de processos mais abrangentes e externos a ele.

Constituído por 4 seções, iniciamos abordando os aspectos profissionais de cada colaborador, desde sua formação ainda na ilha de Cuba até seus aperfeiçoamentos profissionais em outros países e no Brasil e, também, incluímos informações sobre suas atuações profissionais. A segunda seção, intitulada interações, apresenta elementos acerca da memória dos nossos entrevistados ainda em Cuba, bem como as relações familiares, sociais, políticas e ideológicas. Esta seção, rica em aspectos da “memória-monumento” é marcada pelas vivências históricas, sociais e coletivas de nossos entrevistados em seu país, bem como suas visões políticas. A terceira seção se debruça sobre o processo de deslocamento dos sujeitos migrantes. Abordamos questões que pudessem reconstituir a trajetória migratória dos entrevistados e também fatos que abarcam esses processos, desde aspectos legais e burocráticos – quanto a regularização de suas situações migratórias –, a separação de seus núcleos familiares em Cuba e as motivações para a realização de tais deslocamentos. Assim, na última seção, tratamos das inserções decorrentes da migração, apresentando aspectos sobre a atuação profissional atual em Roraima, a inserção familiar e social em Boa Vista e demais localidades, as estratégias de adaptação e o lugar de pertencimento.

## **2. GLOBALIZAÇÃO, DESLOCAMENTOS E MEMÓRIA DOS MIGRANTES: UMA ARTICULAÇÃO PARA COMPREENDER OS SUJEITOS MIGRANTES**

Ao falar sobre o fenômeno da Globalização e as ações de sua ideologia Neoliberal, pretendemos nesse início de capítulo descrever três aspectos dessa nova etapa histórica no mundo pós Guerra Fria e o contexto das migrações cubanas que interessam a esse trabalho: No primeiro deles, esclarecemos sobre o que é a Globalização e o impacto desta no mundo pós-queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989. O segundo é o que a caracteriza como uma nova onda econômica e financeira de geração de desigualdades entre nações e um crescimento da diferença entre os mais ricos e pobres, como resultante de políticas Neoliberais. Por terceiro e último, apresentamos essa força macro-estrutural como um fator de configuração de novas ondas migratórias no mundo, aumentando os fluxos de indivíduos entre países em desenvolvimento e alterando a política dos países desenvolvidos para com os migrantes.

Resumimo-nos a explicar apenas essas três características, entendendo por encarar o fenômeno da Globalização como extremamente complexo e delicado. Tão enigmático que ainda hoje seus estudiosos encontram dificuldades para estabelecer limites temporais para ela. Também, apresentam-se questões sobre refutação do termo Globalização e até para identificar em que período verdadeiramente ela começa, se seria após II Guerra Mundial, nos anos de 1970 - quando o ocidente altera o modelo de produção fordista, ou após a queda do Bloco Soviético.

No capítulo, apresentamos também um panorama sobre as migrações no pós Guerra Fria, pontuando a cubana, e, na sequência, duas seções que tratam de aspectos metodológicos da pesquisa: uma abordando o uso da História Oral no estudo das trajetórias migrantes; e outra dando a conhecer os colaboradores, seu perfil e características básicas das entrevistas.

### **2.1 A GLOBALIZAÇÃO E O NEOLIBERALISMO NO MUNDO PÓS-SOVIÉTICO**

O fenômeno das migrações, a partir do fim da década de 1980, ocorreu sob uma nova lógica de expansão do sistema econômico capitalista: a Globalização. Essa etapa do sistema econômico que triunfou após a Guerra Fria, se apresenta, nas palavras de Santos (2000) como “A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (2000. p. 12). O que os teóricos da Globalização nos apontam é que, durante essa nova etapa da História, essa força macro-econômica alterou significativamente os fluxos migratórios no mundo e ainda as formas de organização do trabalho e produção em níveis

tecnológicos. O mundo pós-soviético viu uma sofisticação acelerada das formas de produção do sistema capitalista, dos deslocamentos humanos em escala global, das comunicações ao redor do globo e também um abrupto crescimento das desigualdades em escala planetária.

Para Santos (2000) as técnicas do sistema de produção não estão mais aliadas às concepções morais de felicidade e distribuição de riqueza, mas sim de concentração de renda nos países desenvolvidos com uma competição selvagem e desigual. Devemos conceber também a ideia de que o fenômeno da Globalização não é uma decorrência fatalista da história, ou ainda encará-la como um meio inerente ao desenvolvimento humano e econômico. A Globalização foi e é fruto de uma convergência de pensamentos de grandes Estados-nação do primeiro mundo, dos conglomerados empresariais, do mundo financeiro e da produção, como pensa Visentini (2017).

Neste sentido, Haesbaert e Porto-Gonçalves afirmam que:

A globalização econômica se desdobra em quatro formas ou dimensões: a comercial, a produtiva, a tecnológica e a financeira. Políticas neoliberais e de desregulamentação mundo afora nas décadas de 1980 e 1990 foram decisivas na consolidação desse processo, aliadas a um novo padrão tecnológico que permitiu a enorme aceleração das trocas de produtos, capital e informações, além de ter facilitado a própria circulação de pessoas (2006. p. 41).

Ianni, em seu trabalho clássico sobre o tema, explica que “a globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial” (1997, p. 7). A Globalização reorganiza o globo, em um curto espaço de tempo, sob novos polos de poder e reinterpretções do mundo, criando e movendo novas forças geopolíticas e expandindo mercados por todas as direções. Segundo o autor:

A mundialização dos mercados de produção, ou forças produtivas, tanto provoca a busca de força de trabalho barata em todos os cantos do mundo como promove as migrações em todas as direções. O Exército industrial de trabalhadores, ativo e de reserva, modifica-se e movimenta-se, formando contingente de desempregados mais ou menos permanentes ou subclasses, em escala global (IANNI, 1997, p.21).

Com a aparente derrota do “Socialismo Real”, o capitalismo encaminhou-se para uma nova forma de organização do seu sistema produtivo, que não contasse mais com a concorrência do mundo soviético e, ainda, que englobasse essa nova “fronteira de expansão” e os trabalhadores dessa parte do globo que ficaram à margem da produção capitalista ocidental. Ou seja, o capitalismo se viu diante de novas fronteiras para a sua expansão com a queda da URSS,

a partir de 1989. Nos países do leste europeu que optaram por uma economia capitalista, abriram-se novos mercados, novas áreas de expansão da produção, disponibilizando ainda uma mão de obra em boa parte qualificada. Ianni assim explica essa nova fronteira de expansão do capitalismo:

Um espaço de amplas proporções que conta com um contingente excepcionalmente numeroso de trabalhadores disponíveis, em larga medida qualificados. Talvez se possa dizer que a abertura do conjunto das nações do que era o mundo socialista, ou o ‘segundo turno’, representa uma fronteira inesperada e excepcional para novos surtos de acumulação originária (1997, p. 20).

Tomando como base a afirmação de Ianni (1997), que o capitalismo se tornou realmente global com a chamada Globalização, não só por desenvolver uma nova divisão transnacional do trabalho, mas pela penetração nas economias do mundo socialista, aproveitamos para falar sobre a nossa discussão acerca da situação de Cuba. Nesse contexto, de acordo com Ayerbe (2004), mesmo com a manutenção do “sistema socialista”, a ilha de Cuba, no ano de 1992, sob a presidência de Fidel Alejandro Castro Ruz, realizou reformas constitucionais com vistas a atrair capitais financeiros do mundo capitalista e promovendo mudanças, tais como a criação de empresas público-privada em setores de hotelaria e a privatização do setor de tabaco.

Assim, o que a Globalização pode nos demonstrar, mais uma vez, é que a História da humanidade não se resume a continuidades ou sequências ininterruptas numa linearidade progressiva. Mas sim, que ela se caracteriza por envolver principalmente tensões, rupturas, revoluções, descontinuidades e grandes transformações em uma aceleração da história nunca antes vista. Logo, o mito do fim da história – nascido no bojo da onda globalizante – e a promessa dos “profetas” dessa “ideologia” de que o mundo entraria em um período de paz – já que as diferenças econômicas entre os grandes polos rivais (EUA e URSS) não se baseariam mais na chamada Guerra Fria – e que as velhas fronteiras dos Estados Nacionais que significavam uma barreira para a livre circulação do capital, do trabalho e das pessoas, vem se mostrando uma falácia dos entusiastas do neoliberalismo econômico.

Sobre isso, Visentini complementa:

A tese do ‘fim da História’, formulada por Francis Fukuyama e implícita na Nova Ordem Mundial de George Bush (pai), surgida com a queda do Muro de Berlim, sinalizava rumo a um mundo capitalista único e estável, caracterizado pela paz, pela democracia e pela prosperidade, com a globalização servindo de panaceia universal (2017, p. 15).

Logo, como querem os neoliberais e os simpatizantes dessa teoria econômica que sustenta e guia a Globalização, esse processo em nada contempla a eliminação das diferenças mundiais. A Globalização não é um movimento de homogeneização como quer o mercado e a elite financeira global. Ela recria e estimula as peculiaridades, as particularidades, as identidades e singularidades de cada região e povo específico, como nos diz Ianni: “Esse é um universo de diversidades, desigualdades, tensões e antagonismos, simultaneamente às articulações, associações e integrações regionais, transnacionais e globais” (1997, p. 29). Os conflitos na antiga Iugoslávia, já na década de 1990, a Guerra do Golfo e o eterno conflito no Afeganistão puseram fim ao curto “período de paz” mundial.

Sendo assim, Santos afirma:

A história é comandada pelos grandes atores desse tempo real, que são, ao mesmo tempo, os donos da velocidade e os autores do discurso ideológico. Os homens não são igualmente atores desse tempo real. Fisicamente, isto é, potencialmente, ele existe para todos. Mas efetivamente, isto é, socialmente, ele é excelente e assegura exclusividades, ou, pelo menos, privilégios de uso (2000, p.14).

No entanto, a única coisa que não encontrou fronteiras passando a ter uma grande circulação em uma velocidade inédita na História, foi o grande capital financeiro e especulativo, redefinindo também os papéis dos velhos Estados Nacionais. Em relação a isso, Haesbaert e Porto-Gonçalves argumentam, então, que as fronteiras tradicionais “físicas” estão tomando novas conotações e se apropriando de novas características. Elas podem mostrar, na atualidade, como está edificado o novo papel do Estado na condução de medidas econômicas e a atuação deste na regulação de fluxos de capitais e humanos no mundo:

(...) as fronteiras político-administrativas estão mudando seu papel (muito mais relevante no controle da mobilidade humana, por exemplo) e, muitas vezes, mudando de escala, especialmente no caso de grandes blocos econômicos, como a União Europeia. A formação dessas grandes entidades econômicas (ou, no caso da Europa, político-econômicas) supranacionais é outro indicador muito relevante da perda, ou melhor, da reestruturação do poder dos Estados nacionais (2006, p. 57).

Para isso, o que a “Nova Ordem Mundial”, segundo Bauman (1999), ou, nas palavras de Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006) “Des-ordem Mundial”, espera dos velhos Estados Nacionais é uma menor intervenção no mundo econômico e um maior controle nas pressões sociais resultante das políticas sociais do neoliberalismo, ou na falta delas. Como nos diz Bauman:

A única tarefa econômica permitida ao Estado e que se espera que ele assumira é a de garantir um “orçamento equilibrado”, policiando e controlando as pressões locais por intervenções estatais mais vigorosas na direção dos negócios e em defesa da população face às consequências mais sinistras da anarquia de mercado (1999, p.74).

Do ponto de vista geopolítico, Haesbaert e Porto-Gonçalves apontam que “os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, trouxe novo fôlego aos Estados-nações”, contexto no qual “a nova ‘sociedade de controle’ ou, como preferimos, ‘da segurança’ torna-se mais explícita” (2006, p. 59). Pode-se dizer que após os famosos ataques terroristas às Torres Gêmeas, em Nova Iorque, redefiniram-se os papéis das potências militares no mundo, adotando-se uma maior fiscalização das fronteiras, controle dos indivíduos e criminalização dos migrantes de países pobres.

Pode-se apontar ainda que acompanhado da “fluidez” dos novos tempos, também se acelerou o crescente processo de desigualdade social no mundo, inclusive nos países mais desenvolvidos. De acordo com Bauman (1999), somente 1/5 dos americanos realmente ganhou com a Globalização, sendo o restante desassistido pela “onda” de felicitação e prosperidade econômica global.

Para corroborar a tendência de acumulação e crescimento das desigualdades, de acordo com estudo da OXFAM, apresentado no documento “Uma Economia Humana para os 99%”<sup>1</sup> 8 pessoas no mundo possuem a mesma riqueza que 3,6 bilhões de pessoas que compõem a metade mais pobre da população mundial. Na mesma seara, o relatório ainda aponta que os 50% das pessoas mais pobres no planeta detêm menos de 0,25% da riqueza líquida global. Enquanto isso, nos últimos 30 anos, ou seja, no auge do movimento da Globalização, os 10% mais pobres viram suas riquezas aumentarem apenas em 65 dólares, enquanto os rendimentos dos 10% mais ricos cresceram em torno de 11.800 dólares no mesmo período.

Logo, ao mesmo tempo em que o sistema econômico encontrou uma fronteira de expansão e acumulação de capital, ele ainda reproduz as desigualdades, tensões e antagonismos. De acordo com Martins (1996), o ônus desse movimento se dá justamente nas flexibilizações nas relações de trabalho que desprotegem e retiram a segurança jurídica dos trabalhadores. A “fábrica de desigualdades” da Globalização opera em uma escala gigantesca e extremamente

---

<sup>1</sup> **Uma economia para os 99%.** Disponível em: [https://oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/uma-economia-para-os-99/?\\_ga=2.18054845.583533235.1572645372-927815676.1572645372](https://oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/uma-economia-para-os-99/?_ga=2.18054845.583533235.1572645372-927815676.1572645372). Acesso em: 01 nov. 2019.

rápida, “dessocializando” as massas de indivíduos e os inserindo em uma cultura “cosmopolita”.

É sob essa insegurança jurídica e de pouca garantia e proteção trabalhista que os trabalhadores – qualificados ou não – movem-se no mundo de acordo com os estímulos das ofertas do mercado. Aliado a isso, existe a crescente mecanização do campo, o avanço tecnológico que destrói postos de trabalhos e aceleram a produção, criando assim, de acordo com Ianni, um planejado e esperado “desemprego estrutural”, regido pelas forças do mercado. Nesse cenário, segundo o autor, trabalhadores “movem-se de um lugar para outro, por diferentes cidades, províncias, nações e regiões, tecendo o seu mapa do mundo” (1997. p. 157).

Em sua obra “Por uma outra Globalização” (2000), o geógrafo Milton Santos afirma que a “fábula” da Globalização fez crer num mundo rumo a um novo caminho irreversível pela hegemonização das culturas e do conjunto dos países ao redor do globo. Essa “ideologia da Globalização”, para ele, se alicerçou na ideia de um mundo cada vez mais ligado e comunicado, livre de fronteiras e impedimentos de circulação e cada vez mais unido. Entretanto, o mesmo nos alerta: “Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado” (2000, p. 9).

Neste sentido, Santos (2000) fala que a “fábula da globalização” faz crer num mundo como aldeia global – onde os indivíduos estariam mais propensos a captação de informação, aos encurtamentos de distâncias pelas acelerações das comunicações, transporte e a morte do Estado -, na realidade, o mundo cada vez mais se mostra heterogêneo, indo de encontro aos atores hegemônicos e suas políticas homogeneizadoras.

Bresser-Pereira (2007) explica que com a Globalização, a livre circulação e mobilidade dos indivíduos, como promessa da existência de “cidadãos do mundo”, não alcançou a realidade para os sujeitos de países pobres e em desenvolvimento. Caracteriza-se apenas por ser uma metáfora, pois os Estados-nação permanecem e regulam a entrada de migrantes, trabalhadores, e a saída de seus cidadãos com rumo ao exterior.

Podemos indicar, de acordo com Bauman, que o grau de mobilidade, ou seja, de circulação dos indivíduos é o que exemplifica as desigualdades sociais no mundo da Globalização. O autor polonês explica essa mobilidade desigual pela existência de dois grandes grupos: o primeiro seria os “turistas”, que em suas palavras “Os turistas ficam ou se vão a seu bel-prazer”, movendo-se “porque acham o mundo a seu alcance (global) irresistivelmente *atraente*”; o segundo, os “vagabundos”, aqueles que “sabem que não ficarão muito tempo num

lugar, por mais que o desejem, pois provavelmente em nenhum lugar onde pousem serão bem recebidos” e movem-se “porque acham o mundo a seu alcance (local) insuportavelmente *inóspito*”. Para o autor, a desigualdade se traduz no fato de que “os turistas viajam porque *querem*; os vagabundos porque *não têm outra opção suportável*” (1999, p. 89). Ou seja, os “vagabundos” são os que engrossam os novos fluxos migratórios que são deslocados por uma força econômica maior e que direcionam esses fluxos para uma melhor exploração da mão de obra desses trabalhadores.

Logo, compreendemos que Santos (2000), sob uma linguagem menos cruel e mais teórica, ao se referir aos grupos como “possuidores e não-possuidores” vai ao encontro de Bauman (1999), ao descrever que a globalização criou falsas necessidades e ilusões de consumo. Além disso, o que realmente esse fenômeno globalizou foi a “falsa” ideia de consumo para todos e uma ideia de felicidade baseada no possuir. Assim, Santos identifica na contemporaneidade, dentre outras coisas, três tendências: “1. uma produção acelerada e artificial de necessidades; 2. uma incorporação limitada de modos de vida ditos racionais; 3. uma produção limitada de carência e escassez” (2000, p. 63).

Para Haesbaert e Porto-Gonçalves, o que a Globalização prometeu ao anunciar um novo mundo “sem fronteiras” após a queda do Muro de Berlim, em que “a liberdade de fluidez para o capital e as informações” são reais e intensas, não se fez acompanhar “pela liberdade de deslocamento para as pessoas, especialmente a massa crescente de despossuídos, sem dúvida o ‘perigo’ mais sério na nova des-ordem mundial” (2006, p. 49).

Nessa perspectiva, Souza explica como as migrações passaram a ter relevância nas pautas dos Estados-nação, mas não só pelo seu número cada vez mais expressivo no pós Guerra Fria, mas sim pela necessidade que esses Estados possuíam, e ainda possuem, de direcionar os fluxos mais importantes para certos setores da economia e limitar aqueles que não interessam para o conjunto do mundo econômico:

O atual processo de globalização, portanto, imprimiu às migrações internacionais novos contornos e, a partir daí, as colocou no topo das agendas políticas dos Estados, principalmente daqueles receptores de imigrantes, sendo a globalização econômica e a globalização cultural variáveis decisivas para se pensar os mecanismos através dos quais as migrações e as políticas migratórias tem adquirido tamanha relevância. (SOUZA, 2013, p. 21).

Sendo assim, Santos explica como esse fenômeno transforma o mundo econômico e social dos países, especialmente os mais pobres, por terem uma economia fragilizada e dependente do chamado primeiro mundo:

Essa globalização tem de ser encarada a partir de dois processos paralelos. De um lado, dá-se a produção de uma materialidade, ou seja, das condições materiais que nos cercam e que são a base da produção econômica, dos transportes e das comunicações. De outro há a produção de novas relações sociais entre países, classes e pessoas. A nova situação, conforme já acentuamos, vai se alicerçar em duas colunas centrais. Uma tem como base o dinheiro e a outra se funda na informação. Dentro de cada país, sobretudo entre os mais pobres, informação e dinheiro mundializados acabam por se impor como algo autônomo face à sociedade e, mesmo, à economia, tornando-se um elemento fundamental da produção, e ao mesmo tempo da geopolítica, isto é, das relações entre países e dentro de cada nação (2000, p. 32).

Em nossa leitura, Bauman (1999) e Santos (2000), mais uma vez convergem seus pensamentos ao constatarem que a Globalização fez com que o dinheiro ganhasse um poder de uma existência quase autônoma, graças à criação de uma lógica própria dos “governos financeiros globais”, como o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o BIRD, órgão que integra o Banco Mundial. Esses exercem um poder que, muitas vezes, excede os dos governos locais, principalmente de países mais pobres. Junto a isso, hoje, a ilusão do consumo universalizado, uma cada vez maior precarização das condições de trabalho com reformas e afrouxamento nas legislações trabalhistas e destruição das políticas sociais implantadas pelos Estados-nação, temos uma máquina de produção de novos pobres. Para complementar isso, diz Santos:

Examinando o processo pelo qual o desemprego é gerado e a remuneração do emprego se torna cada vez pior, ao mesmo tempo em que o poder público se retira das tarefas de proteção social, é lícito considerar que a atual divisão “administrativa” do trabalho e a ausência deliberada do Estado de sua missão social de regulação estejam contribuindo para uma produção científica, globalizada e voluntária da pobreza (SANTOS, 2000, p. 36).

O que esse conjunto de autores nos indica é que, certamente, no âmbito da Globalização, as migrações e os sujeitos migrantes no mundo são gravemente influenciados pelas forças de mercado e estímulos do mundo econômico, ou forçados a fugirem de seus países no contexto de gestões neoliberais da economia e política externa dos EUA e Europa Ocidental.

O que queremos dizer por aqui é que o fenômeno da Globalização, para o campo das migrações, exerce um papel fundamental para o deslocamento de milhares de trabalhadores em direção a todos os lugares, onde o mundo da produção solicita uma maior demanda por mão de

obra. A crítica feita por esse conjunto de autores citados no decorrer do texto, reside na perspectiva que o “mito” da Globalização padronizou somente a ideia de consumo para o mundo. As desigualdades crescem cada vez mais, somando-se às diferenças que aumentam entre os países desenvolvidos e não desenvolvidos, levando-nos a considerar que as políticas neoliberais na década de 1990, para o conjunto de países da América Latina e do Leste Europeu, só produziram, de acordo com os números apresentados no decorrer do texto, mais pobres e mais super ricos.

No contexto evidenciado acima, ainda acrescentamos os conceitos de *Economia Del miedo*, do escritor espanhol Joaquín Estefanía (2011) no que corresponde quando este afirma que os mercados, aliados aos grandes Estado-nação, no contexto da Globalização em que o mundo assiste a partir da década de 1980, governam através do medo, os seus cidadãos e os estrangeiros (este sofrem em especial pela insegurança jurídica pelos seu status migratório de “provisoriedade”), impondo ritmos diferentes à sociedade de acordo com as cíclicas crises do sistema capitalista atual. Segundo o autor, “(...) el miedo resurge como un ingrediente activo de la vida pública de las democracias: el miedo a la incontrolable velocidad del cambio, a perder el empleo, a quedar atrás en una distribución de recursos cada vez más desigual” (2011, p. 26). Estefanía nos ajuda a pensar que esse medo, construído pelos “fabricantes do medo”, é criado, alimentado e difundido pela grande mídia de massa e de forma instantânea também pela internet, sendo o medo impulsionado quando as relações de poder em uma sociedade de classes se tornam extremamente tensas.

Se antes o medo era impulsionado e praticado por ditaduras militares, pelos fascistas da Europa dos anos 1920 e 1930, pelo poder de ferro exercido por Joseph Stálin na URSS, agora o mecanismo do medo é exercido pelo que Estefanía chama de “la dictadura de los mercados”. Estes “mercados” produzem o medo de reduzir os ganhos reais das massas de trabalhadores, a conquista de direitos sociais e trabalhistas e ao subemprego. Esses são as características do medo da “ditadura de mercado” que se caracteriza no mundo globalizado e que condena não só a massa de nacionais em cada país, mas também os migrantes que, em contraste aos residentes dos países em que escolheram como rota de deslocamento, não dispõem de benefícios integrais de cidadania plena.

## 2.2 MIGRAÇÃO E OS FLUXOS GLOBAIS NO PÓS GUERRA FRIA

Os movimentos migratórios e deslocamentos humanos são por diferentes motivações, que vão desde problemas climáticos, econômicos, sociais e políticos. Não há deslocamento humano sem condicionantes ou um conjunto de fatores que o motivam e, nos grandes marcos da História, as influências macroestruturais se apresentam em cada época como um grande motor para as migrações.

No entanto, de acordo com Peixoto (2004), uma migração não é facilmente encaixada numa teoria explicativa universal, ou apenas estrutural, que dê conta de elucidar a complexidade e os fatores que envolvem esse fenômeno. Por isso, conceituar e colocar o fenômeno da migração em uma única teoria explicativa tem sido um grande desafio para inúmeras correntes dos estudos migratórios. De acordo com Patarra:

O entendimento dos processos sociais envolvidos nos fluxos de pessoas entre países, regiões e continentes passa pelo reconhecimento de que sob a rubrica *migração internacional* estão envolvidos fenômenos distintos, com grupos sociais e implicações diversas. Se, de um lado, nos interessa reter esse termo como forma de legitimar e garantir a visibilidade do que estamos tratando, nos fóruns internacionais e nacionais, de outro, carregamos o desafio de concretizar, em termos teórico-conceituais, as diversas e complexas interligações de instâncias sociais, econômicas, culturais, jurídicas e institucionais, entre outras, que envolvem os movimentos de pessoas que cruzam fronteiras de Estados-nação (2006, p. 9).

Para a autora, é preciso rever alguns de concepções epistemológicas sobre as migrações graças ao advento da Globalização. Este fenômeno é tão importante que para Patarra (2009), ele alterou significativamente as características de todos os fluxos globais de deslocamentos. A migração internacional, sob grande influência dessa ocorrência histórica, vem diversificando os fluxos, as massas e as novas direções migratórias. O que se é inédito na Globalização não são os fluxos migratórios internacionais, mas sim a velocidade e as características e o número que apresentam serem mais diversos.

Ao pensarmos nos fluxos migratórios oriundos de Cuba no período estudado, percebemos a importância de situá-los na perspectiva da Globalização, entendendo a influência do capital nesse novo contexto geopolítico e econômico nos deslocamentos de cubanos para fora da Ilha. Por outro lado, em estudos anteriores mostraram o quão produtivo é abordar o fenômeno migratório como “fato social total”, na perspectiva do argelino Abdelmalek Sayad, o que exige um conjunto de campos científicos, como explica o autor:

Todo o itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas, história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia e psicologia social e até mesmo das ciências cognitivas, antropologia em suas diversas formas (social, cultural, política, econômica, jurídica etc) (1998, p. 15).

Sayad (1998) nos alerta para complexidade das questões migratórias, apontando para importância de pensarmos naquilo que os teóricos e estudiosos da migração sob uma perspectiva macroestrutural não costumam levar em conta: a subjetividade do migrante. Aponta ainda a reflexão acerca do fato de que todo migrante antes de ser um imigrante, é um emigrante, defendendo que essa separação de conceitos nos leva a determinar certos campos de dominação para com o sujeito migrante. Nesses dois campos, o sujeito antes de ser “sujeito” ele já é categorizado como imigrante ou emigrante.

Ou seja, há uma parcela de dominação do indivíduo com terminologia “ditatorial” dos estudos de migração, divisão essa que será duramente criticada por Sayad. Aponta, portanto, para necessidade de um olhar integrado do local de origem e de destino antes e depois do migrar, mostrando para a complexidade do fenômeno migratório e os vários fatores que podem explicar a suas ocorrências e processos.

Sayad argumenta que o termo “imigrante” impõe uma diferenciação ao sujeito deslocado, sendo assim um estigma, é alicerçado sob três influências. A primeira se encontra no próprio migrante, que se impõe como um sujeito provisório na sociedade de destino, pois encara o novo local como sempre hostil à sua presença. Em seguida as comunidades de origem, pois estas consideram seus migrantes como simples ausentes, quando não chamados a voltar à sua terra de origem como se nada tivesse mudado no indivíduo. E por fim, a sociedade de destino que “consente em tratá-lo, ao menos enquanto encontra nisso algum interesse, como se esse provisório pudesse ser definitivo ou pudesse se prolongar de maneira indeterminada” (1998, p. 46).

O autor relata que o sentimento de “provisoriidade” do migrante é compartilhado e ressignificado numa lógica de perpetuação não só por ele mesmo, mas também por um conjunto de elementos, pois o Estado, a sociedade e o mundo da economia, quando precisam, estimulam e dão condições para que pessoas se desloquem para os países daqueles, pois aqueles enxergam uma certa “utilidade” nessa mão-de-obra. Porém, quando não deles precisam mais, não só impedem novos deslocamentos, como mantêm aquela massa despossuída de direitos e garantias à margem das instituições, como elemento de reserva para qualquer emergência econômica

“imigração e imigrantes só têm sentido e razão de ser se o quadro duplo erigido como o fim de contabilizar os ‘custos’ e os ‘lucros’ apresentar um saldo positivo – idealmente, a imigração deveria comportar apenas ‘vantagens’ e, no limite, nenhum ‘custo’” (1998, p. 50).

Para englobar a complexidade do objeto de estudo deste trabalho, que trata sobre deslocamento de cubanos para o estado de Roraima, levamos em consideração as categorias de análise “trajetória migratória e social” por entendermos pertinente ao que alerta Sayad: de que na trajetória de um imigrante, além de sua subjetividade ser fator para o início de seu deslocamento, os fatores macro-estruturais também o são. Sendo assim, a migração é um fato social total por ter influência não só das forças macro, como a economia e os movimentos históricos, mas também por decisão da subjetividade do sujeito e até de seu núcleo familiar.

Logo, entendemos que a proposta de análise de Sayad é a mais completa para compreender os deslocamentos de cubanos para Roraima no período 1993-2012, visto que essa ocorrência histórica abrange questões que vão além das teorias migratórias da escola de Chicago (PEIXOTO, 2004) – que enxerga nos elementos econômicos a única explicação para movimentos migratórios - e também questões que não se explicam somente por elementos da conjuntura macro-econômica.

Logo, Sayad nos esclarece a necessidade de pensarmos, junto ao migrante, como reconstituir o seu itinerário migratório:

Não se pode fazê-lo sem remontar o curso da imigração em toda sua extensão e além dela, até mesmo acima da emigração; sem nos perguntarmos sobre todo o itinerário do imigrante e sem interrogá-lo sobre seu itinerário (seu itinerário profissional e seu itinerário social) a fim de poder caminhar com ele e tentar reconstituir, retrospectivamente e com a sua ajuda, a trajetória social que fez dele o representante de um certo modo de emigração e, sendo que uma coisa prolonga e confirma a outra, de um certo modo de imigração (1998, p. 112).

Pensando no mecanismo estatal que originou o deslocamento de cubanos para Roraima, buscamos amparo em Gerbeau (2018), quando discute programas de contratação temporária de trabalhadores de diferentes áreas. Em seu estudo que analisa o fenômeno da imigração e o Estado a partir da perspectiva de Sayad (1998), o autor discute os reais interesses dos Estados no que diz respeito à elaboração destes programas. Gerbeau alega que esses programas são impulsionados pela cadeia global de trabalho, pois o mercado precisa de mão de obra barata, ativa e de reserva disponível para enquadrar os trabalhadores nas diferentes linhas de produção. Porém, o Estado não quer que o migrante que se desloca para seu território não deixe de ter seu *status* de migrante “temporário” – a ideia de “temporalidade” do imigrante em Sayad (1998).

Logo, Gerbeau sinaliza que tais programas resultam de uma construção elaborada em conjunto dos interesses do Estado e do Mercado para eliminar os eventuais efeitos “negativos” que imigração possa trazer para os países e a sociedade local:

Con el desarrollo del capitalismo neoliberal tanto Estados como Organizaciones Internacionales han reforzado su interés en los PMT en un contexto donde el capital variable (mano de obra) es el único factor del proceso productivo sobre el que empresarios y Estados tienen control (2018, p. 288).

Cabe a nós lembrarmos que a obra de Sayad (1998), sua teoria migratória e seus conceitos de trajetória social e migratória são focados na análise e estudo da migração de argelinos para a França no século XX. A Argélia foi colônia francesa entre 1830 a 1962, quando Charles de Gaulle presidente francês, aceitou a independência daquele país. Logo, Sayad reconhece que “naturalmente”, pelo *status* de colônia, os argelinos se deslocariam para a França alimentando o sentimento de perpetuação da colonização francesa sobre a Argélia. Porém, cabe destacar que o diferencial das análises do autor se encontra quando este compreende todo o fenômeno da migração como “Fato Social Total” – pois este requer estudos de todas as áreas de Ciências Humanas.

Segundo Zunino (2018), a obra de Sayad se define a partir de quatro elementos: Primeiro, um transnacionalismo – pelo caráter de seu objeto de estudo. O segundo consiste em compreender a condição de emigração e imigração e seu caráter de “temporalidade” do sujeito. Terceiro, os aspectos sócio-históricos do objeto de estudo que incluem o lugar de origem e destino. Por último e não menos importante, as condições subjetivas do migrante que tanto podem informar sobre as causas de seu deslocamento e responder à reconfiguração de sua trajetória social e migratória.

No ensaio de Villen (2018), quando esta analisa os deslocamentos de trabalhadores “médicos-migrantes”, em especial para o Brasil – no âmbito do Programa Mais Médicos, iniciado em 2013 – a mesma alega que esse mecanismo de contratação temporária de trabalhadores, principalmente estrangeiros, está baseada numa tendência global – tendo esta ganhado força na globalização – no que ela chama de “regime internacional de contratação de força de trabalho”. Interessa aos Estados-nação, “mercado” e a sociedade local a “provisoriidade” desses sujeitos migrantes, mesmo que esses disponham de uma excelente qualificação. Esses sujeitos têm sua permanência “desejada” quando de sua mão-de-obra: necessita aqueles que o desejaram. “O caso do Reino Unido é exemplar, pois, apresenta altas

taxas de recrutamento internacional desses serviços, seja internamente à União Europeia (nas periferias da zona euro), seja externamente” (2018, p. 220).

No caso dos cubanos, incluso os professores que chegaram à UFRR nos anos de 1990, não escaparam de sofrer essa condição de provisoriedade – ainda que historicamente o estado de Roraima estimulou não só o deslocamento de migrantes nacionais sem qualificação profissional, mas também de indivíduos com formação universitária e técnica para ocupar cargos no conjunto das instituições governamentais (SANTOS, 2012) – posto que aquilo que Villen chama de convênios “inter-estatais”, obedeciam a lógica de tendência global para estímulo à migração temporária. Assim como o caso dos “migrantes-médicos” não dispunham de vínculo empregatício registrado no Ministério do Trabalho do Brasil, seus vencimentos sem a garantia de uma renovação contratual, sem 13º salário ou recolhimento de Fundo de Garantia.

Nesse sentido, é pertinente quando Villen aponta o caso peculiar dos convênios cubanos:

O recurso de formação e exportação massiva de médicos coloca-se como um instrumento do Estado cubano que envolve contradições. Por um lado, pode ser interpretado como uma política pública que, na contracorrente dos países periféricos, oferece o acesso, de forma geral à sua população, do sistema de saúde público, com excelência reconhecida mundialmente e com alcances também de uma missão internacional. Por outro lado, esse sistema também é utilizado como mecanismo de arrecadação de divisas baseado na mobilidade temporária de parte dos médicos nacionais (2018, p. 223).

Buscamos referência em alguns autores que têm encaminhado seus estudos das migrações nas novas direções – de compreender a migração como fenômeno complexo e em constante reconfiguração-, ainda que se baseiem em análises macroestruturais. Como Mondardo, que contribui para a abordagem das subjetividades e alteridades dos sujeitos migrantes, quando alerta que:

Quando se fala de migrantes e do ato de migrar, não se refere apenas a um deslocamento de pessoas por um dado motivo, mas fala-se também da transposição de contextos estruturais que cercam estes indivíduos como costumes, línguas, tradições históricas, sentidos e significados de lugar (2010, p. 5).

Segundo o autor, os contextos estruturais e culturais dessa diversidade de migrantes, vindos de todos os cantos do globo para diferentes fluxos, encarando as mais diversas formas de deslocamento, passam por fronteiras físicas e também imaginárias, entendidas como “tanto nas dimensões constitutivas da nação, no seu caráter territorial/geopolítico como discursivo/

imaginário, ou seja, no imbricamento de aspectos semiótico-material para o exercício do poder estatal” (MONDARDO, 2010, p. 3).

Matos, defendendo também essa proposta, afirma que seria errôneo colocar nas decisões individuais uma única explicação para os deslocamentos. Afinada com a tese de Sayad (1998) – da migração como um fato social total – reforça que existe toda uma complexidade social que influencia os deslocamentos de sujeitos migrantes, na qual se relacionam as forças macroestruturais, as decisões tomadas de posições individuais, de grupos ou de núcleos familiares, argumentando que:

A liberdade das escolhas tomadas num vazio social não existe, o indivíduo está envolto num conjunto de relações que lhe condicionam a decisão de forma consciente e inconsciente; a ação individual encontra-se diluída numa trama social que prepara o indivíduo para as escolhas, moldando a forma de apreender os factores de atracção e repulsão e a sua resposta (1993, p. 7).

Matos justifica que “do exagero do indivíduo livre e racional passou-se à imagem, igualmente tendenciosa, do ‘homem-marioneta’, cujo menor movimento é gerado pelas teias de uma estrutura que o domina” (1993, p. 19). Quer dizer com isso que não devemos atribuir a uma teoria ou exclusivamente à onda da Globalização a explicação de todo e qualquer movimento migratório. A Globalização influencia os fluxos migratórios contemporâneos, como no caso cubano, porém, pelas suas complexidades deve-se levar em conta uma conjunção de fatores que envolvem ainda as conjunturas históricas da ilha caribenha, geopolíticas pelo seu isolamento, econômicas por conta de sua economia fragilizada e as questões subjetivas dos sujeitos migrantes.

Assim, a autora prefere utilizar termos como “condicionam” e “influenciam” para referir-se às circunstâncias que protagonizam um movimento migratório, individual ou coletivo. Ou seja, há um conjunto de fatores que “condicionam” os indivíduos a tomarem as suas decisões de migrar e que vem caracterizando as migrações contemporâneas, principalmente na Globalização: “as circunstâncias condicionam a decisão de migrar, mas não a determinam; como diria Marx, são os homens que fazem a sua própria história, mas não nas condições por eles escolhidas (MATOS, 1993, p. 19).

Também pensando na migração como um fenômeno de características sociais complexas, cujo estudo engloba todas as áreas das ciências humanas, Marandola Jr. e Gallo (2010) contribuem para refletirmos sobre o processo de mobilidade de sujeitos, ao defenderem a abordagem da existência e da experiência e da multiterritorialidade, como justificam: “Se os

autores se concentram em compreender as implicações para os grupos, nosso enfoque se direciona para existência e, a partir dela, podemos pensar os grupos. É na experiência da migração que buscamos compreender que é ser migrante” (2010, p. 409).

Ressaltamos que, ainda que este trabalho não trate da constituição de territórios e nem se baseie em uma perspectiva fenomenológica, encontramos nestes autores um aporte interessante e que nos ajuda a explorar a dimensão das subjetividades. Nesse viés, Marandola Jr. e Gallo destacam que o deslocamento para outro lugar torna o migrante “susceptível à angústia e ansiedade”, abalando também sua “a *segurança* existencial e a identidade”, estas profundamente ligadas aos lugares em que vivemos antes e depois da migração e na constituição de novos “territórios”.

Junto a isso, os autores entendem que “nos atuais tempos líquidos, da modernidade líquida, tempo de flexibilização de todos os campos da vida social”, na perspectiva de Bauman (1999), aumenta a importância da abordagem das questões existenciais. Isso os leva a afirmar que “hoje, a migração possui muito mais facetas do que as condicionantes externas ou estruturais”, o que indica a importância de metodologias que deem destaque e ênfase às “trajetórias particulares”, pois elas “permitem apreender novos elementos que são relevantes no processo, ampliando assim o universo de questões e fatores relevantes no fenômeno da migração” (MARANDOLA JR. E GALLO, 2010, p. 418-419).

Para elucidarmos em números o que Souza (2013) fala sobre a “originalidade” das migrações internacionais no período da Globalização, apresentamos alguns dados relatados pelo autor. Tais evidências ainda reforçam o caráter de deslocamento concentrado para o chamado “primeiro mundo” ou “países centrais”. Se selecionarmos a população total dos países desenvolvidos, que dispõem de cerca de 1,2 bilhão de pessoas, ou ainda 20% da população mundial, neles se concentram cerca de 60% de todos os migrantes internacionais. No início da década de 1980, tomada como marco da Globalização, essa população migrante estava na casa dos 48 milhões, para 20 anos depois, no ano 2000, ocupar o montante de 110 milhões. Enquanto isso, os países em desenvolvimento, que nos anos 1980 tinham 52 milhões de migrantes, viram esse número saltar para 65 milhões.

Porém, o autor alerta, baseado nos números do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD de 2009, também para o crescente número de migrações internacionais entre países em desenvolvimento na atualidade:

Apenas 37% das migrações de todo o mundo são de países em desenvolvimento para países desenvolvidos. A maior parte das migrações ocorre entre países com o mesmo nível de desenvolvimento: cerca de 60% dos migrantes desloca-se ou entre países em desenvolvimento, ou entre países desenvolvidos (os restantes 3% referem-se a deslocações de países desenvolvidos para países em desenvolvimento) (PNUD, 2009, p. 21).

Portanto, aliado a perspectivas de análise que empregam diversas áreas, podemos apontar que na era da Globalização, apesar de a migração internacional não ser uma novidade, ela adquiriu outras características e volumes não presentes em anos anteriores. O “Sul-Global” viu crescer o fluxo migratório de indivíduos entre seus países, assim como para países desenvolvidos (BAENINGER, 2018). Sendo assim, como apontamos anteriormente, cabe aos estudiosos de migração um novo olhar sobre o exercício da reconfiguração dos fluxos pelo mundo em diversas direções, não desatendendo para a necessidade de incorporar as subjetividades dos rostos, incluídas vidas, histórias e trajetórias de cada indivíduo que migra, não os renegando o amargo sabor de uma simples estatística.

### **2.3 HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA**

A História Oral (HO) cumpre um papel metodológico nesse trabalho por encararmos a mesma como a mais adequada ferramenta para se ter acesso às memórias dos sujeitos migrantes cubanos. Estas como um instrumento para a compreensão das subjetividades desses indivíduos e os aspectos individuais no que tange ao seu projeto migratório e social, estes transformados em objetos de análise nessa pesquisa.

Todavia, devemos considerar o que é a metodologia da história oral, pois de acordo com Meyhi “(...) chamamos história oral os processos decorrentes de entrevistas gravadas, transcritas e colocadas a público segundo critérios predeterminados pela existência de um projeto estabelecido” (2000, p. 85). Neste caminho, fontes orais, atendendo a objetivos de um projeto para a escrita desse trabalho que visa analisar as trajetórias de migrantes cubanos para o estado de Roraima se fundamentam no que diz Portelli (2010), quando defende que as narrativas orais dão luz às trajetórias dos sujeitos migrantes, se mostrando como faróis que iluminam as complexas relações sociais entre o mundo coletivo e o individual, que estão encobertas ou são sufocadas pelas chamadas “memórias monumentos”.

Logo, entendemos também que a HO serve de instrumento para uma historicização da memória daqueles sujeitos “marginalizados” pelas grandes análises que negligenciam as

subjetividades dos sujeitos marginalizados e silenciados pelas instituições. Assim sendo, afirma Schwarzstein:

Se nosso objetivo é a historicização da memória, a melhor homenagem à memória do mundo dos vencidos é escrever e tornar sua história inteligível, o que só lograremos através de procedimentos rigorosos, no momento da entrevista e em sua posterior interpretação” Schwarzstein (2000, p. 102 e 103).

Pensando na relação entre História Oral e estudos migratórios, Thomsom (2002) afirma que “o testemunho pessoal revela o complexo entrelaçamento de fatores e influências que contribuem para a migração e para os processos de troca de informações e negociação no interior das famílias e das redes sociais” (2002, p. 345). Vale dizer que enquanto, basicamente, as fontes tradicionais não orais dão acesso aos elementos “macro” dos processos migratórios – ou seja, explicações de fatores e forças macro-econômicas – os relatos orais ajudam os pesquisadores a identificar as diferentes formas que a Globalização e as políticas migratórias influenciam as decisões, os percursos, os deslocamentos de indivíduos e grupos de migrantes, como no caso dos cubanos.

As fontes orais, conseqüentemente, permitem não só compreender as subjetividades individuais, mas também as experiências sociais e coletivas envolvidas no complexo processo de deslocamento. Como afirma Thomsom, “nossas lembranças de quem fomos e de onde viemos moldam nosso sentido do 'eu' ou de identidade no presente e, dessa forma, afetam as maneiras como construímos nossas vidas” (2002, p. 358). A experiência da migração molda, modifica, transforma e preserva novos estágios de migração, dando forma a nossa existência.

Contudo, as memórias, objeto de estudo, são variáveis humanas que são, assim como partes intrínsecas das subjetividades humanas, factíveis de falhas e esquecimentos. Não cabendo ao pesquisador o papel perverso de qualificar como confiável ou válida a experiência individual de cada entrevistado. Logo, Roseman ressalta que ao compararmos os depoimentos dos relatos orais com outras fontes tradicionais, como documentos, “não implica um desejo ou uma expectativa de ameaçar a veracidade fundamental de seu depoimento”, explicando que “ao contrário, contribui para iluminar os muitos processos da memória que procuramos compreender” (2000, p. 134), não havendo nenhum desrespeito ao colaborador e sua entrevista.

Assim sendo, Passerini (2011), dando ênfase na importância para a oralidade nas pesquisas sobre acontecimentos históricos, afirma que as subjetividades dos sujeitos migrantes reveladas através da “memória” é visível em entrevistas e diálogos orais, em contraponto às

fontes tradicionais de pesquisas. Essa é o maior fator de importância da oralidade, pois através desse instrumento podemos captar sentidos, emoções e outras mais experiências que a frieza de um documento escrito facilmente as camuflaria.

Neste sentido, destaca-se o papel da memória como fonte nesta pesquisa, entendida aqui na perspectiva de Candau (2011), isto é, como um mecanismo que representa as concepções e formações identitárias dos sujeitos. Estas memórias, não se organizam apenas em ordens cronológicas e temporais, mas por referências, marcos e acontecimentos e nas trajetórias individuais.

Nesta seara, Portelli afirma que “a memória simplesmente é: não podemos decidir se teremos ou não memória, e só conseguimos controlar parcialmente o seu conteúdo e o seu funcionamento” (2016, p. 45). A memória é entendida por Potelli, então, como um fenômeno humano individual, fundado também na memória coletiva, que passa pelas concepções individuais dos sujeitos, cabendo a este filtrar, isolar, selecionar, excluir, relembrar e “armazenar” aqueles acontecimentos que mais marcaram as suas trajetórias individuais. Ou seja, as memórias ganham importância e significado de acordo com a sua contribuição para as trajetórias individuais ou acontecimentos de vida de uma pessoa.

O que representa a memória para o autor e o papel da História Oral:

E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você ‘recorda’ a história, mas memória ‘como’ história (PORTELLI, 2000, p. 69).

Deste modo, a memória individual não é encarada aqui como uma luta contra a cientificidade e o rigor da metodologia da História ou a substituição desta por aquela. Muito pelo contrário, não cabe à memória contradizer as formas metodológicas da investigação da História. Até por que, a memória é falha, muitas vezes imprecisa, confusa, dispersa, evasiva e também ideológica. Ela é tudo isso, simplesmente, porque ela é a memória, como nos diz Portelli (2000).

Roseman (2000), corroborando com os pensamentos de Portelli (2000), afirma que as imprecisões das memórias ou até as suas reais intenções de subjugar elementos e deixá-los intransponíveis ao entrevistador, apresentam assim um interessante elemento de análise para o pesquisador. Em razão disto, uma judia entrevistada por Roseman, em suas narrativas sobre a experiência com o Holocausto judeu na Alemanha Nazista, mostram que essas falhas ou

autocensuras do entrevistado “mostram como a memória vagueia em torno de um núcleo incontrolável, tentando manter experiências traumáticas sob alguma espécie de controle” (2000, p. 131).

A memória dos migrantes pode estar edificada sob lembranças que marcam a sua identidade individual e coletiva, tendo sua trajetória como pano de fundo, argumentando que:

Cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo “nível de evocabilidade” ou de memorabilidade. Eles são representados como marcos de uma trajetória individual ou coletiva que encontra sua lógica e sua coerência nessa demarcação (2011, p. 98-99).

As narrativas das trajetórias migrantes se edificam a partir da organização de acontecimentos memoráveis, cujo significado está na interseção entre o individual e o coletivo. Sobre isso, Portelli (2016) conceitua dois campos da memória “memória-monumento” e a chamada “memória incômodo”. Sobre a primeira explica que é:

(...) a memória praticada e frequentemente imposta pelas instituições, como comemoração e celebração das glórias do passado; narração da identidade nacional que só recorda aquilo que a orgulha, ocultando as sombras e as contradições. Frequentemente, esta é também uma memória individual sobre a qual se constroem os alicerces de uma identidade pessoal (2016, p. 48).

Se a “memória-monumento” preserva um passado forjado, moldado e reinterpretado pelas instituições, que não pode ser compreendido como inerte nem intangível, a “memória incômodo”, segundo Portelli (2016), mostra que esse passado institucionalizado é construído sobre rupturas, contradições, tensões, opressões, perseguições e até acontecimentos como separações de famílias e abandono, elementos estes que podemos observar nas entrevistas realizadas para esta pesquisa.

Ainda sobre a relação entre as narrativas orais e a memória, e entre essas e as dimensões individual e coletiva, Portelli (2010) explica que as narrativas tendem a se organizar sob três eixos de experiências, assim definidas: a primeira como “uma modalidade ‘institucional’, narrada de modo impessoal ou em terceira pessoa, com referentes espaciais e sociais atinentes à esfera pública”; a segunda como uma “modalidade ‘comunitária’, narrada na primeira pessoa do plural, com referentes espaciais relativos à comunidade do local e elementos do “entorno imediato”; e a última como “uma modalidade ‘pessoal’, na primeira pessoa do singular, com referentes sociais e espaciais concernentes à vida privada, à família, à casa” (2010, p. 22).

Podemos esperar, então, que em uma narrativa oral a primeira e a segunda modalidades caracterizem-se por serem compostas por assuntos relacionados à vida e à atividade pública e ao convívio com a “coletividade” e a esfera social. Já a terceira seria o lugar para o surgimento do “eu”; do “eu” migrante, do “eu” cubano, do “eu” deslocado, sendo ela a fonte das experiências e memórias individuais e das relações do indivíduo com o seu ambiente social e histórico.

Entretanto, alguns relatos dos nossos colaboradores cubanos surgiram interessantes questões relacionadas às críticas destes migrantes contra o regime de seu país, bem como ao comportamento de embaixadas e autoridades cubanas no Brasil no contexto dos convênios e o rompimento político com o país.

Em termos de comparação e resguardado os seus contextos históricos e sociais, aquilo observado por Kaminsk (2000) em seu ensaio sobre as narrativas dos prisioneiros de guerra dos campos de concentração na URSS, após o fim da II Guerra Mundial, que colaboraram com os nazistas durante a invasão alemã à URSS, assumiram “uma avaliação das entrevistas e lembranças arquivadas no Memorial de Sachsenhausen demonstrou que a maioria deles recorre cada vez mais a dados e conhecimentos históricos e os integra na apresentação de seu destino (...)” (2000, p. 147). Estas, podem encontrar eco nas falas dos migrantes cubanos quando estes “demonizam” o regime cubano e os anos de repressão que ocorreu em Cuba. Se trata aqui, em termos de comparação, em ambos os casos, de uma tentativa do entrevistado em colocar a sua fala sob um lado da história e ocupar o seu papel de vítima ou ator em determinados processos históricos.

Ainda sobre o rechaço contra o país e suas instituições, Portelli (2000) nos auxilia a pensar em um aspecto que surge em alguns dos relatos dos nossos colaboradores: o ressentimento e a negação contra a própria nação cubana. De acordo com autor, essa analogia traumática pode ser aplicada aos que negam o seu “pertencimento” à Cuba e que ainda soterram suas lembranças do lugar de origem. Para ele, isso surge como um mecanismo de superação de uma vida “além pátria”. A forma mais fácil para uma reorganização familiar, profissional e social, ou seja, o total êxito de seu “projeto migratório”, pode se encontrar na negação de sua cidadania originária, que o “forçou” a abandonar seu núcleo familiar, sua carreira profissional e sua comunidade, para assim nascer uma melhor adaptação e superação de traumas e separações abruptas “a negação, entretanto, deixa marcas, um não articulado sentimento de culpa” (2010, p. 74).

Essa negação das instituições de origem, da cultura, da comunidade, do núcleo familiar de origem, isto é, a carga de ressentimentos acumulados, aparece em diferentes depoimentos e em distintas roupagens. Devemos considerá-la como uma estratégia “É por isso que a negação muitas vezes se reveste das ambivalentes roupagens da reminiscência” (PORTELLI, 2000, p. 75).

Quando nos voltamos para as trajetórias e experiências migratórias dos cubanos migrantes para Roraima, levamos em conta os aspectos acerca da memória levantados acima, principalmente a partir do que nos diz Aja Díaz et al. (2017), quando explica que:

(...) la emigración constituye un fenómeno básicamente endógeno y endémico de la sociedad cubana, con profundas raíces históricas en el orden político, económico y presencia de redes sociales, las cuales se profundizan y amplían a partir del proceso revolucionario que triunfa en enero de 1959 (2017, p. 43).

A sociedade cubana, portanto, têm no seu passado e no seu presente fortes “memórias” acerca da emigração/imigração e dos seus desdobramentos. Ainda que esse processo de mobilidade populacional tenha assumido diferentes características em suas diversas fases, antes e depois de 1959, as entrevistas realizadas mostram que, sem dúvida, esse processo produziu marcas indeléveis na existência pessoal dos cubanos, dos que permanecem e dos que saíram. Ou seja, a “memória monumento” pelas características peculiares do Regime Cubano, se chocam com a realidade das camadas subterrâneas da memória “incômodo”, essas marcadas por contradições, rompimentos, traumas e separações.

Por fim, acreditamos ser relevante para a pesquisa discutir a questão das redes migratórias, tendo em vista que estas incidem em todas as migrações, principalmente a partir da velocidade na circulação e profusão de informações na atualidade. As “redes migratórias”, de acordo com Truzzi (2008), aglutinam diversas estruturas sociais que dão suporte para que o sujeito migrante realize seu trajeto e atenuem os efeitos da mudança para o novo local de moradia e trabalho. O migrante é visto, nesta perspectiva de análise, como “mobilizadores” do seu capital social e agentes de conexão para a criação de novas redes.

Neste sentido, Aja Díaz et al. afirmam que as redes migratórias possuem um papel fundamental na articulação da emigração de cubanos, tanto para o exterior quanto nas migrações internas, notadamente a partir da Revolução:

Actores claves en el proceso migratorio externo cubano son las redes, las cuales desempeñan un rol significativo en el estímulo y apoyo a la emigración de cubanos y

su posterior inserción, evidenciado fundamentalmente en las crecientes visitas al país, el envío de remesas y los procesos directos y sobre todo indirectos de inversión en la economía cubana. A la vez, aparecen nuevas y cada vez más diversas expresiones de transnacionalismo entre los migrantes cubanos (2017, p. 47).

Cabe ressaltar que não só familiares e amigos compõem os sujeitos que integram as redes migratórias. No caso do fenômeno migratório cubano, Aja Díaz et al. (2017) mostram que se inclui também os chamados “coiotes”. Estes, embora sejam vistos pelas autoridades como criminosos que exploram os migrantes para facilitar a entrada em outros países, os sujeitos que neles confiam seu investimento de vida não os vem somente por esse aspecto “criminalizante”, mas como um elemento referendado pela rede de migrantes que os antecederam.

Destacamos que em estudos anteriores, sobre os primeiros grupos de cubanos que chegaram a Roraima através de convênios de trabalho temporário entre o governo de cubano e a Universidade Federal de Roraima – UFRR e o governo do estado de Roraima, percebemos a pouca influência as “redes migratórias”. Porém, neste trabalho que abrange as migrações entre 1993-2012, temos verificado em nossas pesquisas iniciais a presença de indivíduos que se deslocaram para Roraima graças a uma rede migratória já estabelecida.

## **2.4 OS COLABORADORES E SEUS RELATOS**

Nesta seção, tratamos de contextualizar os colaboradores da pesquisa, apresentando os seus perfis e outros aspectos pertinentes à constituição das fontes orais por meio da História Oral.

Seguindo o roteiro de entrevista aberto e semiestruturado, este, aberto e flexível, objetivou identificar as características do projeto migratório e social dos migrantes, bem como as suas memórias do país de origem e o significado de um deslocamento transnacional. Essa forma de entrevista, mostrou-se a mais adequada pela especificidade desses deslocamentos de migrantes para Roraima – através de convênios médicos ou pela rede migratória de cubanos já estabelecida por aqui. Logo, diferente daqueles migrantes cubanos que aqui chegaram após a Reforma Migratória de 2012, os cubanos entrevistados vieram para o Roraima sob bases contratuais, com tempo limitado de serviço e permanência e com objetivos profissionais em diferentes instituições estatais. Somente a minoria das entrevistas fugiram a essa realidade histórica da migração cubana.

Para esse trabalho foram selecionadas 6 entrevistas de cubanos: 5 homens e 1 mulher. A dificuldade quanto ao tempo disponível dos sujeitos para entrevista – que resultaria em mais de 1 hora de conversas e gravações – inviabilizou outras importantes colaborações, visto que muitos médicos cubanos trabalhavam em diferentes locais, dispondo de pouco tempo para uma conversa livre e que atendesse aos objetivos do roteiro de entrevista. Isto posto, destacamos que o número reduzido de mulheres colaborando com a pesquisa encontra explicações no pequeno número destas que se deslocaram para Roraima no período estudado. Assim, fugiu do nosso alcance uma maior colaboração feminina com a pesquisa.

Dos 6 entrevistados, 4 são oriundos de convênios entre a Universidade Federal de Roraima e Universidade Estadual de Roraima com universidades cubanas, ainda nos anos de 1990. Dois deles já estão aposentados, 1 ainda atua no Ensino Superior e outro saiu do mundo acadêmico e trabalha colaborando com instituições do Governo de Roraima. Os outros dois colaboradores são médicos e vieram para Roraima sob circunstâncias diferentes. O médico, se deslocou para Roraima “fugindo” pela fronteira de um país fronteiriço ainda no fim da década de 1990, estando no país vizinho através da política de convênios de Cuba com aquele país. Já a médica, que é filha de um dos migrantes-médicos que chegaram no estado durante os anos de 1990, atendendo ao chamado do Programa Estadual Médico em Sua Casa, vindo para Boa Vista a pedido do pai. Logo, observamos que esses dois últimos casos são frutos de uma “rede migratória” que possibilitou os seus deslocamentos.

Todos os entrevistados se encontram em uma situação financeira estável, com empregos em cargos públicos, alguns ainda dispõem de empreendimentos privados em outras áreas e trabalham em suas profissões que atuavam em Cuba. Com exceção da médica – esta constituiu seu primeiro núcleo familiar no Brasil – todos os outros colaboradores reconstituíram suas “novas famílias” em Boa Vista.

O período das realizações das entrevistas foi distinto, algumas delas são resultados de trabalhos anteriores que respondiam aos mesmos objetivos desta pesquisa com o semelhante tipo de migrante sob um roteiro que reconstituísse as suas trajetórias, bem como as suas memórias no lugar de origem e destino. Algumas entrevistas foram feitas nas dependências de órgãos públicos entre horários de trabalho dos entrevistados e outras gravações foram realizadas nas residências dos mesmos.

Cabe ressaltar que optamos pela modalidade do anonimato das entrevistas por algumas conveniências e respeito às suas informações íntimas. Surgiram em alguns relatos acusações contra funcionários de Consulados Cubanos, de Embaixadas de Cuba, contra membros de

curso da Universidade Federal de Roraima – UFRR e também contra o Conselho Regional de Medicina – CRM RR e a profissionais da área educacional e médica de Roraima. Assim sendo observado, alguns relatos mostram fortes traumas, mágoas e ressentimentos sobre esse período, cabendo a nós pouparmos os nossos colaboradores de possíveis constrangimentos e futuras indagações que os levem a prejuízos emocionais. Todas essas memórias que afloram contra instituições, governos e pessoas, podem aparecer nas entrevistas de História Oral, surgindo assim aquilo que Portelli (2016) classifica como “memória incômodo” como contraponto à “memória monumento”.

No tocante ao conteúdo das narrativas, alguns dos sujeitos migrantes, mesmo que rapidamente, colocaram “brechas” em suas falas, ou tentaram “abafar” informações ao se referirem às memórias no lugar de origem e sobre possíveis perseguições políticas ideológicas, bem como ao processo de adaptação. A respeito disso, Souza (2004) afirma que mesmo que exista um roteiro de entrevista definido, irão surgir algumas informações, visões, opiniões, associações e análises próprias do narrador que as apropriam em sua narrativa, sendo muitas vezes não tão necessárias à pesquisa, cabendo ao pesquisador-entrevistador o papel de não as desprezar e saber tomá-las como vantagem para os objetivos de sua pesquisa. Logo, o que deve ser percebido pelo investigador é que o narrador ao falar de si, ao mesmo tempo, fala de outros, de todos os ‘outros’, individual e socialmente dimensionados, que podem engendrar sentidos” (2004, p. 66).

Também cabe ressaltar que encontramos um empecilho no momento das transcrições das entrevistas dos cubanos. Cinco dos entrevistados já possuem mais de 50 anos e mesmo morando no Brasil por mais de 15 ou 20 anos, registra-se a falta de fluência no português, já que principalmente os professores, não encontraram dificuldades de empregabilidade em Roraima, mesmo não possuindo o domínio da língua portuguesa. Assim sendo, o processo de gravação das narrativas foi marcado por um “portunhol” característico daqueles que misturam palavras, frases e expressões das duas línguas, o espanhol e português. Entretanto, esta ocorrência não ocasionou nenhum distúrbio no entendimento dos áudios ou falta de compreensão das falas que pudesse atrapalhar o entendimento das questões.

Ainda se registra que, por se tratarem a maioria dos entrevistados de intelectuais da área acadêmica, com Pós-Graduações realizadas na União Soviética e por profissionais da área médica que também dispõem de Ensino Superior completo, percebeu-se o que poderíamos chamar de “arquitetura linguística” nas falas iniciais de cada um deles. Essa arquitetura constituiu falas bem articuladas, marcadas, no entanto, por alguns medos e traumas ao falar

sobre seu passado em Cuba, nos anos da Guerra Fria, e também de perseguições políticas do Regime. Porém, com o decorrer da entrevista e os entrevistados ganhando confiança no entrevistador, acredita-se também pelo garantido anonimato dos depoimentos, percebeu-se uma maior fluidez em temas espinhosos que, normalmente, sem um bom preparo de roteiro e entrevista, e a falta de percepção do momento certo para perguntas e questionamentos acerca do roteiro, poderia não lograr sucesso na entrevista. Logo, este não foi o caso.

Em uma narrativa oral o narrador explora expedientes linguísticos e estilos para tornar sua mensagem mais compreensível e válida para a entrevista. Claro, quando previamente explicado ao colaborador os objetivos da pesquisa e que ela se trata de uma colaboração para elaboração de uma dissertação, tendo ciência que sua narrativa percorrerá expedientes acadêmicos, prepara um texto oral numa interação entre suas memórias e os fatos atuais acerca de seu projeto social e migratório, arquitetando um discurso com elementos dramáticos, humorísticos e analíticos acerca do futuro de seu país de origem.

Assim sendo, consideramos que as entrevistas atenderam integralmente aos objetivos impressos nos roteiros abertos e flexíveis acerca dos projetos migratórios e sociais dos entrevistados, bem como também estímulo para um aflorar das memórias dos entrevistados, tanto do lugar de origem quanto de destino. Elementos de memórias individuais, os impactos da vida antes e pós migração, mais uma vez, mostram que a memória é um fenômeno humano que está sob a vigilância do indivíduo, onde esse seleciona, exclui e censura aquilo que lhe convém.

### 3. CUBA, RORAIMA E O CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES.

Neste segundo capítulo, com o intuito de atender ao segundo objetivo do projeto de dissertação, pretendemos caracterizar o cenário histórico das migrações cubanas após triunfo da Revolução de 1959, entre elas as primeiras ondas migratórias conhecidas como voos da paz, a crise<sup>2</sup> dos *Marielitos* no ano de 1980 e a crise dos *Balseros* em 1994. Concomitante a isso, verifica-se a importância de abordar a situação política e econômica da ilha de Cuba com fim da União Soviética, decretado por Mikhail Gorbatchov em dezembro de 1991. Esse foi o cenário nomeado pelo presidente cubano Fidel Castro como “Período Especial em Tempo de Paz”, em 1992, que condicionou o deslocamento de profissionais cubanos para Roraima, a partir de abril de 1993.

Entretanto, ao fazermos uma análise do desenvolvimento econômico e político de Cuba no momento dos primeiros deslocamentos de profissionais daquele país para o estado de Roraima, verifica-se a necessidade de abordar aspectos históricos que levaram as instituições públicas do novo estado federativo brasileiro a realizar convênios com os Ministérios de Educação e Saúde de Cuba. Logo, uma pequena apresentação sobre a formação de Roraima como estado federativo, graças à Constituição Federal de 1988, e sobre a implantação da primeira universidade pública no estado, a Universidade Federal de Roraima, estarão presentes.

Cabe ressaltar que, para a realização desse capítulo, contamos com obras de diferentes linhas ideológicas, não propondo uma preferência de linha acerca do contexto histórico de Cuba no período analisado, mas buscando mostrar as suas várias facetas. Neste sentido, podemos ilustrar o comentário com a obra dos historiadores cubanos Navarro e León, intitulada “História de Cuba 1959-1999”, lançada em comemoração aos 40 anos do triunfo revolucionário, que apesar de conter um aspecto de fidelidade política e ideológica ao regime, nos oferece dados e informações oficiais ressaltando a importância de utilizá-la, cabendo os devidos filtros, confrontações e críticas.

Já o livro “A Ilha do Doutor Castro”, dos jornalistas franceses Cumerlato e Rousseau, que moraram e trabalharam na Ilha, apresenta um aspecto fortemente anticastrista e, ao nosso ver, eurocêntrico. Utilizando-se de termos e frases de efeito, a obra mostra claramente seu

---

<sup>2</sup> Optamos por chamar de “crise” os significativos fluxos de cubanos ao exterior por esse termo também ser usado na literatura histórica cubana, em estudos brasileiros e pela imprensa norte-americana e cubana. Assim sendo, entendemos como crise essas ocorrências históricas que causaram uma série de intercorrências em setores políticos econômicos e sociais entre Cuba e o exterior.

caráter de oposição ao governo cubano. Justificando-se assim sua utilização como contraponto às fontes e informações oficiais.

Para enriquecer e inserir os nossos entrevistados no corpo do trabalho, apresentamos também alguns recortes de entrevistas que em diálogo com as demais fontes demonstram a complexidade da realidade aqui trabalhada. Esse mecanismo de escrita se justifica também por que alguns dos nossos entrevistados nasceram antes da Revolução de 1959, atravessando assim boa parte do período histórico e dramático que seu país de origem passou.

### **3.1 AS CHAMADAS ONDAS MIGRATÓRIAS CUBANAS**

A complexa questão migratória cubana e seu histórico e massivo direcionamento rumo aos Estados Unidos não nasceu com a vitória da Guerrilha de Fidel Castro frente à ditadura de Fulgencio Batista, em janeiro de 1959. Constata-se, segundo Morrone (2008), que desde o fim do século XIX, parte dos cubanos que migraram aos EUA (quando este facilitava a entrada de diferentes migrantes) foram condicionados pelas guerras de independência que Cuba travava contra a “metrópole” Espanha. Logo, o perfil majoritário das migrações cubanas para os EUA, segundo autora, era principalmente político, mas também econômico, já que Cuba, a partir da segunda metade do século XIX, travou diversas batalhas contra o Império Colonial Espanhol, eclodindo na sua Guerra de Independência entre 1895-1898.

Ainda em Morrone, os agrupamentos de cubanos no exterior, ao encerrar a Guerra de Independência, muitos retornaram à Cuba, outros se estabeleceram na Flórida, formando comunidades cubanas mais prósperas e instaladas. Vale ressaltar, segundo a autora, que a guerra de independência também foi fomentada por esses emigrados e classes mais abastadas, assim como a guerrilha de Fidel Castro contra o regime de Batista foi apoiada tanto por boa parte da burguesia em Cuba, quanto por parte de comunidades que viviam na Flórida.

#### **3.1.1 A PRIMEIRA ONDA MIGRATÓRIA PÓS-REVOLUÇÃO DE 1959: OS VOOS DA PAZ.**

Cabe destacar também que a questão migratória, como apontada por Silva (2006), serve de capital político para ambas as nações. As grandes levas de migrantes cubanos que chegaram à Flórida durante todo o período revolucionário, serviram como propaganda do governo americano para desacreditar a eficácia econômica e política da Cuba revolucionária. Já os que

deixaram a ilha, dão subsídio ao governo – involuntariamente -, alimentando um nacionalismo interno e canalizando o rechaço aos que deixam sua terra natal e ao bloqueio econômico dos EUA. Este, para a retórica governista castrista, justifica o isolamento econômico da ilha, principalmente após a queda do bloco soviético.

Entretanto, segundo o renomado historiador cubano Aja Díaz (2007), professor da Universidade de Havana e especialista em migração internacional de cubanos, acompanhado dos pesquisadores Ayerbe (2004) e Marques (2009), após o triunfo revolucionário das tropas do movimento 26 de julho, três grandes ondas migratórias marcaram os estudos migratórios sobre Cuba, explicando que elas têm como características principais uma migração econômica.

A primeira delas é protagonizada pelos “voos da paz”, onde, segundo Cabrera e Marques (2013) os indivíduos que deixaram Cuba após a revolução discordavam da linha ideológica adotada por Castro em 1962, quando este declarou o caráter socialista da Revolução e ainda, em sua maioria, faziam parte da elite econômica que não se interessavam pelo nacionalismo cubano e as novas mudanças.

A onda migratória pós-revolucionária, em um primeiro momento, foi protagonizada por setores da elite cubana e profissionais liberais que passaram a discordar das linhas ideológicas adotadas pelo novo governo de Cuba. As primeiras reformas implantadas pela Revolução (com destaque para as leis de Reforma Agrária, Nacionalização de Refinarias e Hotéis e a Lei de Alugueis e Propriedades) atingiram em cheio os interesses dessas classes, acompanhada da tensão cada vez maior das relações entre Estados Unidos e a Ilha de Cuba.

De acordo com Sader (2001), com o intuito de combater a brutal concentração de terras que existia no país, o novo governo de Cuba via a Reforma Agrária como uma emergência revolucionária:

A primeira lei de reforma agrária era relativamente moderada em suas medidas: por ela, ditada em maio de 1959, quatro meses depois do triunfo revolucionário, todas as propriedades com extensão maior do que 400 hectares seriam expropriadas. Mantinham-se fora desse limite as pequenas e médias propriedades rurais. Os pequenos camponeses e os arrendatários – cerca de 100 pessoas – foram favorecidos pela supressão do pagamento da renda da terra sob qualquer forma em que ela existisse. A expropriação dos latifúndios permitiu a distribuição de terras a 200 mil famílias, que foram utilizadas sob forma individual ou de cooperativas (SADER, 1992, p.16).

Porém, Sader (1992) afirma que somente com a segunda lei de reforma agrária, promulgada em outubro de 1963, é que radicalizaria, ao estabelecer o tamanho máximo das

propriedades. As propriedades rurais, a partir de agora, não excederiam mais que 67 hectares, atingindo assim boa parte da burguesia rural que tinha o monopólio da terra na Ilha. Esta nova legislação passou ao poder do Estado Cubano mais de 70% das terras férteis do país.

Isto posto, verifica-se que com a crescente política de nacionalização e distribuição de terras, regularização dos alugueis e propriedades em Cuba, bem como a política cada vez mais endurecida dos Estados Unidos para com Cuba e o estreitamento das relações com a União Soviética, fez com que uma migração de pessoas que eram afetadas por essas políticas e não concordavam com os rumos políticos fosse inevitável “como decorrência das rápidas e constantes mudanças políticas e econômicas dos três primeiros anos da revolução, deixam o país 256 mil cubanos, que migram para os Estados Unidos, principalmente para a Flórida” (2004, p. 63).

Morrone nos informa qual o tipo de migrante e também como essa escala gigantesca de pessoas serviu para alimentar a política agressiva dos EUA para com Cuba:

Dessa forma, o processo migratório cubano com destino aos Estados Unidos passou, a partir da Revolução Cubana, a ser utilizado como modalidade da política externa norte-americana para Cuba, o que pôde ser facilmente percebido na composição da primeira onda migratória pós revolução, integrada por cubanos diretamente vinculados a Fulgêncio Batista que, sem recursos para organizar uma oposição ao governo revolucionário, iniciaram uma emigração em grande escala para os Estados Unidos, dada sua proximidade geográfica e o apoio à oposição revolucionária (2008, p. 35).

Corroborando, o “Entrevistado 1” relata que além dos migrantes econômicos havia os por descontentamento político. Incluíam-se aí os que sofreram, direta ou indiretamente, perseguições políticas contra si ou contra familiares. De acordo com ele:

Outro caso, eu era bem novo, tinha mais ou menos 12 anos, uma senhora falou com minha mãe, uma amiga de longa data, o filho dela foi pego ateando fogo no canavial. Isso é uma sabotagem, foi submetido um juízo e ele foi fuzilado. Aquela mulher disse que ia migrar e pediu para que minha mãe sempre visitasse o túmulo do filho dela e colocar alguma flor. Isso me tocou<sup>3</sup>.

Após a constatação, por parte do governo dos Estados Unidos, que a Revolução Cubana não era um movimento efêmero e que esse novo “inimigo” teria que ser tolerado por mais

---

3 O “Entrevistado 1” nos concedeu duas entrevistas orais em diferentes períodos. A primeira, realizada no dia 21 de novembro de 2014, foi contribuir para com o Trabalho de Conclusão de Curso do autor do trabalho. Uma segunda entrevista foi realizada no dia 11 de dezembro de 2019.

tempo, os voos que levavam migrantes até a Flórida foram suspensos pelo Presidente John Kennedy, em 1962, permitindo somente travessias de barco entre os dois países para o transporte de migrantes, culminando com a publicação do Bloqueio Econômico em fevereiro daquele mesmo ano e o rompimento das relações diplomáticas entre os dois países (MORRONE, 2008).

Neste cenário, os norte-americanos concediam o *status* de refugiado político a qualquer cidadão cubano que desembarcasse nos EUA, inaugurando assim uma exclusividade em sua política migratória quanto a recepção de migrantes em seu país. Assim sendo, essa atitude política por parte do governo de Kennedy tornou o drama migratório da ilha como uma nova arma de negociação e confrontação para com Cuba.

Estabelecido na administração Kennedy, o Programa de Refugiados Cubanos tinha por objetivo apoiar as pessoas que não concordavam com o regime de Fidel Castro, oferecendo-lhes garantias de um nível de vida melhor estabelecido (...) Além desse caráter humanitário, o programa possuía também um caráter contra-revolucionário, pois financiava campanhas contra Cuba destinadas a derrubar o regime cubano (MORRONE, 2008, p. 39).

A entrada de Cubanos nos Estados Unidos, após a Revolução Cubana, foi amparada pela Lei de Imigração e Nacionalidade Americana (INA), assinada em 1965, pelo presidente estadunidense Lyndon Jhonson, conforme nos informa Bruno (2016). Entretanto, de acordo com informações contidas no site de Serviços de Cidadania e Imigração dos Estados Unidos, a Lei de Imigração e Nacionalidade foi originalmente publicada em 1952, ocorrendo que a legislação publicada na administração de Jhonson foi uma ampliação e aperfeiçoamento dessa lei para garantir a especificidade ao caso dos Cubanos<sup>4</sup>, como explica Bruno:

For more than 50 years, the majority of Cubans who have entered the United States have done so through special humanitarian provisions of federal law. For example, between 1962 and 1979 hundreds of thousands of Cubans entered the United States under the parole provision in the Immigration and Nationality Act (INA) (2016, p. 1).<sup>5</sup>

---

4 Disponível em: <https://www.uscis.gov/legal-resources/immigration-and-nationality-act>. Acesso em 14 de jan. 2020.

<sup>5</sup> Por mais de 50 anos, a maioria dos cubanos que entraram nos Estados Unidos o fez por meio de disposições humanitárias especiais da lei federal. Por exemplo, entre 1962 e 1979, centenas de milhares de cubanos entraram nos Estados Unidos sob a condição de liberdade condicional na Lei de Imigração e Nacionalidade (INA).

Entretanto, frente a forte pressão daqueles que desejavam deslocar-se para os EUA, e do estímulo deste país para que cubanos deixassem a Ilha<sup>6</sup>, muitas embarcações improvisadas eram confeccionadas para a realização das travessias, inclusive pelos primeiros emigrados que faziam esse trajeto para resgatar seus entes na Ilha. Todavia, para ordenar uma saída mais programada e controlada, Castro viu na abertura do porto Camarioca, na província de Matanzas, um melhor mecanismo para saídas de maneira segura. Como afirma Morrone, “esta decisão permitia que qualquer família cubana residente nos Estados Unidos, e utilizando meios de transportes próprios e regulares, poderia recolher familiares que possuíam permissão das autoridades cubanas” (2008, p. 41).

Não obstante, vendo o crescimento cada vez mais massivo dos deslocamentos através do porto, Kennedy propôs ao governo Cubano um novo acordo que poria fim às travessias por Camarioca. Uma ponte aérea entre Veradero e os EUA foi estabelecida pelas duas administrações condicionando as saídas aos indivíduos que possuíssem familiares nos EUA – essa rota aérea ficou ativa por toda a década de 1960, sendo fechada pelo presidente americano Richard Nixon, em abril de 1963 (MORRONE, 2008).

Todavia, a Lei de Ajuste Cubano, aprovada em 1966, concedia a qualquer cubano o direito de residência automático nos EUA, assim que pusesse os pés no território americano. A lei, concedia especificamente aos cubanos uma condição inédita, admitindo a todos os migrantes que chegaram a partir de janeiro de 1959 o estágio de “imigrante regularizado”, podendo ainda em um período de até três anos, o indivíduo solicitar a cidadania norte-americana (BRUNO, 2016).

Por toda a sua vigência, a Lei do Ajuste, como é conhecida, foi objeto de críticas por parte do governo cubano e também serviu de empecilho para a normalização das relações migratórias entre os dois países. Em acordos posteriores – que veremos em outros tópicos nesse capítulo – a Lei impedia que os EUA estabelecessem uma cota migratória e a cumprisse, já que a lei não previa uma quantidade máxima de concessões de vistos aos cubanos que chegassem a Ilha. No entanto, como uma forma de adequação na histórica reaproximação entre a

---

<sup>6</sup> Foi ainda no ano de 1962 que uma operação chamada “Peter Pan”, capitaneada pelos EUA e pela Igreja Católica, retirou através de voos de Cuba mais de 14 mil crianças. Espalhando um boato de que Fidel Castro mandaria milhares de crianças para a União Soviética e os separariam de seus pais, essa operação construiu a promessa de que as crianças encontrariam seus pais em solo americano. Entretanto, muitas daquelas que deixaram seu país natal não encontraram seus familiares nos EUA, devido aos trâmites burocráticos migratórios entre os dois países. Isso demonstra como a questão migratória serviu como arma política para os Estados Unidos agirem contra Cuba CORAZZA, Felipe. **Cineasta que deixou Cuba quer pedido de desculpas do vaticano**. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,cineasta-que-deixou-cuba-quer-pedido-de-desculpas-do-vaticano,1765864>. Acesso em: 12 fev. 2019.

administração do Presidente Americano Barack Obama com o Presidente Cubano Raul Castro, a Lei do Ajuste foi revogada em janeiro de 2017<sup>7</sup>.

### 3.1.2 A CRISE DOS *MARIELITOS*

Já a segunda onda migratória é caracterizada pela literatura acadêmica como a crise dos *Marielitos*, em 1980. Representou um descontentamento por parte da juventude do país, em sua maioria negros, pertencentes às camadas populares – alvo das políticas públicas do governo – que pouco se viam representados politicamente no país e ainda com os rumos da sua economia. A geração dos *Marielitos* se diferencia dos migrantes dos anos 1960 por terem participado da construção das políticas revolucionárias do governo cubano, por um lado, e romperem com o sistema socialista, por outro, mostrando que nem tudo ia bem na condução política de Castro já no fim da Guerra Fria, pois “(...) uma parcela da sociedade cubana que apoiara as transformações realizadas rompeu, de forma irreversível naquele momento, com a revolução cubana iniciada em 1959 e com seus dirigentes” (CABRERA e MARQUEZ, 2013, p. 1).

A crise, iniciada em abril de 1980, teve início quando um grupo de quatro cubanos invadiu a Embaixada do Peru, em Havana, com objetivo de solicitar asilo político. Neste episódio, um guarda cubano, encarregado da segurança da embaixada, foi morto. Castro exigiu que o Peru não concedesse asilo político aos envolvidos, tendo sido recusado o pedido pelo embaixador peruano. Como medida, Cuba retirou a segurança da embaixada, que foi invadida por mais de 10 mil cubanos detonando a crise migratória (SILVA, 2006).

Pouco antes da crise dos *Marielitos*, o governo de Cuba e o governo dos Estados Unidos viviam um tempo de arrefecimento em suas relações, possibilitando com que viagens de familiares de cubanos nos EUA fossem permitidas à Cuba. Nos governos de Gerald Ford e Jimmy Carter, caracterizados por uma revisão do apoio às ditaduras na América Latina, foram marcados também por intercâmbios culturais, esportivos e diplomáticos entre as duas nações. Entretanto, a crise do porto de Mariel rompeu esse período de boas relações para colocar Cuba, novamente, na rota do enfrentamento dos EUA.

Esse breve período foi encerrado ainda durante o último ano do governo Carter, quando o incentivo feito por familiares de cubanos em visita à ilha, apoiados por

---

<sup>7</sup>FELIPE, Leandra. **Estados Unidos Revogam lei que permitia permanência de cubanos sem visto**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-01/estados-unidos-revogam-lei-que-permitia-permanencia-de-cubanos-sem>. Acesso em: 14 fev. 2019.

apelos da rádio Voz das Américas, transmitida de Washington e captada na ilha, para que deixassem o país, foi ouvido por cubanos, que começaram a tentar invadir embaixadas de países latino-americanos em Cuba. O governo de Cuba, em resposta, autorizou a partida de quem desejasse abandonar o país, até mesmo por meio de embarcações que chegassem livremente a seus portos (SADER, 1992, p. 29).

A saída política encontrada por Castro foi, a priori, suspender uma rota aérea responsável pelo deslocamento daqueles que invadiram a embaixada peruana e conceder a saída daqueles que quisessem deixar a Ilha através do porto de Mariel, a oeste de Havana. A administração Carter autorizou uma espécie de “ponte marítima” entre Mariel e a Flórida, estimulando os cubanos que viviam em Miami a “resgatar” seus familiares que ainda viviam em Cuba. Segundo diferentes pesquisadores, como Morrone (2008) e Ayerbe (2004), mais de 100 mil cubanos fizeram a travessia nesse momento. Morrone (2008) nos alerta que a motivação, ou nas palavras de Matos (2010) “condicionantes”, dessa migração não difere daquelas dos demais países da América Latina, que tinham em sua origem motivações econômicas.

Do ponto de vista político, Fidel Castro transferiu a crise migratória para os Estados Unidos, quando este não tinha previsto que o episódio elevaria em tão pouco tempo o número de deslocamentos. Apesar de os cubanos serem favorecidos pela “Lei do Ajuste”, assim mesmo passavam por uma “triagem” realizada pelas autoridades americanas “o que justificava a recusa em aceitá-los integralmente, e a exigência dos Estados Unidos em selecioná-los e repatriar aqueles que haviam cometido crimes no país (MORRONE, 2008, p. 47).

Sincronicamente, o governo cubano organizou manifestações de apoio à Revolução e uma espécie de rechaço aos que estavam deixando o país. Segundo Sader, “realizaram-se nas principais cidades do país manifestações que, apenas na capital, congregaram mais de um milhão de pessoas” (1992, p. 29). O episódio de Mariel não criava somente um momento de tensão migratória, mas também político, já que Cuba vivia o apogeu de suas relações com o COMECON (Conselho de Assistência Mútua Econômica), ao qual se juntara em 1972, e com a União Soviética

De acordo com um importante estudo de George J. Borjas, professor de Economia e Política Social na Harvard Kennedy School, o impacto da onda de Mariel se mostrou significativo no mercado de trabalho de Miami e ainda nos ocupantes do Ensino Médio na Flórida, já que uma maior oferta da mão de obra atingiu o interesse escolar dos americanos que cursavam essa modalidade. Além disso, o número de novos migrantes cubanos saiu de 6.500, em 1978, para mais de 100 mil na crise dos *Marielitos*. Os dados de Borjas confirmam que os

migrantes de Mariel eram pertencentes às camadas mais populares de Cuba, com pouca escolaridade e mais pobres, como mostra o perfil escolar dos *Marielitos*:

The Marielitos were disproportionately low-skill workers; approximately 60% were high school dropouts and only 10% were college graduates. At the time, about a quarter of Miami's existing workers lacked a high school diploma. As a result, even though the Mariel supply shock increased the number of workers in Miami by 8%, it increased the number of high school dropouts by almost 20% (2017, p. 1079)<sup>8</sup>.

Cabe ainda ressaltar sobre esse episódio migratório entre as duas nações, que o governo americano, na ocasião, acusou Cuba de aproveitar-se dessa situação para enviar aos EUA prisioneiros, criminosos e até pessoas com problemas mentais. Neste sentido, um dos nossos colaboradores lembra do filme *Scarface*<sup>9</sup>, que retrata Al Pacino no papel Tony Montana, um criminoso cubano chegado ao país na crise de *Mariel*, mencionando que não foi apenas uma acusação formal das autoridades americanas. De acordo com o Entrevistado 1, houve um caso de seu conhecimento: “E outro vizinho, Pastor era o nome dele, que vivia perto de casa, quando no êxodo de Mariel, o governo aproveitava e enviava para os EUA criminoso, doentes mentais, e ele tinha certa deficiência mental, e foi pego e enviado à força para emigrar aos EUA”<sup>10</sup>.

A crise de Mariel teve seu fim em outubro de 1980, já que a situação foi catastrófica para a administração do presidente americano Carter, pois não apenas Miami estava recebendo e colocando em prisões cidadãos cubanos que tinham cometido crimes na ilha, mas também outros estados como Arkansas e Atlanta. Com a desistência dos EUA em receber novos migrantes, Castro fechou o porto de *Mariel* para barcos oriundos dos EUA com objetivo de retirar cubanos da ilha, pondo fim ao “Êxodo de Mariel” (SILVA, 2006).

Em dezembro daquele ano, as autoridades de Cuba e EUA se reuniram com desígnio de estabelecer um acordo migratório para a normalização dos deslocamentos, o estabelecimento de um limite para novos migrantes e ainda um repatriamento de cubanos que por ventura cometeram crimes em território americano. Sobre o acordo, Morrone explica que:

---

<sup>8</sup> “Os Marielitos eram trabalhadores desproporcionalmente pouco qualificados; aproximadamente 60% eram desistentes do Ensino Médio e apenas 10% eram graduados. Na época, cerca de um quarto dos trabalhadores existentes em Miami não possuía um diploma do Ensino Médio. Como resultado, embora o choque da oferta de Mariel tenha aumentado em 8% o número de trabalhadores em Miami, aumentou o número de abandono do Ensino Médio em quase 20%” (Tradução nossa).

<sup>9</sup> Sobre o filme *Scarface*, ver **Scarface**. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/scarface/>. Acesso em: 15 fev. 2019.

<sup>10</sup> Entrevista realizada no dia 11 de dezembro de 2019.

O Acordo de Normalização de Relações Migratórias entre os dois países, concluído em dezembro de 1984, depois de um período de quatro anos de negociações, estabeleceu que Cuba aceitaria a repatriação de emigrantes da onda de Mariel, que cometeram crimes nos Estados Unidos, o qual por sua vez restabeleceria a concessão de vistos para cubanos, com uma cota anual de até vinte mil vistos (MORRONE, 2008, p. 48).

Entretanto, revelou-se mais tarde que o acordo nunca foi cumprido integralmente pelo governo americano, pois este não conseguia cumprir a cifra de 20 mil vistos anuais concedidos a cidadãos cubanos, por consequência da “Lei de Ajuste Cubano” que continuava dando legalidade para um número não estabelecido de vistos a qualquer cubano que chegasse ao território americano. A grande reclamação por parte do governo cubano quanto a Lei do Ajuste é que além de servir como uma arma política contra Cuba, acabava estimulando deslocamentos por via marítima altamente arriscadas, ocasionando uma preocupação a mais ao governo cubano quanto a vida dos que atravessam o mar que separa as duas nações.

### **3.1.3 A CRISE DOS *BALSEROS* EM MEIO AO “PERÍODO ESPECIAL EM TEMPOS DE PAZ”.**

Após o colapso da União Soviética em dezembro de 1991 e a dissolução do COMECON, naquele mesmo ano, Cuba se viu inserida pouco a pouco num contexto em que seu “velho” mundo socialista e a bipolaridade da Guerra Fria já não era mais presente. A partir de 1991, a unipolaridade era a marca da potência que sobreviveu do período anterior, os EUA (VIOLA e LEIS, 2004). Para agravar a frágil situação da ilha, mesmo com o fim da Guerra Fria e o vento que derrubou as repúblicas soviéticas no leste europeu, o embargo norte-americano foi mantido e aperfeiçoado com a emenda Torricelli, em 1996, estrangulando a economia da Ilha. Veremos que esse foi o pano de fundo histórico para os deslocamentos de profissionais cubanos para Roraima.

Esse período ficou conhecido por “Período Especial em Tempos de Paz”, assim nomeado e disseminado pelos órgãos do governo cubano. Foi o período mais dramático economicamente para a Revolução Cubana e que foi acompanhado por um forte descontentamento com o Regime e, também, por uma nova crise migratória, conhecida por Crise dos *Balseros*, no ano de 1994.

No mês de agosto do ano de 1994, um grupo de cubanos tentou sequestrar um barco determinados a fugir para a Flórida. Todavia, a polícia cubana tinha ordens expressas de impedir

qualquer tentativa de deslocamentos marítimos não autorizados pelas autoridades governamentais. Esse episódio, levou uma multidão ao *Malecón* – calçadão a beira mar da cidade de Havana –, dando início a maior manifestação contra a Revolução já vista desde seu triunfo. Rapidamente, o governo, inclusive com participação pessoal de Fidel Castro, resolveu convocar um “contra-protesto” para conter a crescente crise política e impopularidade do governo. A polícia foi orientada por Castro a não reprimir os descontentes do *Malecón*. Inicialmente, essa medida foi razoável para drenar a crise (MORRONE, 2008).

Ainda em Morrone, essa manifestação de Havana foi responsável por encerrar a chamada Crise dos *Balseros*, lançando ao mar, no auge do episódio no mesmo mês de agosto, aproximadamente 40 mil pessoas. Não obstante, Ayerbe nos apresenta alguns números:

A situação enfrentada pelo país tem reflexos diretos no aumento da emigração ilegal para os Estados Unidos, principalmente por meio de barcos contratados desde a Flórida ou por embarcações de natureza precária construídas pelos próprios fugitivos (balseiros), que atingem 2.203 pessoas em 1991, 2.557 em 1992 e 3.656 em 1993, culminando com a crise de 1994, em que se desencadeiam diversos acontecimentos sucessivos que levam a um aumento vertiginoso das saídas, que atingem 33 mil pessoas no final de agosto” (AYERBE, 2004 apud FURIATI, 2003).

No mês de setembro de 1994, EUA e Cuba acertaram acordos para suavizar o impacto da crise migratória entre os dois países. Segundo Rodríguez (2009), estabeleceu-se uma cota anual de 20 mil vistos em sorteios realizados pelos EUA para cubanos. Desta feita, ao mesmo tempo que os EUA poderiam limitar a entrada de cubanos, os americanos presididos pelo democrata Bill Clinton à época, poderia avaliar o perfil migratório e fazer uma seleção daqueles que poderiam participar do sorteio ao visto. A Lei Pés Secos Pés Molhados, que na verdade é fruto dos acordos entre os dois países e de uma reinterpretação da “Lei de Ajuste Cubano”, estabelecia, após o drama dos *Balseros*, que os ocupantes de qualquer embarcação com cubanos que fosse interceptada no mar, estes seriam devolvidos à Cuba. Os que fossem interceptados em solo, estariam disponíveis para o benefício do visto e futura cidadania americana Díaz-Briquetz (2002):

Cubans currently intercepted by the United States Coast Guard at sea (those referred to as "wet feet") are repatriated while those who manage to reach United States soil (those referred to as "dry feet") are allowed to take advantage of the Cuban Adjustment Act and remain in the United States (2002, p. 115)<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Os cubanos atualmente interceptados pela Guarda Costeira dos Estados Unidos no mar (os chamados "pés molhados") são repatriados, enquanto aqueles que conseguem alcançar o solo dos Estados Unidos (os chamados "pés secos") podem tirar proveito dos benefícios da Lei de Ajustamento cubano e permanecem nos Estados Unidos.

“(…) o aumento dos juros da dívida externa paralelamente à queda dos preços do açúcar leva Cuba a decretar uma moratória de sua dívida, o que vai limitar o acesso a novos créditos; no governo Reagan o bloqueio norte-americano se acentua; as mudanças no Leste Europeu no fim da década de 1980 geram fatores adicionais de incerteza associados à abrupta e imprevista extinção do Comecon” (BANDEIRA, 1998, p. 212).

Junto a isso, são fatores de mais essa crise migratória o déficit do orçamento estatal no ano de 1993, que segundo Ayerbe (2004), cresceu incríveis 243% e o Comecon era responsável por mais de 85% das trocas comerciais da Ilha com o exterior. Navarro e León (2013), ilustrando o impacto da crise nas contas do governo, mostram que em comparação com o ano de 1989, em 1992, o Produto Interno Bruto cubano recuou mais de 34 %, e o país ainda havia perdido por volta de 70% de volume em suas trocas comerciais – dado esse responsável pelo fim do COMECON. Em 1993, a crise continuou a se acirrar e exigindo novos desafios das autoridades e do povo, com o declínio das trocas comerciais em torno de 23 %. Segundo os autores:

La disminución de algunas actividades económicas entre 1989 y 1993 demuestra la intensidad de la crisis. Las exportaciones disminuyeron de 5399,9 millones de pesos a 1156 millones; las importaciones, de 8139,8 millones a 2008,2 millones; las inversiones, de 4511,4 millones de pesos a 1725,2 millones; la producción azucarera, de 8,04 millones de toneladas métricas a 4302 100 toneladas métricas. La producción industrial no azucarera representó en 1993, el 38,7% de la de 1989, y la agrícola, el 39,6%. La construcción de viviendas pasó de 39 589 en 1989 a 20.030 en 1993. El tráfico de pasajeros descendió de 2 721 millones en 1989 a 760 millones en 1993 (2013, p. 210).

Ainda sobre isso, Sader (2001) explica que com o fim do Estado Soviético, de 13 milhões e 700 mil toneladas de petróleo que Cuba tinha à sua disposição, em 1989, para a manutenção de sua indústria e para o consumo em diferentes polos da economia, baixou para a ordem de 4 milhões e até abaixo disto, no ano de 1992. Neste cenário, frente a onda da Globalização e sua ideologia de fundo “neoliberal” (SANTOS, 2000) que chegava os países periféricos e forçando a abertura de seus capitais, Fidel Castro se viu obrigado a realizar pontuais reformas econômicas e alterações constitucionais com objetivo de captar divisas internacionais e abastecer o mercado interno com itens de primeira necessidade, grande causa do descontentamento populacional, como meio de sobrevivência de seu próprio regime.

Bandeira (1998) explica que o governo permitiu medidas mais liberais no âmbito econômico, autorizando pequenos negócios, abrindo capital de algumas estatais para multinacionais europeias e flexibilizando o setor de turismo. Para Pomar (2016), essas novas

políticas econômicas permitiram que o país criasse um mercado *dual* onde os novos capitais estrangeiros injetados na economia cubana pudessem custear as políticas sociais, um legado da Revolução de 1959. O arquiteto das mudanças “suaves” em Cuba foi o político Carlos Lage, vice-presidente do Conselho de Estado, que era visto pela comunidade internacional como um homem pragmático e possível substituto de Castro no comando da ilha. Anos mais tarde, Lage foi afastado de suas funções e acusado de ter um “papel indigno” pelo próprio Fidel<sup>12</sup>

Segundo os historiadores cubanos Navarro e León (2013), a estratégia de reforma econômica aplicada pelo governo de Cuba não seguia as recomendações do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, ou seja, receitas neoliberais que poderiam colocar em risco o legado social da Revolução Cubana. É evidente que o Estado Cubano não desassistiu as áreas de Educação e Saúde, pois eram conquistas lendárias do processo revolucionário que davam o contraponto às políticas da economia de mercado. Porém, a abertura de capital para companhias estrangeiras, a criação de empresas de capital misto, a parcial privatização de estatais, como a TABACUBA, prova que Castro foi obrigado a ceder, como forma de sobrevivência, frente à globalização.

As reformas políticas e econômicas que Cuba realizou, em 1992, foram determinações do IV Congresso do Partido Comunista Cubano:

La reforma mantenía el principio del Partido como fuerza dirigente del Estado y la sociedad, pero con un enfoque conceptual más racional e realista, al definirlo como vanguardia del pueblo de Cuba y no de una sola clase social, con lo cual la entrada de acceso a él se ensanchaba, evitándose exclusiones por motivos de clase que resultaban incomprensibles y contraproducentes (NAVARRO; LEÓN, 2013, p. 227).

Ao mesmo tempo que a mudança constitucional possibilitou acentuadas alterações sob o ponto de vista econômico, o país adotava em seu cotidiano uma crítica forma de sobrevivência: “para enfrentar o desaparecimento da União Soviética, foram estabelecidos um regime de economia de guerra, batizado Período Especial em Tempo de Paz, e o cortejo de penúrias que o acompanha” (CUMERLATO e ROUSSEAU, 2001, p. 18).

O “Entrevistado 3”<sup>13</sup>, relata as dificuldades cotidianas durante a crise econômica, enquanto trabalhava como médico recém-formado, na cidade de Havana.

---

12 Carlos Lage, arquiteto das mudanças em cuba dos anos 90. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/america-latina,carlos-lage-arquiteto-das-mudancas-em-cuba-dos-anos-90,334115>. Acesso em: 17 fev. 2020.

13 Entrevista concedida ao autor desse trabalho no dia 06 de dezembro de 2017.

Em 1992. No auge da crise [Período Especial], como Fidel chamou, foi muito difícil. Havia muita escassez. Eu comecei a trabalhar em uma penitenciária que era conhecida por Polícia Militar e aí mais ou menos eu quase não passei dificuldade. Mas a população sim. Não havia gasolina, não havia nada. Como está a Venezuela hoje. Meus pais eram trabalhadores simples. Minha mãe era telefonista e meu pai trabalhava no cinema. E com isso vivíamos bem. Não éramos de classe média. Mas, tínhamos tudo... geladeira, comida... Mas, depois desse período [1991, início do Período Especial] realmente teve uma crise muito forte.

Todavia, o desafio de Cuba em sobreviver frente aos novos tempos não se esboçava somente no campo interno, no ano de 1992, em pleno calendário eleitoral, Cuba não deixaria de estar na pauta dos dois candidatos norte-americanos: Bill Clinton e o já presidente e candidato à reeleição George Bush. A Lei Torriceli, com origem da bancada democrata do congresso norte-americano e adotada pelo congressista Robert Toricelli, na verdade fazia parte do *Cuba Democracy Act*, um novo aparato jurídico preparado pelo governo para asfixiar a economia de Cuba. Segundo Silva (2006), essa lei proibia subsidiárias de empresas norte-americanas no exterior de comercializar com Cuba, ainda estabelecia punições para comerciantes que negociassem e para países que fornecessem subsídios para a Ilha. Na Lei, que evidentemente ultrapassava os limites da jurisdição americana, poderia ainda constar um limite de autorizações para turistas norte-americanos visitarem a ilha.

Não obstante, no mês de 1996, invasões ao espaço aéreo cubano eram registradas pelas autoridades. Diversas notificações às autoridades americanas eram enviadas, entretanto não se tomavam providências, já que os ânimos diplomáticos entre Cuba e EUA estavam em tempos difíceis. Porém, após a Força Aérea Cubana abater dois aviões do Grupo Irmãos ao Resgate que voaram em território cubano sem autorização, o congresso norte-americano acelerou a tramitação da Lei Helms-Burton. Esta, de fato, transforma em lei o Embargo Econômico de 1962 sobre Cuba, criado na presidência de J. Kennedy, retirando das mãos do Executivo a possibilidade de revogação do Embargo e ainda desautoriza o presidente americano a retomar relações com a Ilha<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> A segunda seção avalia requisitos e informações sobre uma possível volta à “democracia” na ilha. A terceira seção e até agora nunca executada, prevê processos judiciais dos que possuem negócios em Cuba com empresas e bens estatizados pela revolução na década de 1960. A quarta seção, proíbe a entrada em solo americano de sócios majoritários que utilizam bens de americanos em Cuba (SILVA, 2006, p. 241). Ainda em Silva, a segunda seção da Lei avalia requisitos e informações sobre uma possível volta à “democracia” na ilha. A terceira seção e até agora nunca executada, prevê processos judiciais dos que possuem negócios em Cuba com empresas e bens estatizados pela revolução na década de 1960. A quarta seção, proíbe a entrada em solo americano de sócios majoritários que utilizam bens de americanos em Cuba (2006, p.241). Nos dias de hoje, o incivil presidente Donald Trump, em sua política de confronto contra Cuba, decidiu entrar em colisão contra a União Europeia por esta manter laços econômicos com Cuba. Acionando a seção da lei Hels-Burton que processa empresas que utilizam negócios e bens

No entanto, os próprios Cumerlato e Rousseau (2001), jornalistas que foram “convidados a se retirarem” de Cuba, reconhecem que apesar da contracorrente externa e dos desafios econômicos internos, a oferta calórica no fim da década de 1990 não condicionava a população à condição de fome. :

Contudo, não se morre de fome em Cuba. Dez anos após o desaparecimento do grande irmão de Moscou, a população enfrenta, ainda assim, uma das mais graves crises alimentares que conheceu. As próprias fontes cubanas reconhecem que a ração diária que se aproximava de 2900 calorias por dia, nos anos 80, reduziu-se em cerca de 30%. As proteínas e as gorduras são o que mais falta na dieta cubana. As carências alimentares provocaram inclusive epidemias de distúrbios oculares (2001 p. 84)<sup>15</sup>.

Entretanto, de acordo com o “Entrevistado 2”<sup>16</sup> as condições alimentares no período especial se assemelhavam à fome generalizada, mesmo para um professor universitário como ele. Logo, observa-se que a falta de uma oferta calórica, decorrente da crise de abastecimento, atingiu diferentes setores da população.

Além disso, a crise energética, que se aprofundou no país, aumentou o descontentamento da população para com o governo. Não dispondo de abastecimento de combustíveis suficiente para manter as termelétricas, o governo foi obrigado a realizar racionamentos que chegavam a durar até 20 horas em alguns bairros. Além disso, o fornecimento de água também foi afetado na capital Havana, limitando a distribuição de água em até 2 dias por semana. Segundo Cumerlato e Rousseau (2001), após o auge do “Período Especial”, em 1993, “em geral, os cortes são menos frequentes e menos longos durante os meses mais quentes, e quando o presidente cubano recebe convidados importantes, como durante a Cúpula Ibero-americana de Havana, em novembro de 1999” (2001 p. 92). Ainda nessa economia de “guerra”, para diminuir a dependência de combustíveis para o transporte de seus cidadãos, mais de 1 milhão de bicicletas foram distribuídas para a população em todo o país.

Navarro e León, permitem constatar todo o esforço do país para a manutenção dos serviços que eram considerados um legado pela Revolução, como Saúde e Educação, foram mantidos e até aperfeiçoados durante a crise o Período Especial:

---

de americanos nacionalizados no início da Revolução, os EUA pretendem levar aos tribunais aqueles que mantiverem negócios com a Ilha. **Como Cuba se tornou o novo da nova crise entre EUA e Europa**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48021505>. Acesso em 16 fev. 2020.

15 CALEIRO, João Pedro. **12 números da economia cubana que você não conhecia**. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/12-numeros-da-economia-de-cuba-que-voce-nao-conhecia/>. Acesso em: 16 fev. 2020.

16 Entrevista realizada no dia 05 de dezembro de 2014, para contribuição ao Trabalho de Conclusão de Curso de História do autor desse estudo.

Llama la atención que en Período Especial el país ha graduado 30.000 médicos, es decir cinco veces más que los que había en 1958. La mortalidad infantil que en 1989 fue de 11, 1 por cada mil nacidos vivos, en 1999 cerró con la impresionante cifra de 6,4, por debajo de la de muchos países desarrollados. La esperanza de vida que en 1985 era de 74,2 años, en 1998 cerró con 75 años (2013, p. 219).

Não obstante, apesar da tragédia econômica que se abateu sobre Cuba no Período Especial, as campanhas humanitárias promovidas pela ilha nos países pobres continuaram, mesmo que em boa parte dos casos Cuba não recebesse recompensas financeira por tais serviços. Diferentemente das “*missiones*” realizadas na Universidade Federal de Roraima, ações essas recompensadas pelo Estado brasileiro à Cuba, países da África, como Namíbia, Zâmbia, Guiné-Bissau, Burkina-Faso, Cabo Verde, Uganda e entre outros não tiveram interrompidos as suas missões humanitárias enviadas por Fidel Castro pois, segundo Navarro e León, “esta ayuda, absolutamente gratuita, en lugares recónditos, donde muchos de sus pobladores jamás han visto un médico, tiene un altísimo valor humano, que hasta los enemigos de Cuba se han visto obligados a reconocer” (2013, p. 236).

Ainda em Navarro e León, nos anos de 1990, tiveram início as missões no exterior que tinham por objetivo estimular a solidariedade de países pobres e em desenvolvimento. Diversos setores da sociedade civil organizada enviavam em suas “caravanas” todo tipo de ajuda que pudessem auxiliar a Ilha a cobrir seus déficits de mantimentos e de insumos médicos. Segundo os autores, “em 1990 había 490 asociaciones y grupos de solidaridad con Cuba en 98 países. Em 1998 existían 1685 asociaciones en 128 países. En 1990 se recibieron 340 000 turistas; en 1999, la cifra se elevó a 2.224.620” (2013, p. 233).

Como exemplo disso, de acordo com o Jornal Paricarana, um informativo das ações da Universidade Federal de Roraima, do dia 11 de agosto de 1993, uma brigada de solidariedade foi enviada pela universidade à Cuba. A comitiva tinha 42 integrantes que passaram 19 dias em Cuba, onde além de levar mantimentos para o país, passaram a estreitar relações entre a UFRR e a Universidade de *Matanzas* – núcleo do convênio entre as duas instituições. O roteiro incluía visitas ao campus, à uma fazenda experimental da universidade cubana e ainda à algumas cidades.

De acordo com o “Entrevistado 6”, mesmo sob a crise econômica e bloqueio norte-americano, as autoridades cubanas conseguiam burlar os controles internacionais e os desafios financeiros, graças ao dinheiro dos cubanos no exterior, explicando que num período econômico dramático para Cuba, o governo não deixou de priorizar as áreas sociais, aquelas

que dão sustentação e grande apoio à sobrevivência do Regime. Lembra ele: “Mesmo com o bloqueio, conseguíamos pôr o dinheiro no bolso, pegar um avião, e ir-se para o Panamá. E mesmo que fosse de forma clandestina, comprava computadores e levava para a Faculdade, porque tinha que ter os dólares na mão. Sem os dólares na mão não funcionava”<sup>17</sup>.

Cabe ainda registrar que não foram somente deslocamentos rumo ao exterior que foram agravados pela crise do “Período Especial”. Uma emergência migratória interna tomou proporções nada satisfatórias para o governo. Pessoas de diversas províncias, em sua maioria do Oriente, se deslocavam cada vez mais para a capital do país, Havana, inflando ainda mais a necessidade de serviços do governo na cidade.

Em decorrência disto, em abril de 1997, sob o decreto n 217, o governo central de Cuba autorizou mandar de volta ao leste do país todos os indivíduos que não fossem residentes em Havana<sup>18</sup>. De acordo com Cumerlato e Rousseau (2001), “de imediato, os serviços que fornecem documentos de identidade foram tomados de assalto por milhares de cubanos que queriam regularizar sua situação e evitar a expulsão” (2001 p.98). Todavia, o governo cumpriu a promessa de remeter às cidades de origem aqueles não residentes em Havana, apelidados de *palestinos*, os enviando de ônibus.

### **3.2 RORAIMA E SUA EMANCIPAÇÃO COMO ESTADO FEDERATIVO.**

A Amazônia brasileira, já a partir da Era Vargas 1930-1945 e principalmente na segunda metade do século XX, passou a ocupar um lugar de importância na agenda geopolítica da União, com vistas à integração política e econômica desta região ao conjunto dos demais estados da federação. De acordo com a geógrafa Berta Becker (2004), essa nova política de conectar a região amazônica objetivava não só dar uma importância econômica à região, mas também de protegê-la de eventuais inimigos externos – principalmente de países que sofriam com disputas políticas internas e de independência, como o caso da Guiana, ex-colônia britânica que teve seu processo de independência eclodido em 1966.

O “nacional-estatismo” da Ditadura Civil-Militar, segundo Miranda (2017), lançou grandes projetos econômicos em conjunto com a realização de grandes obras, como abertura de

---

17 Entrevista realizada no dia 28 de agosto de 2019 como contribuição para este trabalho.

18 CUBA. Decreto n° 217. **Regulaciones Migratorias Internas Para La Ciudad de La Habana Y Sus Contravenciones**. Disponível em: <http://juriscuba.com/wp-content/uploads/2015/10/Decreto-No.-217.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2020.

rodovias (a BR 174 em Roraima e a Transamazônica, por exemplo) e ainda maiores investimentos de recursos da União nos antigos Territórios Federais (Amapá, Rondônia e Roraima). Concomitante aos outros estados, essas ações do Regime Militar visavam uma maior ocupação, não só física, mas também humana do território amazônico.

Santos (2012) nos apresenta também outra contribuição sobre a “ocupação humana” na região amazônica. Para ele, essa política de integração não respondia somente a uma preocupação geopolítica externa e de desenvolvimento econômico. Essas, segundo o historiador, caracterizam-se como as principais. Entretanto, não deixa de considerar que os deslocamentos de massas camponesas dos grandes centros brasileiros, como do Centro-Sul e do Nordeste, obedeceram a uma estratégia de diminuir a tensão pela propriedade da terra e as eventuais problemáticas sociais pelo inchaço de populações que demandavam serviços e ocupações profissionais empregatícias.

Assim sendo, ainda conforme Santos (2012), assistimos a ditadura montar o Plano Nacional de Desenvolvimento – PND que objetivava o desenvolvimento regional do Brasil, estimulando a produção de bens primários e a ampliação do mercado interno. Desse grande plano surgiu o mais importante para a Amazônia e para o então Território Federal de Roraima, o POLAMAZÔNIA, que resultou em ações como a abertura da BR 174, rodovia federal que interliga a cidade de Manaus à Boa Vista e a construção da hidrelétrica de Tucuruí, no Pará, responsável pelo suprimento energético da região.

Com a criação do Território Federal do Rio Branco, em 1943, e mais tarde alterado seu nome para Território Federal de Roraima, a composição econômica, política e demográfica da região não seria a mesma. A chegada do primeiro governador do Território, Ene Garcez, demonstrou que a força do Governo Federal se faria presente, mesmo entrando em sintonia com os grupos políticos locais:

Apesar do choque inicial e alguns embates futuros da pequena elite de latifundiários e comerciantes entre si e com os administradores federais, mudanças estruturantes ocorreriam, temperadas freqüentemente pelo conflito que se acentuaria na década de 1970 e início da seguinte. A economia e a vida nos campos do rio Branco não foram mais as mesmas após a criação do território, sendo o motor das mudanças a nova organização administrativa imposta pelo governo central, notadamente no primeiro governo Vargas e após 1964 (SANTOS, 2004, p. 93).

Deste modo, a sociedade local viu crescer exponencialmente os investimentos federais na região, acompanhado por uma reforma urbana na cidade de Boa Vista, construção de estradas vicinais para o escoamento de produções agrícolas e ainda um aparato das instituições

governamentais. Segundo Staevie (2012), esses investimentos proporcionaram o que ele caracteriza como um período de *boom* migratório em Roraima, entre 1960 e até a década de 1990.

Na década de 1970, graças às ações de distribuição de terras do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), ocorreu uma crescente ocupação da região Centro-Oeste do território. Ainda em Staevie (2012):

Com a iniciativa do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Roraima inicia ao final dos anos 1970 um amplo programa de assentamentos humanos dirigidos. Os projetos de maior monta foram instalados nas regiões leste e centro-oeste do Território, com a Colônia Alto Alegre e os chamados Programas de Assentamento Rápido (PAR) Apiaú e Baraúna e ao sul com o PAR Jauaperi e os Projetos de Assentamento Dirigidos (PAD) Salustiano Vinagre (atual Anauá) e Jatapú. Durante os anos 1970 e 1980 ocorreu a implementação de diversos projetos, atualmente administrados pelo INCRA ou pelo Instituto de Terras do Estado de Roraima (ITERAIMA) (2012, p. 102).

Somado a esses incentivos estatais para que ocorresse uma migração “direcionada” para o território, entre 1970 e 1980, a região viu a sua densidade demográfica crescer em média 6,8%, fortemente influenciada, especialmente na década de 1980, por políticas populistas, como a do então governador do território, Ottomar de Souza Pinto, interessado em criar núcleos eleitorais fortes que lhe garantiriam bases de apoio no futuro estado de Roraima, visando a disputa política com outros grupos a época.

Somado ainda a esse forte estímulo do governo federal e dos governos biônicos do Território Federal, ocorre na década de 1980 a migração de milhares de garimpeiros para região indígena Yanomami em busca da exploração de ouro. De acordo com Lobo Júnior (2014), a presença desse contingente de trabalhadores que vieram explorar o campo da mineração criou uma conjuntura social e política no território fazendo com que forças políticas locais anexassem essa massa aos seus interesses eleitorais (2014, p.76).

A atividade garimpeira em Roraima, tendo seu *boom* iniciado no ano de 1987 influenciou diversos setores do então território, que teria sua emancipação política no ano seguinte, 1988, graças à Constituinte daquele ano. Ainda em Staevie, a atividade gerou um fluxo de aproximadamente 40 mil garimpeiros a Roraima. Assim sendo, esse fato contribuiu para o exponencial crescimento populacional na região:

De 1980 a 1991 a população de Roraima cresceu 2,7 vezes (Censos 1980 e 1991), passando de 79.159 para 217.583 habitantes. A taxa de crescimento anual total ficou

em 10,6%, enquanto a mesma taxa para as áreas rurais foi de 9,7%, muito acima dos 2,7% observados na década anterior. Estes números estão estreitamente ligados à criação de colônias agrícolas (23 no período), mas sobretudo à expansão do garimpo, principalmente a partir de 1987 (STAEVIE, 2012, p. 107-108).

Souza corrobora com as ideias do conjunto de autores acima de que os principais elementos de atração de migrantes foram “[...] a facilidade do acesso à terra, propiciada por projetos e programas colonização e assentamento e a ocorrência de garimpos” (2009, p. 41). No novo estado de Roraima, os governos locais, com práticas repetidas dos tempos de território, continuaram com as políticas de atração de migrantes e distribuição de lotes de terra, fomentando em outras regiões do Brasil a ideia que Roraima era um lugar de oportunidades de melhorias econômicas (FREITAS, 1993).

Assim sendo, síncrono a uma taxa de crescimento populacional massiva e ainda com a necessidade de instalação da máquina burocrática do novo estado – com a criação dos três poderes locais: Legislativo, Executivo e Judiciário – a demanda por serviços oferecidos pelo Estado, como Educação, Saúde e Segurança, aumentou. Concomitante a isso, cresceu também a necessidade dos grupos políticos locais de aumentarem as suas influências sobre o novo eleitorado:

Buscando alargar os tentáculos do poder, possibilitado pela máquina estatal, a Assembleia Legislativa através de líderes políticos iniciaram projetos de criação de novos Municípios. Essa política atendia os anseios de ampliação de seus poderes, tanto que, o critério adotado para a criação desses novos Municípios foi mais político que técnico. Não houve um estudo detalhado da potencialidade econômica, política e social, que viabilizassem a transformação dessas antigas Vilas em Municípios. O que mais visavam esses grupos eram a instituição da máquina Municipal e os diversos cargos que ela produziria. A Câmara Municipal e as Secretarias eram mais um mecanismo da geração de cabide de empregos que atendiam os favores da clientela. De fato, tal procedimento está diretamente ligado a expansão de processos de cooptação e controle político, pois é nos Municípios onde se dão as relações mais estreitas entre o eleitor e as lideranças políticas roraimenses que se articulam hierarquicamente (LOBO JÚNIOR, 2014, p. 93).

Abordamos essa temática da expansão do aparato burocrático do jovem estado por observarmos que ao mesmo tempo em que Roraima assiste a sua população crescer e demandar mais serviços verifica-se, no jovem estado, a carência de profissionais qualificados para ocuparem tais cargos, já que não existia instituições de ensino superior públicas ou privadas para a formação desses quadros. Aqueles que por ventura quisessem e pudessem cursar Ensino Superior, tinham que se deslocar para a cidade de Belém ou Manaus, isso conseguido através de influências com os representantes dos governos no Território Federal (SANTOS, 2012).

Dessa forma, a região de Roraima se apresentou ao Brasil, durante as décadas de 1960 a 1990, como um lugar de oportunidades de trabalho, posse de terras e desenvolvimento. Recebendo atenção do Governo Federal, no direcionamento de recursos e de obras, Roraima foi capaz de atrair contingentes significativos de migrantes oriundos de diversas regiões do país e com diferentes qualificações e níveis sociais. É nesse contexto de criação de novas instituições que a região viu nascer diferentes representações federais, como a Universidade Federal de Roraima. A primeira Universidade Pública do estado foi responsável pela atração de quadros técnicos qualificados de todo o país, e também internacionais, como o caso dos cubanos, assim, inaugurando o fluxo de deslocamentos de cubanos para não só contribuir com a UFRR, mas também com órgãos do Governo de Roraima.

### **3.2.1 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, OS CONVÊNIOS E O GOVERNO DE RORAIMA.**

De acordo com nossas pesquisas e registros encontrados, somados aos nossos colaboradores em entrevistas orais, foi a Universidade Federal de Roraima, a principal “condicionante” para o início do fluxo migratório de cubanos para Roraima, a partir do ano de 1993. A UFRR, primeira Universidade Pública do Estado de Roraima - recém elevado sua categoria de Território a Estado com a CF de 1988 - foi criada sob a lei n 7.364 de 12 de setembro de 1985<sup>19</sup>. Entretanto, em 1989, sob o decreto nº 98.127, em 8 de setembro de 1989, a UFRR foi autorizada a dar início às suas atividades. A lei de criação da Universidade foi de autoria do então Deputado Federal à época, Mozarildo Cavalcanti<sup>20</sup>.

Cabe ressaltar, para fins de registro histórico, que anterior ao ano de 1985, havia em Roraima um programa de extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), do Rio Grande do Sul. Esse centro de extensão funcionou do ano de 1969 até o ano de 1985. SILVA (2017), esclarece que a contribuição da UFSM com seu campus em Roraima foi significativa, configurando-se um “ensaio” de uma instituição de Ensino Superior no futuro Estado “O

---

19 BRASIL. Lei nº 7.364 de 12 de setembro de 1985. **Autoriza o Poder Executivo a criar a Universidade Federal de Roraima**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-7364-12-setembro-1985-356589-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 14 fev. 2020.

20 SILVA, J. H. G. Anos que transformaram Roraima: uma visão crítica e histórica da UFRR. Boa Vista: Editora da UFRR, 2017. Essa obra, escrita pelo reitor pró-tempore e primeiro reitor eleito da UFRR, caracteriza-se como um livro de memórias, onde o autor expõe suas opiniões sobre o processo de implantação da UFRR, sendo que, invariavelmente, Gondim foi um personagem importante no contexto da UFRR e no mundo político em Roraima, tendo inclusive já ocupado o cargo de Prefeito da cidade de Boa Vista, no ano de 1984.

Campus roraimense da UFSM desenvolveu-se no contexto do regime militar, implementando um braço educacional e assistencial da política de integração amazônica, definida pela Escola Superior de Guerra” Entretanto, há um hiato entre o fim do Campus da UFSM e a implantação definitiva da UFSM, não havendo assim uma relação direta entre a UFSM e a UFRR. Esse “Campus Avançado” não dispunha de cursos de graduação para um então Território Federal em que já habitavam mais de 100 mil pessoas, e marcado por um fluxo contínuo de migrantes de diferentes lugares do Brasil (SILVA, 2017, p.23).

Além disso, José Hamilton Gondim Silva criou, como prefeito de Boa Vista, a Fundação de Educação Ciência e Cultura de Roraima (FECEC). Esta instituição, apesar de durar pouco mais de um ano, em suas palavras, significou as bases para a implantação da UFRR, já que buscava entre as autoridades locais e o governo federal, uma articulação para a implantação de cursos superiores na cidade de Boa Vista. Para se ter uma ideia, entre os membros do conselho da FECEC, se encontrava o futuro governador de Roraima, eleito duas vezes, Neudo Campos (SILVA, 2017, p.31).

Contando inicialmente com um quadro de 124 fundadores, sendo 59 técnicos administrativos, 51 professores e 14 colaboradores<sup>21</sup>, a UFRR teve seu início marcado por bastante sacrifícios por parte de seus novos funcionários e também de seu primeiro reitor, o economista cearense Hamilton Gondim. De acordo com a edição do livro comemorativa aos 30 anos de fundação da UFRR<sup>22</sup>, além de sofrerem com a falta de um espaço físico adequado para a realização de suas atividades, os servidores da instituição, principalmente o quadro técnico, ficaram sem receber seus proventos salariais por mais de 4 meses, já que a universidade pública ainda não dispunha de um orçamento próprio. Vejamos também o contexto histórico em que a instituição foi criada. Era no final do governo de José Sarney, marcado por um alongamento da crise econômica e inflação herdadas da Ditadura Militar, e ainda de forte contingenciamento dos recursos públicos:

Sem estrutura física, a Universidade começou suas atividades na garagem da Delegacia do Ministério da Educação (prédio da extinta Demec). Com a cessão de um terreno e três pavilhões inacabados, onde hoje se encontra o Campus Paricarana, na capital Boa Vista, a UFRR, instalada inicialmente no Bloco I, irrompe, improvisa, cresce, se desenvolve e consolida sua presença na região amazônica do Brasil nesses 30 anos de história (2019, p. 42).

---

21 UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA 30 anos unidos pela universidade 1989-2019. Editora da UFRR, 2019.

22 Idem.

Dito isto, destacamos também a dificuldade encontrada pela instituição para o preenchimento de seu quadro funcional, tanto no corpo docente quanto no técnico. Aliado a isso, a UFRR tinha um reduzido quadro de doutores e mestres que entravam por meio de concursos públicos, visto que pela especificidade da região Roraima, as ofertas não atraíam tais profissionais “No final de 1990, a UFRR contava apenas com um professor doutor e cinco professores com mestrado, no quadro geral de 65 docentes na instituição” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, 2019, p.73)

Assim sendo, o reitor pró-tempore Dr. Hamilton Gondim encontrou no contexto social em que Cuba estava – Crise do Período Especial – uma motivação para atrair profissionais doutores daquele país para auxiliar a jovem UFRR a estabelecer novos cursos de licenciatura, bacharelado e ainda na criação de projetos em conjunto com o Governo de Roraima. De acordo com Cumerlato e Rousseau (2001), a cessão de profissionais cubanos para outros países não se restringiu somente aos campos de Educação e Saúde, estes, já de excelência:

Em 1999, 562 treinadores cubanos exerciam funções em 42 países de quatro continentes, sobretudo nos esportes em que Cuba brilha habitualmente nas competições internacionais, a saber: o beisebol, esporte número um na ilha, o boxe, o atletismo, o vôlei e o basquete (...) No sistema cubano, o treinador designado não escolhe sua destinação e tampouco se pronuncia sobre sua parte no bolo. Ele é pago com base num acordo entre o clube e a organização cubana. Em geral, a parcela que cabe ao treinador varia de 20% a 25% (2001, p. 154).

A citação acima evidencia que a estratégia cubana de empréstimos de seus profissionais a outros países, respondia a uma lógica não só de ajuda e solidariedade, mas também como mecanismo de arrecadação para o Regime, que vivia sob o “Período Especial”, e que qualquer fonte de receita era válida para contribuir com a economia do Estado. Logo, essa estratégia de Cuba não era só benéfica para o país, mas também para as instituições roraimenses. Visto que os profissionais cubanos, em comparação aos professores brasileiros, recebiam baixos salários, não dispoñdo ainda de um 13º salário nem pagamentos de férias e entre outros benefícios previstos na legislação brasileira (VILLEN, 2018).

No ano de 1993, registra-se a primeira chegada de professores para trabalharem na UFRR. O Jornal Paricarana, do dia 29 de abril de 1993, em sua chamada “Os cubanos chegaram”, dava nota do recebimento, por parte da UFRR, de 6 professores cubanos. Foram eles: Vivian Estrada Senti (Coordenadora do grupo), doutora em Computação; Oscar Tintorer Delgado, doutor em Física; Alberto Martin Martinez Castañeda, doutor em Matemática ; Elias

Entralgo Herrero, doutor em Física; Eloísa Maria Soares Aymé, professora de Espanhol; e Reinaldo Hernandez Camacho, professor de matemática.

As negociações entre as duas instituições, a UFRR e o Ministério da Educação de Cuba, já remontam desde o mês de fevereiro de 1993, segundo o Jornal Paricarana, da edição de 15 de fevereiro.<sup>23</sup> Naquele momento, uma comitiva formada por Gondim e Paulo Aukar, então pró-reitor de Extensão e Assuntos Estudantis que integravam uma equipe com outros reitores de instituições brasileiras, buscavam estreitar relações entre a UFRR e os técnicos em Cuba. Todavia, no dia 03 de março do mesmo ano, o informativo<sup>24</sup> anunciava o fim das negociações entre as duas instituições e o promulgação de acordos. Entre eles, além da contratação dos 6 professores cubanos com doutorado, estava também o envio de docentes da UFRR para cursarem mestrado e doutorado em Cuba.

Gondim Silva esclarece como foram arquitetadas as primeiras negociações entre a UFRR e as universidades cubanas no ano de 1993:

Em uma das primeiras reuniões, com a Universidade Camilo Cienfuegos de Matanzas, onde foram apresentados diversos ‘Curriculu Vitae’ de professores ao conjunto de reitores do Norte do Brasil, fui o único reitor a resolver na própria reunião que receberia cinco professores visitantes daquela Universidade (2017, p. 162).

A principal Universidade a qual abasteceu a UFRR com “empréstimo” de mão-de-obra foi a Universidade de Matanzas Camilo Cienfuegos. Criada já pela Revolução, no ano de 1972, esta instituição fica na cidade de Matanzas, capital da província homônima, e é resultado da unificação de vários centros de pesquisas que tinham como objetivo o desenvolvimento nacional:

Las líneas de investigación (Cultura y sociedad por el desarrollo; Gestión empresarial, pública y eficiencia de los procesos tecnológicos; Perfeccionamiento del sistema educativo cubano; Producción sostenible de alimentos y Gestión y control ambiental) responden a prioridades nacionales, territoriales y a las necesidades del proceso de formación y se identifican a partir del intercambio con otras instituciones<sup>25</sup>.

Como sinal de agradecimento às instituições cubanas, e também como uma forma de estreitar mais ainda as relações bilaterais, membros da UFRR organizaram, já a partir de março

---

23 Jornal Paricarana, um informativo da UFRR, nº 21, 15 de fevereiro de 1993.

24 Jornal Paricarana, um informativo da UFRR, nº24, 03 de março de 1993.

25 **Universidad de Matanzas**. Disponível em: <https://www.mes.gob.cu/es/ingreso/instituciones/universidad-de-matanzas>. Acesso em: 14 fev. 2020.

de 1993, as chamadas “Brigada de Solidariedade ao Povo Cubano”. Estas campanhas, já relatadas em seções anteriores, encaminhavam junto com seus membros, mantimentos de apoio, como medicamentos e insumos, para o consumo da população cubana.<sup>26</sup> Na mesma edição do jornal, havia uma pequena apresentação do currículo dos integrantes do primeiro convênio com cubanos. A edição do Jornal Paricarana, do dia 11 de agosto do mesmo ano, informava que a brigada já se encontrava em terras cubanas, levando ao todo 42 pessoas no qual passariam 19 dias visitando diversas cidades e centros universitários naquele país.

Cabe destacar a importância dessas relações construídas entre a jovem universidade roraimense com as instituições cubanas. Os convênios estabelecidos entre as duas entidades representaram, à época, aproximações técnicas e políticas entre Roraima e Cuba. A visita do Ministro da Educação Superior de Cuba a Roraima, Dr. Fernando Vecino Alegret, às comunidades indígenas do interior do estado, representou um marco para a consolidação de parcerias técnicas. O Ministro, além de ocupar o mais importante cargo da Educação Superior em Cuba, era General de Brigada do Exército Revolucionário de Cuba, tendo lutado ao lado de Fidel Castro, Ernesto Guevara e Camilo Cienfuegos na guerrilha de *Sierra Maestra* “Foi neste ano de 1993 que o Ministro da Educação Superior de Cuba nos fez a primeira visita à UFRR, para acompanhar o projeto dos professores visitantes previsto nos convênios com as universidades cubanas” (SILVA, 2017, p. 148).

Além das parcerias para a integração dos quadros docentes da UFRR e aperfeiçoamento profissionais de docentes brasileiros em Cuba, foi criada uma “Campanha de Alfabetização” em Roraima em conjunto com o governo do estado, na época, governado por Ottomar de Souza Pinto 1990-1995. Segundo dados de SILVA (2017), na época de realização do programa, a taxa de analfabetismo na capital do estado, Boa Vista, estava em torno de 21% da população, sendo que no interior, essa cifra passava dos 50%. Assim sendo, a histórica campanha de alfabetização realizada por Fidel Castro no início da Revolução Cubana serviu de inspiração e influência para a campanha em Roraima, contando inclusive com a presença do vice-reitor da Universidade de Matanzas, Jorge Casas Suarez, no qual permaneceu em Roraima por mais de 4 meses, apoiando tecnicamente a ação<sup>27</sup>. O reitor Gondim, confirma a influência cubana na campanha “Com o auxílio dos professores cubanos, idealizamos esse projeto. Utilizamos o exemplo de Cuba, onde nossa professora visitante Eloiza Maria Soarez Aymé, quando tinha 10 anos de idade, transformou-se em uma alfabetizadora (2017, p.117).

---

26 Jornal Paricarana, nº 25, 09 de março de 1993.

27 Jornal Paricarana, um informativo da UFRR, nº49, 22 de novembro de 1993.

Outra grande ajuda que Cuba prestou a Roraima e ao Ensino Superior foi o empréstimo de Doutores das Universidades de Medicina de Cuba para a UFRR. Vivian Estrada, chefe da delegação de cubanos conveniados, em uma missão ao seu país, trouxe dois professores com doutorado para integrar o quadro docente do curso de Medicina da Universidade<sup>28</sup>. O curso, já há muito era uma reivindicação das autoridades locais e da própria UFRR, teve sua primeira turma no ano de 1994, iniciando um fluxo intenso de professores cubanos para o curso. No ano de 1995, uma comitiva formada pelo então diretor da Faculdade de Medicina Mozarildo Cavalcanti, pelo diretor do Hospital Geral de Roraima e pela coordenadora dos convênios de professores cubanos Vívian Estrada, foram à Cuba com a missão de trazer 12 novos professores com doutoramento para atuarem nos cursos de Ciências Biológicas e Medicina<sup>29</sup>.

A política de contratação de professores se estendeu por toda a década de 1990 entre a UFRR e o Governo de Cuba. Além disso, o Governo do Estado de Roraima solicitou a contratação de profissionais de medicina daquele país para atuarem no Sistema Único de Saúde - SUS durante os anos de 1990<sup>30</sup>. O programa “Médico em Sua Casa”<sup>31</sup>, criado pela administração do governador Neudo Campos, teve papel fundamental em universalizar o atendimento médico em todo o território do estado. Um exemplo desses médicos que aqui chegaram é de Josué Jesús Matos, que alega em entrevista<sup>32</sup> que foi membro da primeira “leva” de médicos cubanos em Roraima, afirma que apesar de Cuba enviar médicos para diversos países de forma gratuita, o convênio com o Governo de Roraima não foi de graça. O governo roraimense pagava R\$ 3.000 ao médico que repassava R\$ 1.500 para o governo cubano, em condições contratuais pré-definidas “Em 1998, fui morar em Mucajaí. Eram mais de mil casos de malária em uma cidade de 9.000 habitantes. Atendíamos mais de cem pacientes por dia. Íamos a todas as estradas do interior, de casa em casa. Em alguns lugares, era a primeira vez que a população via um médico”.<sup>33</sup>

---

28 Jornal Paricarana, um informativo da UFRR, nº 64, 19 de setembro de 1994.

29 Jornal Paricarana, um informativo da Assessoria de Comunicação Social – UFRR. Nº -- Boa Vista, 06 de abril de 1995.

30 **Diário Oficial do Estado de Roraima** nº211, ano IX. **Convênio para colaboração científica, técnica e comercial**. Boa Vista, 17 de novembro de 1999.

31 CAVALCANTI, C. **Pronunciamento do então senador e ex-professor da Universidade Federal de Roraima, Mozarildo Cavalcanti**. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/texto/310734>. Acesso em: 14 fev. 2020.

32 CORREIA, C. 26 de maio de 2013. **Médico cubano vem trabalhar no Brasil e vira prefeito de Mucajaí**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/05/1285113-medico-cubano-vem-trabalhar-no-brasil-apaixona-se-e-vira-prefeito-de-mujacai-rr.shtml>. Acesso em 14 fev. 2020.

33 Idem.

Essa prática de se recorrer a especialistas cubanos não se restringiu a Roraima, mas também foi copiada por outros estados da federação brasileira. No ano de 2013, para aumentar a oferta de profissionais da medicina em locais de difícil acesso e municípios com poucos médicos, o Governo Federal criou o programa “Mais Médicos”, cuja contratação inicial visava profissionais brasileiros com vagas remanescentes para estrangeiros. Porém, após a baixa adesão de nacionais, a então Presidente do Brasil, Dilma Rousseff, recorreu à ajuda cubana para preencher as vagas. Sendo que em dezembro de 2018 o governo de Miguel Díaz Canel, novo presidente eleito de Cuba, solicitou que seus compatriotas retornassem ao país após hostilidades e declarações do então presidente eleito do Brasil, Jair Bolsonaro<sup>34</sup>.

---

**34 Mais médicos: o que disseram Cuba e Bolsonaro sobre a saída dos cubanos do programa.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46210587>. Acesso em: 31 Jan. 2019.

#### 4. TRAJETÓRIAS DOS MIGRANTES CUBANOS EM RORAIMA: INTERAÇÕES, DESLOCAMENTOS E INSERÇÕES.

No terceiro capítulo deste trabalho de dissertação apresentaremos as trajetórias dos seis migrantes cubanos que colaboraram na pesquisa com suas entrevistas. Entendemos ser fundamental incorporar as subjetividades para explicar um fenômeno migratório, referenciando-nos na perspectiva de Sayad (1998), que entende a migração como um “Fato Social Total”, cuja abordagem está no encontro das Ciências Sociais e Humanas. Aqui, por meio das trajetórias dos migrantes ouvidos, a subjetividade emerge como o campo que nos permite explicar e compreender não só os aspectos individuais de uma trajetória de um sujeito, mas também de características de processos mais abrangentes e externos a ele.

Trajетória – objeto de análise deste capítulo – pode ser entendida como um deslocamento no tempo e no espaço ao longo da vida do migrante. Para Sayad, a “Trajetória Migratória e Social” do migrante seria o *locus* privilegiado para entender as migrações e seus desdobramentos. Nestas subjetividades, “acessadas” por meio das entrevistas de História Oral, residem muitas explicações acerca de processos de rompimentos, reconstruções, ressentimentos e perdas, aspectos tão peculiares aos migrantes cubanos, visto que Cuba ocupou e ainda ocupa um protagonismo histórico e significativo na América Latina por conta de seu governo e de sua Revolução. Logo, abordando a “Trajetória Migratória e Social” dos cubanos entrevistados analisamos não só o cenário em que se desenvolveu os fluxos migratórios de cubanos entre Cuba e Roraima, mas também os processos migratórios e sociais em que cada migrante se envolveu nesse período.

Para uma melhor estruturação desse capítulo, o mesmo estará dividido em 4 seções que configuram as trajetórias dos nossos colaboradores a partir de quatro eixos que nortearam as entrevistas. Destas seções, a primeira se atentará aos aspectos profissionais dos sujeitos migrantes, desde sua formação em Cuba às suas experiências profissionais no Brasil e em Roraima e, como em alguns casos, em países fronteiriços como a Venezuela.

A segunda seção, denominada “Interações”, examinará os aspectos mais pessoais dos colaboradores, que abrangem seu núcleo familiar, social e suas interações no mundo político e ideológico. Nesta, invariavelmente, aspectos da memória dos cubanos se reencontram, em sua subjetividade, com sentimentos de pertencimento social, político e familiar. Portanto, ao revisitar o “ser cubano” durante as entrevistas orais, os colaboradores expressaram muitos aspectos de sua memória que podem ser lidas, de acordo com Portelli (2016), nas categorias de

“Memória-Monumento” e “Memória Incômodo”, explicadas de forma mais clara no capítulo 1 deste trabalho.

A terceira seção, denominada “Deslocamentos”, tratará sobre o “Projeto Migratório” dos migrantes entrevistados, enfocando aspectos das suas trajetórias de vida e migratórias antes e pós deslocamento, bem como as estratégias utilizadas pelos mesmos para realizar esses deslocamentos notadamente frente, em muitos casos, ao arcabouço político, jurídico e institucional cubano.

A quarta e última, nomeada de “Inserção”, se concentrará na incorporação profissional do cubano no Brasil, sua adaptação social em Roraima, lançando luz sobre a eventual construção de um novo núcleo familiar, as estratégias de adaptação social e profissional e, para finalizar, uma discussão sobre os lugares de pertencimento Cuba e Roraima e os ressentimentos gerados após o deslocamento em alguns de nossos colaboradores.

Cabe lembrar que não identificaremos os nossos colaboradores por seus nomes verdadeiros. Utilizaremos a identificação de acordo com a cronologia das entrevistas concedidas ao pesquisador desse trabalho.

#### **4.1 FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL.**

Esta seção, dividida aqui em duas partes tem como intuito apresentar o histórico profissional dos nossos sujeitos migrantes. A primeira trata da formação profissional dos seis colaboradores e outra sobre os aspectos de suas atuações profissionais, visto que graças à primeira foi por meio de suas profissões, direta ou indiretamente, que empreenderam seus deslocamentos para o Brasil, em momentos tão sensíveis no contexto histórico dos dois locais, de origem, Cuba e de destino, Roraima.

Cuba, historicamente, sempre sofreu de um déficit significativo de profissionais liberais (Professores, Médicos etc.) durante a sua história. Seja pelo fato de o Ensino Superior no país ser restrito a apenas a 3 universidades, antes da Revolução, incluindo a maior e mais importante delas a Universidade de Havana, na capital, seja porque parte de seus formados migrarem para os Estados Unidos, como explicado por Morrone (2008), que nos fala de uma migração embrionária anterior a 1959.

Contudo, após a eclosão de sua Revolução Cubana, em janeiro de 1959, a ilha perdeu muitos desses trabalhadores, principalmente quando Fidel Castro declarou o caráter socialista da Revolução. Logo, o país viu seus médicos migrarem em massa para os Estados Unidos e

Europa. De acordo com Ayerbe (2004, p. 63) o setor médico sofreu gravemente com a onda de 256 mil cubanos que deixaram o país no início dos anos 1960, pois entre eles havia mais da metade de seus membros se deslocando para o exterior.

Assim sendo, a formação de médicos e professores em níveis de excelência reconhecidos pela comunidade internacional foi uma das prioridades desde o início da Revolução Cubana. O exemplo da importância do setor educacional para o novo governo foi a Campanha de Alfabetização Cubana, realizada no final de ano de 1960 e início de 1961. Esta fez com que a Ilha alcançasse a erradicação do analfabetismo, fato inédito na América Latina. De acordo com Rodríguez (2011):

E, é claro, o nível de analfabetismo era tal que, numa população de 5,5 milhões de habitantes, esse flagelo atingia, em média, 23,6% dos maiores de 15 anos; e nas zonas de montanha e rurais chegava a 40%. Só existiam 15 mil estudantes universitários, três universidades, uma delas era privada (Villanueva), e muitos professores formados que não tinham escolas para exercer a profissão (2011, p. 45).

Logo, a criação de universidades e a expansão do Ensino Superior gratuito e universal para todo o país se tornou uma prioridade da nação e impulsionado pela política de Castro. São exemplos, a Universidade do Oriente de Santiago de Cuba, criada nos anos de 1960, e a Universidade de Matanzas<sup>35</sup>, criada na década de 1970, sendo esta segunda o principal polo de fornecimento de profissionais cubanos para Roraima, principalmente dos profissionais formados em Exatas e Tecnológicas.

O nosso colaborador, que denominaremos aqui de Entrevistado 6, graduado em Matemática, chegou a Roraima no primeiro ano do convênio que trouxe professores para a UFRR. Entretanto, não fez parte do grupo pioneiro dos “6 professores cubanos” que se deslocaram em abril daquele ano. Com sua formação em Educação Matemática, graduou-se na Universidade de Havana e especializou-se em Educação, ainda em Cuba, tendo dirigido importantes centros de tecnologia naquele país e sendo membro do corpo docente da Universidade Camilo Cienfuegos, de Matanzas. O Entrevistado 6 foi um dos selecionados pelo Reitor *pro-tempore* Hamilton Gondim para auxiliar as atividades docentes do curso de Matemática da UFRR:

Eu sou formado como Professor em Educação Matemática. Essa é a minha formação. Quando eu já vim para o Brasil, eu fiz especialização aqui no Brasil e em Cuba

---

35 [https://www.ecured.cu/Universidad\\_de\\_Oriente\\_\(Santiago\\_de\\_Cuba\)](https://www.ecured.cu/Universidad_de_Oriente_(Santiago_de_Cuba)). Acesso em: 12 fev. 2020.

também. Eu tinha planejado fazer o meu doutorado em Cuba, mas como eu fiquei aqui [Roraima], já não evoluiu. Aí vem toda essa história que eu estou dizendo. (Entrevistado 6, 2019).

O relato do Entrevistado 6 relaciona a convergência que existia entre a UFRR e o Governo de Roraima como núcleos que fomentavam o deslocamento constante de profissionais cubanos para Boa Vista. Antes disso, o colaborador, além de coordenar uma escola de nível tecnológico em Cuba, também foi professor na cidade de Matanzas, na universidade homônima. Informa também que, em uma das suas mais especiais experiências, trabalhou por um ano no início dos anos 1980, na Nicarágua, após a vitória da Revolução Sandinista, em 1979. Politicamente, Cuba e Nicarágua se aproximaram após o Sandinismo triunfar e a ilha de Castro enviou diversos profissionais de diferentes áreas para ajudar o país e o novo governo aliado e, sobre essa atuação, explica:

Eu fui em Cuba o diretor do Instituto Técnico mais grande de Cuba. Em ano 1980 eu fui diretor. Eu era muito novo e eu já tinha uma responsabilidade muito grande. Por isso eu me dou bem com a questão do ... de assumir projetos. Eu tenho experiência gerencial desde novo. Inclusive eu estive na Nicarágua. Eu fui assessor do Ministro de Educação da Nicarágua, no ano de 1982. A pedido do Governo da Nicarágua. O ministro educacional era Carlos Tunnermann. (Entrevistado 6, 2019)

Percebemos com essa fala que a vida profissional do Entrevistado 6, ao mesmo tempo que lhe proporcionou servir em graus elevados de importância ao seu país, também foi significativa das situações pessoais que enfrentou durante toda a sua trajetória profissional e migratória. Logo, houve um custo pessoal para que o colaborador seguisse atuando profissionalmente. Todavia, sua informação sobre a sua trajetória assevera que o envio de profissionais que servissem em áreas sensíveis e de influência no país não partiu e nem foi criado somente durante o “Período Especial”. Fidel Castro fez de seus compatriotas, muito bem formados a partir da Revolução, uma espécie de “mão-de-obra” colaboradora de sua influência política e ideológica.

Já quanto a sua atuação em Roraima, o Entrevistado 6 revela que prestou relevantes serviços para as instituições roraimenses. Sua vinda para o Brasil se deu no final do ano de 1993, para um contrato com a Universidade Federal para lecionar aulas no curso de Matemática e elaboração de novos currículos. Entretanto, tendo findado seu contrato um ano depois e cumprido as exigências do governo cubano – essas previam o não reenvio de profissionais “conveniados” para o exterior continuamente –, volta ao estado no ano de 1994, por intermédio

da Secretaria de Educação do governo de Roraima que o solicitou para atuar no antigo CEFAM<sup>36</sup>.

Finalizado seu contrato com o CEFAM, o entrevistado nos informa como montou a sua estratégia migratória para a permanência de forma “regular” em Boa Vista. Semelhante aos seus outros compatriotas que escolheram Roraima à Cuba para viver, decidiu constituir um novo matrimônio no Brasil, com uma brasileira, retornando ao seu país de origem para a regularização migratória nas instituições cubanas, visto que como explicado anteriormente, professores universitários possuíam especificidades para deixar Cuba de forma permanente. Nessa questão, o colaborador explica:

Casei em Cuba e voltei. Legalizei tudo e voltei. Aqui eu fui contratado pelo governador na época, porque eu apresentei um projeto para o Centro Estadual de Informática Aplicada, esse CEIA que era na época, esse projeto é meu. E eu fiz esse projeto, na época mudou o governador... era o Neudo Campos, e deu apoio e ele quem montou esse centro estadual de informática aplicada. Naquela época de um *boom* de cursos. E paralelamente eu trabalhei na faculdade. Eu estive tanto na federal [UFRR], como professor visitante, passei um tempo como professor visitante na federal, como comecei a trabalhar na faculdade privada. Daí comecei simultaneamente a fazer as duas coisas. Eu era diretor do centro estadual de informática aplicada, depois de finalizado o projeto, eu fiquei como diretor um ano. Até que saiu o governador. Sabe como é a questão de mudança de governo. Daí já vem outras questões a mais.<sup>37</sup>

O Entrevistado 3 graduou-se em Matemática em Cuba, tendo feito seu mestrado na Universidade de Matanzas e um Doutorado na Espanha. Seu doutoramento foi feito quando o colaborador já estava em Roraima, quando já atuava como servidor efetivo da UFRR, no curso de sua formação. Suas pós-graduações se desenvolveram nas áreas de tecnologia informática, construção de currículos e profissionalização de docentes da área de Matemática. Seu convite para trabalhar em Roraima foi feito pela Secretaria de Educação do Estado de Roraima, no ano de 1998, para o mesmo atuar na coordenação de um projeto de informática nas escolas. O

---

36 O Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério – CEFAM foi criado em 1994, na administração do governador Ottomar Pinto, na qual contava com professores com titulações mais elevadas, que colaboravam na capacitação e formação de professores para séries iniciais. Tendo sido transformado em FESUR no governo de Neudo Campos, através da LEI COMPLEMENTAR Nº 043 DE 30 DE AGOSTO DE 2001, o CEFAM foi o embrião para a nova instituição Universidade Estadual de Roraima. Disponível em: [https://www.tjrr.jus.br/legislacao/phocadownload/LeisComplementaresEstaduais/2001/Lei\\_Comp\\_Est\\_043-2001.pdf](https://www.tjrr.jus.br/legislacao/phocadownload/LeisComplementaresEstaduais/2001/Lei_Comp_Est_043-2001.pdf). Acesso em 17 fev. 2020.

37 O Centro de Estadual de Informática Aplicada - CEIA, projeto esse criado pelo entrevistado, representou a abertura de uma Escola técnica em informática que ofertava cursos gratuitos para a comunidade, bem como um apoio técnico para as atividades do governo do estado e até em realização de concursos para preenchimento de quadros no governo de Roraima. Como podemos ver que o CEIA auxiliou o certame da Companhia de Desenvolvimento de Roraima, no ano de 2004. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/5864888/pg-9-diario-oficial-do-estado-de-roraima-doerr-de-09-02-2004>. Acesso em: 18 fev. 2020.

Entrevistado 3 era professor na Universidade de Matanzas e o convênio que o trouxe foi celebrado com o governo de Roraima, sendo que o seu vínculo com a UFRR se deu independente dos convênios bilaterais entre a universidade e Cuba e quando o colaborador já tinha “abandonado” seu convênio de trabalho original. Entretanto, relataremos mais adiante a cisão entre o mesmo e o seu país de origem.

O caso do Entrevistado 3 é notável por este, após os primeiros meses de contrato em Roraima através da Secretaria de Educação, romper com o regime cubano e não cumprir com o envio de 70% de seus rendimentos para o governo. Ao contrário de seus compatriotas que já se encontravam em Roraima e que “legalizaram” em Cuba a sua migração para Boa Vista, a atitude do entrevistado 3 significava deserção e o não retorno ao país natal de forma definitiva – já que aqueles que se encontravam em *misiones* no exterior e abandonassem seus contratos ou não os cumprissem no que concerne o envio do dinheiro ao governo cubano – eram considerados “traidores da pátria” e não voltariam para sequer visitar familiares e filhos na Ilha.

Contudo, o Entrevistado 3 em seu relato nos mostra que as condições políticas foram fundamentais para que ele não retornasse ao país natal e nem desse continuidade na “repartição” do seu salário. Sua simpatia para com o “Regime Comunista” nunca existiu e a ida para o exterior se mostrou uma oportunidade inédita em sua vida e a opção de deixar Cuba com sua política castrista. Ainda afirma que, por ser professor universitário, a crise do “Período Especial” não se mostrava tão severa, em contraste com o restante da população, mas não deixava de ter seu peso na sua decisão individual de estabelecer-se no Brasil, contrariando um pouco a avaliação de outros entrevistados sobre as vicissitudes do “Período Especial”.

Tendo atuado como professor da Universidade de Matanzas e auxiliar em projetos naquela instituição, até a possibilidade de se deslocar para o Brasil e cumprir o contrato de trabalho com o governo de Roraima e mais tarde, tornar-se professor efetivo da UFRR, nos informou que a partir de seu estabelecimento definitivo, emprego em Roraima nunca foi difícil de se encontrar, ainda mais na sua área de aplicação de projetos de informática, ainda em expansão no jovem estado brasileiro:

Bom, estando aqui, possuo minha casa. Já se passaram 20 anos. Já possuo filhos. Minhas condições de trabalho são favoráveis. Realmente, o que nunca me faltou foi emprego, oportunidades [em Roraima]. Após a Secretaria de Educação, no ano de 1998 eu passei num concurso da Universidade Federal de Roraima, eu sempre fui professor universitário, sou pesquisador. Então, me parece que tenho condições ótimas de trabalho (Entrevistado 3, 2017).

Já a nossa única colaboradora mulher tem uma trajetória profissional peculiar, não só por sua formação em Medicina não ter sido no Brasil nem em Cuba, mas também por esta não migrar por meio de convênios de trabalho, apesar das históricas relações entre Roraima e Cuba influenciarem no seu projeto migratório. A Entrevistada 5, como a nomearemos nesse trabalho, graduou-se em Medicina na Venezuela, no estado de Bolívar, fronteiro com Brasil e Roraima. Todavia, antes de vir para Boa Vista a convite de seu pai, um médico cubano já falecido – esse sim, que migrou para o Brasil através de convênios de trabalho celebrados entre Cuba e Brasil – a colaboradora realizou uma graduação em Enfermagem na cidade de Havana, Cuba. Egressa das melhores escolas públicas cubanas, pois relata que possuía excelentes notas e assim sendo os alunos que apresentavam ótimo desempenho eram selecionados pelo governo para estudarem em escolas de níveis mais elevados, a Entrevistada 5 alega que a ausência do pai (o médico, pai da entrevistada, veio ao Brasil para cumprir contratos de trabalhos nos anos de 1990) e uma doença contribuíram para que a mesma não cursasse inicialmente Medicina em Cuba, seu grande sonho.

Lá eu não optei por Medicina porque eu adoeci na época, teve a saída do meu pai também. Então, influenciou muita coisa que eu não consegui fazer [...] Quando eu decido, depois que eu estudei, fiz enfermagem em Cuba, eu decido visitar meu pai, meu pai já morava aqui em Roraima. Eu vim de férias. Meu pai chegou em 1999 para cá. E eu cheguei em 2001.

Quando questionada sobre a sua formação em Medicina, seu relato esclarece que sua formação se insere em sua trajetória migratória e na do seu pai, ainda que seu aperfeiçoamento na mesma profissão não se dê nem em Cuba, nem no Brasil:

Quando ele se estabilizou aqui ele [Pai da entrevistada e o responsável direto pelo seu deslocamento para Roraima] pediu para eu vir de férias e eu vim. Como na época era bem mais fácil, tinha pouco imigrante, eu tinha toda a minha documentação certinha, na época, com bem menos protocolos que agora, e eu decidi ficar. E estou.  
[...] Em 2006, logo quando eu voltei de férias [em Cuba]. Eu decidi na Venezuela, fiz perto, na fronteira. Fiz ali em Santa Helena, e fiz Medicina ali em estado de Bolívar. Era o estado mais perto que tinha aqui do meu pai [Roraima - Brasil] e fiz 6 anos lá. Lá, eu casei (Entrevistada 5, 2019).

Observa-se que sua trajetória profissional é própria, e se cruza de maneira determinante com a sua trajetória migratória. Quando veio para Roraima a convite do pai, trabalhou inicialmente em um pequeno restaurante da madrastra na cidade de Boa Vista. Enquanto conciliava o trabalho com os estudos em cursinhos pré-vestibulares para tentar a aprovação no

vestibular em Medicina na UFRR, a colaboradora relatou a dificuldade em estudos na língua portuguesa e da prova do vestibular. Todavia, encontrou no país vizinho e de língua hispânica, a Venezuela, a facilidade para realizar o sonhado curso. Assim narra a colaboradora:

[...] Aí casei, tive duas filhas na faculdade [durante os estudos] minhas 3 filhas nasceram aqui [Boa Vista-Roraima]. Eu engravidei duas vezes lá [na Venezuela], só que como eu morava aqui, eu só passava o tempo das aulas lá e final de semana eu vinha para cá, para a casa do meu pai. Ai, é ... todo o meu pré-natal foi feito aqui e tive minhas filhas aqui. E quando eu terminei [o curso de medicina], eu terminei em outubro de 2012 e me formei. Em abril, a Dilma lançou o programa mais médicos, eu entrei. Eu passei uns meses só de férias. E vim embora em 2013 [para Roraima]. Na verdade, a gente começou em setembro de 2013. Mas a inscrição, todo esse processo começou desde abril, de 2013. Aí é esse o motivo do meu retorno ao Brasil. Eu já tinha me casado lá [Venezuela] (Entrevistada 5, 2019).<sup>38</sup>

Assim, como a colaboradora acima, o Entrevistado 4 também é graduado no curso de Medicina, contudo sua formação foi no seu país de origem. Graças a ela e ao contexto histórico em que a ilha de Cuba vivia – o já aludido Período Especial de Paz – pode deslocar-se para participar de convênios de trabalho no exterior, sendo selecionado como participante em um contrato de trabalho na Guiana – país fronteiro ao Brasil. Como explicado em seções anteriores, Cuba ampliou massivamente sua política de empréstimos de profissionais para diferentes países durante o Período Especial, e nesse contexto de crise e oportunidade, o Entrevistado 4 foi clinicar em áreas de garimpo no país conveniado com o seu. Após abandonar o convênio, teve ainda a oportunidade de fazer especializações médicas no Brasil e no estado de São Paulo, tempos depois de seu rompimento contratual na Guiana.

O início profissional do Entrevistado 4 se mostra interessante. Este relaciona seus primeiros anos de atividades empregatícias na Medicina às dificuldades impostas pelo “Período Especial de Paz”, no início dos anos 1990, e faz um paralelo entre a situação financeira e de bem-estar de seu núcleo familiar em Cuba com o seu “arredor” social. Entendemos que seu relato nos remete ao que Portelli (2016) chama de “memória-incômodo”, ou seja, as memórias que vão de encontro às narrativas da “memória-monumento”, que revestem o “Período

---

38 Até a data da entrevista, a colaboradora ainda integrava o quadro de médicos do programa do governo federal citado, e ainda vivia a apreensão de não conseguir a renovação de seu contrato, visto que uma decisão do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, argumentava a proibição de renovação dos atuais profissionais. Entretanto, no fim do ano de 2019, o presidente sanciona a lei do Programa “Médicos pelo Brasil”, um ato para substituir o nome do antigo programa “Mais Médico” e ainda estabelecia as condições para a renovação dos contratos dos médicos cubanos. SUPPA, C. Presidente Bolsonaro Sanciona Lei do Médicos pelo Brasil. <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46160-presidente-bolsonaro-sanciona-lei-do-medicos-pelo-brasil>. Acesso em 14/02/2020.

Especial”, ao tratar do ambiente social vivido em Cuba, ao adentrar na profissão, e que marca os primeiros anos da sua atuação do médico. Segue o mesmo:

Eu comecei a trabalhar em uma penitenciária que era conhecida por Polícia Militar e aí mais ou menos eu quase não passei dificuldade. Mas a população sim. Não havia gasolina, não havia nada. Como está a Venezuela hoje. Meus pais eram trabalhadores simples. Minha mãe era telefonista e meu pai trabalhava no cinema. E com isso vivíamos bem. Não éramos de classe média. Mas, tínhamos tudo... geladeira, comida... Mas, depois desse período [1992] realmente teve uma crise muito forte (Entrevistado 4, 2017).

Isso mostra, como veremos em outras seções deste capítulo, que o “Período Especial” marcou profundamente os projetos migratórios de nossos colaboradores, visto que essa grave crise econômica e de abastecimento atingiu todas os setores sociais, desde médicos, professores universitários e outras profissões. Logo, o “Período Especial” é marcado, na maioria dos relatos, como um divisor de águas para os nossos colaboradores. Pois é a partir desse contexto histórico próprio de Cuba, que estes arquitetam seus projetos migratórios definitivos ou provisórios para o exterior, em especial Roraima, com intuito de melhores condições de ganhos financeiros.

Apresentamos também a formação do nosso colaborador, Entrevistado 2, membro da primeira “leva” de professores para a UFRR, de abril de 1993. O professor, tendo uma extensa atuação em Educação Básica e principalmente no Ensino Superior no seu país, era membro do corpo docente da Universidade de Matanzas quando foi convidado pela UFRR para auxiliar as atividades docentes do curso de Física. Graduado em Física pela Universidade de Havana, tem doutorado feito através de um convênio entre Cuba e a extinta URSS, cujo envio de seus alunos e profissionais em busca de melhores qualificações se deu por toda a histórica parceria entre as duas nações, até a queda do bloco socialista. O governo soviético financiava os estudos dos cubanos em diversas universidades espalhadas pelo seu território no leste europeu, sendo que, o envio de profissionais russos para universidades cubanas também era comum. Porém, os cubanos que se dispuseram a ir para a URSS tinham que dominar o russo para a participação em aulas de Mestrado e Doutorado e defesa de suas teses, essas, evidentemente, escritas integralmente em Russo.

Sobre sua formação no doutorado no exterior, nos informa:

Na verdade, existiam 4 centros universitários na URSS. Existiam convênios em geral em todas as repúblicas soviéticas. Mas 90 % eram com a Rússia. Esse intercâmbio permitia o envio de uma certa quantidade de alunos cubanos por ano a URSS. Nós tínhamos professores soviéticos. A minha experiência era com ucranianos. Eu fiquei

um tempo em Odessa e Kiev (...) nós trocávamos ideias, experiências, resolvíamos problemas da nossa universidade. Tinham casos que duravam 1 semana ou casos de até 2 anos. E havia o lugar central que era Moscou e de Moscou íamos para outras universidades. Passei 45 dias em Kiev. Eu nunca tive um domínio amplo do russo, eu lia um pouco. De Matanzas foram 2 alunos, e comigo foi uma professora que falava muito bem o Russo. Então, ela me ajudava para traduzir qualquer problema (Entrevistado 2, 2014).

Seguindo o paralelo em que o Entrevistado 4 realizou, o Entrevistado 2 também alegou que as condições de Cuba durante os anos de crise foram cruciais para que este escolhesse definitivamente o Brasil para migrar e atuar profissionalmente. Casado “legalmente” em Cuba, levou sua mulher brasileira para morar no país e assim continuar com suas obrigações profissionais na Universidade de Matanzas. Entretanto, já se aproximando do fim da década de 1990, as condições econômicas da ilha não davam sinais de melhora e apaziguamento, obrigando o nosso colaborador a voltar seu projeto migratório para o Brasil novamente. Antes disso, o mesmo esclarece como se desenvolveu a sua atuação em Cuba e suas interações profissionais com instituições de diferentes níveis:

Eu tive a oportunidade de dirigir uma faculdade que preparava os meninos para irem estudar na URSS. Eles terminavam o Ensino Médio e passavam um ano nessa faculdade revendo todo o assunto, porém em Russo. Toda a hierarquia militar cubana havia se formado na URSS. Todo o processo de ensino [do entrevistado] foi público e gratuito. Tanto no Ensino Médio quanto na universidade. Eu comecei a trabalhar imediatamente depois que me formei, na Universidade de Matanzas, sou bacharel em Física. Fiz algumas especializações ... me formei em 1975. [...] Fiz Mestrado e Doutorado sempre trabalhando na universidade durante todo nesse período [...] também me envolvi em curso de Filosofia, eu dei aulas de Filosofia. Eu ocupei várias vezes a chefia de pesquisa dessa Universidade (Entrevistado 2, 2014).

Cabe esclarecer que no caso desse colaborador, o deslocamento de forma definitiva para o Brasil não era sua opção, como será explicado na seção que corresponde a isso, mais à frente. Logo, as interações de sua atuação em Boa Vista deixaram contatos que possibilitaram a sua volta para Roraima para diferentes instituições administrativas, visto que o Entrevistado 2 possuía experiência de gestão e coordenação de projetos. Este constantemente prestou consultorias para a Secretaria de Educação do Estado de Roraima, em diferentes governos, deixando claro que a sua “rede” social era bem articulada, não abandonando ainda a condição empregatícia com a instituição primeira que possibilitou a sua vinda para Boa Vista, a UFRR. Logo, a sua “estratégia migratória” funcionou em contextos de governos locais diferentes, como esclarece:

As pessoas gostavam tanto de mim, que a chefe da minha seção na secretaria disse que se eu voltasse e ela estivesse ainda como chefe, no outro dia eu estaria empregado, e assim foi. Fui sempre muito bem-querido. No governo Flamarion, quando cassam o seu mandato, me demitem. Imediatamente, o presidente da FESUR, através de pessoas que me conhecia, me chamaram para a FESUR. Depois fiz o concurso. Nessa época eu sempre renovava o contrato com a Universidade Federal como professor temporário. Lá eu trabalhei sempre em projetos (Entrevistado 2, 2014).<sup>39</sup>

Percebe-se que o relato do Entrevistado 2 corrobora as informações prestadas nas últimas seções do segundo capítulo deste trabalho. Essas fontes orais, como a experiência do próximo colaborador que veremos, possibilitaram que pudéssemos constatar que as relações contratuais dos cubanos e as relações intercambiais entre Cuba e Roraima perduraram por vários anos e governos e em diferentes níveis, tanto na administração estadual quanto na universidade federal. Não obstante, mesmo havendo algumas “deserções” como a do Entrevistado 3, a política entre a ilha de Castro e Roraima continuou.

Por último, apresentamos as qualificações profissionais do Entrevistado 1. Este, concluiu a sua graduação em Matemática pela Universidade de Havana nos anos de 1970, teve sua trajetória de formação profissional em Cuba, na URSS e também no Brasil. No seu país de origem, atuou profissionalmente desde a adolescência em Escolas Públicas, dando aulas para Ensino Básico e Médio e como professor universitário, até seu deslocamento para Roraima na primeira “leva” de cubanos professores. Na União Soviética, o Entrevistado 1 pôde realizar, ainda nos anos de 1980, um doutoramento na área de Matemática Aplicada à Economia.

Relatando suas experiências, o colaborador afirma que quando deixou o “Ensino Médio” ingressou diretamente na Universidade Pública na capital de seu país. Conciliando trabalho e estudos, conseguiu graduar-se teve a possibilidade da experiência de viver e estudar em território soviético. Sobre seu doutorado, explica:

Foi na antiga União Soviética, na República Socialista Soviética da Armênia. Eu fiz um doutorado em matemática aplicada à economia, relativo a um problema de planejamento para três quinquênios da indústria açucareira na minha província de

---

39 Flamarion Portela foi governador do estado de Roraima entre 2003 e 2004, quando teve seu mandato cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral. A FESUR, citada pelo Entrevistado 2, foi a Fundação de Ensino Superior de Roraima, criada pelo Governo do Estado, no ano de 2001, na administração do governador Neudo Campos, para a oferta e manutenção de Ensino Superior em Roraima, mais tarde a fundação foi transformada na Universidade Estadual de Roraima, tendo seu primeiro reitor, *pró-tempore*, o também ex-reitor da UFRR, José Hamilton Gondim Silva. A FESUR, sob a gestão de Campos, articulou a contratação de professores cubanos e intercâmbio de professores roraimenses para maiores qualificações na Ilha de Cuba. Também, registra-se que o governo roraimense possibilitou que alguns docentes da Rede Pública do estado estudassem mestrado em Cuba. Disponível em: <https://www.uerr.edu.br/sobre/>. Acesso em 17 de fev. 2020.

Matanzas, em Cuba. [...] Pelo convênio, me davam o diploma soviético, como que davam aos soviéticos. Que era um diplominha pequeno. Os que eram estrangeiros e faziam lá, recebiam um diploma grande, bem bonito, em inglês [...] Mas como eu era servo do sistema [cubano], então, em Cuba me remetiam um diploma de doutorado, equivalente (Entrevistado 1, 2019).

O Entrevistado 1 possui uma longa carreira com serviços prestados aos meios acadêmicos em Cuba e em instituições brasileiras. Ingressou na universidade e enquanto passava pela sua formação, auxiliava seus colegas de curso em aulas no departamento de Matemática, prática esta já realizada ainda nos tempos de escola primária. Quando se graduou em Matemática, o Entrevistado conta que foi selecionado para atuar no quadro docente da Universidade de Matanzas – lembremos, a primeira universidade e maior polo de atração de cubanos para a UFRR. Ainda durante a entrevista, deixou claro que atuar em Matanzas, apesar de ser sua cidade natal, não foi uma escolha espontânea do mesmo, foi uma decisão do governo. Nesse ínterim, o professor também foi “paquerado”, como disse na entrevista, pelo setor militar cubano para atuar no programa de mísseis balísticos do setor de defesa. Entretanto, optou por lecionar na Universidade, esclarecendo como foi o seu estabelecimento funcional definitivo na Universidade Federal de Roraima e o contato com outra instituição brasileira:

A coisa foi assim, vou te contar. Eu fiz o concurso, em janeiro de 1997, e entrei [na UFRR] como professor adjunto, com doutorado. Eu já tinha todos os direitos como um servidor concursado. Então, minha esposa foi fazer, em 1999, o doutorado dela em Engenharia Civil, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E eu ganhei acompanhamento de cônjuge. Cheguei lá, e comecei a lecionar. E eles gostaram muito do meu trabalho. [...] Então, eles gostaram muito do meu trabalho, e por duas vezes, me ofereceram abrir um concurso praticamente dizendo que seria endereçado para mim. Mas, eu recusei as duas vezes. E isso me causou um certo desconforto com o chefe, por que ele não entendia, como eu podendo ser professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul queria voltar para o extremo norte do país, em uma universidade iniciante, como a Universidade Federal de Roraima. Mas, tive a tentação, né? Por que o ambiente científico lá era muito interessante. Eu podia pesquisar em Matemática aplicada na economia, que aqui [UFRR] não. Tinha grupos de seminários. Alunos que eu orientava. E tudo isso eu perdi (Entrevistado 1, 2019).

Mesmo já tendo constituído um novo núcleo familiar em Roraima e integrar o quadro efetivo da UFRR, percebe-se no fim da frase do entrevistado “E tudo isso eu perdi” um pouco de frustração pela perda da oportunidade de atuar na UFRGS. Relembremos o leitor que o entrevistado possui doutorado em matemática aplicada cursado em níveis de excelência na União Soviética, e ocupou diversos cargos de direção e em conselhos científicos na sua universidade em Cuba. Lembrou ainda durante toda a entrevista o prazer que seria ter

trabalhado no sul do Brasil na sua própria área de formação, pelas possibilidades e pelos grupos de pesquisa que teria à disposição. Porém, com um casamento estável e nascimento de sua primeira filha em Roraima, optou pelo retorno à Boa Vista e dar prosseguimento à sua carreira profissional na jovem UFRR.

Sem demora, vê-se que o desenvolvimento de um corpo técnico de profissionais oriundos das políticas revolucionárias formou e ensejou a vinda dos primeiros cubanos que chegaram à Roraima e dos que vieram a seguir. Com diferentes trajetórias profissionais em Cuba, e em sua maioria à serviço do governo cubano, inclusive nas chamadas *misiones* em outros países, os nossos colaboradores possuindo diferentes idades e a sua maioria mais de 50 anos - com exceção da nossa colaboradora Entrevistada 5 apresentam em seus relatos extensas informações que descrevem suas atuações antes e após a sua vinda para o Brasil, mostrando o quanto as suas trajetórias de vida se imbricam com a peculiar trajetória social e política de seus país de origem.

Vê-se aqui que a trajetória migratória de boa parte de nossos colaboradores esteve ligada sempre às suas respectivas formações. Estas, na maioria dos casos foram as grandes responsáveis por seus deslocamentos de Cuba para cumprir contratos de trabalho no exterior e estabelecer laços de permanência em Roraima. Dessa forma, observamos o entrelaçamento das suas trajetórias de vida, profissionais e migratórias, dos seus projetos migratórios ao abordar as diferentes atuações dos nossos entrevistados nos dois locais, Cuba e Roraima.

## **4.2 INTERAÇÕES.**

Esta seção do trabalho tem como objetivo tratar das interações políticas, sociais e familiares de nossos colaboradores no seu país de origem, Cuba. Pela especificidade da vida de cada sujeito migrante, visto que deixaram o país com suas formações universitárias completas, na maioria dos casos com mais de 30 ou 40 anos, com uma carreira profissional plena e com famílias constituídas, contar sobre suas vivências cumpre um papel fundamental para entendermos a reconfiguração das trajetórias sociais e migratórias.

Dividida em 3 itens, que dispõem sobre aspectos familiares, sociais e políticos/ideológicos dos sujeitos migrantes, referentes ainda aos seus núcleos familiares, tocam em questões que vão desde seus envolvimento com a guerrilha até as simpatias políticas e discordâncias ideológicas, constam nas narrativas. O cotejo das memórias mostra que narrativas das trajetórias migrantes dos nossos colaboradores se edificam a partir da

organização de acontecimentos memoráveis, como sinaliza Portelli (2016), cujo significado está na interseção entre o individual e o coletivo.

#### 4.2.1 FAMÍLIA.

Começamos, com as questões familiares do Entrevistado 6, que em sua entrevista centra na origem social de seus pais, seus envolvimento políticos quando da eclosão da Revolução e também na organização de seus núcleos familiares em Cuba. Tendo sido casado por duas vezes em seu país natal, o Entrevistado 6 avalia que as suas missões no exterior – por exemplo, a sua ida, no início dos anos 1980 como técnico para auxiliar o governo nicaraguense após o triunfo da Revolução Sandinista – foram decisivas na formação de seus primeiros casamentos e na criação de seus filhos. Por várias vezes, lamentou a ausência em momentos que sua família não carecia somente de seu aporte financeiro, esse, buscado nas missões no exterior, mas de sua presença e participação.

Registra-se que sua transferência para Matanzas foi consequência de dois fatos: pela origem de sua esposa, que era natural daquela província, e pela oferta de emprego que recebeu, assim comentando:

Cara, eu vivi uma parte de Cuba boa. Eu nasci em 1953, numa família humilde, mas de classe média. Eu sou de Camagüey, da capital. Aí eu estudei, me formei lá. Meu curso universitário foi lá, em Camagüey. Que é a terceira cidade do país. Depois casei e fui morar em Matanzas por conta da família. E fiquei trabalhando lá (Entrevistado 6, 2019).

Não deixa de chamar atenção quando o Entrevistado 6 informa que de seus 4 filhos nascidos em Cuba, dois ainda residem na ilha, enquanto outros dois migraram para os Estados Unidos. Essa ocorrência nos remete ao que Aja-Díaz (2007) afirma, que o fenômeno migratório cubano obedece essencialmente à uma lógica endógena. Pois, no caso de nosso colaborador, o pai foi o primeiro a deixar o país rumo ao exterior em busca de melhores rendimentos econômicos, e essa “lógica” migratória foi reproduzida pelos filhos do entrevistado, quando estes se deslocaram para os EUA durante o final do “Período Especial”. Conquanto, aqueles que ficaram em Cuba dependeram e ainda dependem de remessas financeiras de seus familiares que residem no exterior ou se encontram em *misiones* à serviço da Revolução, pois com uma

economia ainda incipiente, a saída para muitos cubanos se encontra nos dólares vindos de parentes em outros países.

Sobre como ocorreu esses deslocamentos, o entrevistado nos dá pistas da maneira que funcionou a lógica da reprodução migratória em seu núcleo familiar, e também quanto a correspondência “legal” do *status* migratório dos seus filhos e suas respectivas atuações profissionais nos Estados Unidos:

Mas tenho dois filhos em Cuba e tenho dois filhos nos Estados Unidos. [...] Nasceram em Cuba e foram para os EUA. Porque lá a mãe [dos filhos do entrevistado] era mais diferente, ideologicamente falando. [...] Eles foram depois que eu estava. Eles já foram no Período Especial. Porque a situação na verdade ficou [difícil]... E eu comecei já a ajudar, porque na verdade a gente [grupo de professores] teve outro papel aqui no Brasil, que era ajudar a família. [...] Sim, toda a minha família foi legalmente. Hoje eles moram em Miami. Todos são formados. Um é formado em Sistema e outro que está finalizando agora, Medicina. E o que estão em Cuba também já estão formados (Entrevistado 6, 2019).

No trecho “Porque lá a mãe era mais diferente, ideologicamente falando” dito pelo entrevistado, podemos construir certas hipóteses acerca dessa única frase. Será que se o entrevistado estivesse em Cuba essa migração para os EUA de seus filhos se realizaria? Os deslocamentos para os EUA foram por orientação da mãe? Ele enxerga que a migração de seus filhos foi mais por questões políticas que financeiras? Questões essas que nos ficam, pois no decorrer da entrevista fica claro o seu posicionamento de admiração e de reconhecimento do legado da Revolução e sua simpatia por Fidel Castro.

No que corresponde ao caso do Entrevistado 3, durante toda a entrevista, se mostrou muito descontente com os rumos políticos de seu país e até, em certos momentos, demonstrava ódio contra a Revolução Cubana e seus personagens, alterando a voz, batendo na carteira escolar em que se sentava para a conversa, com falas embargadas ao se referir a seus pais, amigos e colegas de trabalho. Sendo, para o pesquisador desse trabalho, a entrevista mais difícil de ser realizada, pois certos aspectos da “memória-incômodo” se revelaram perturbadores e repletos de ressentimentos.

Nascido já no período revolucionário, esse incômodo ao viver num país governado pelo socialismo pode ser entendido quando o mesmo relata as interações de seus pais com os “heróis” da Revolução e comenta as primeiras medidas apoiadas pelo governo na área econômica e social:

Eles [meus pais] eram de classe média. Tinham fazendas, negócios. Mas, não eram grandes coisas. E o Estado tirou tudo. [...] Minha família apoiou Fidel e Raul quando nunca haviam se declarado comunistas. Eles [meus pais] até arriscaram as suas vidas. Após algum tempo, eles [governo] retiraram suas propriedades. Pessoas que trabalharam toda a vida na terra. Eles tinham algumas terras, não muitas. (Entrevistado 3, 2017)

Já o Entrevistado 2, nascido antes do triunfo revolucionário, também acompanhou todo o processo de eclosão da luta política pelo poder e da ascensão dos socialistas na ilha caribenha. Mais que isso, como o processo de início da revolução envolveu todas as correntes ideológicas que iam de encontro à Ditadura de Fulgêncio Batista – como já informado no capítulo 2 desse trabalho –, seus pais, pequenos comerciantes, patrocinaram o movimento guerrilheiro. Contudo, uma medida da Revolução marcou para sempre sua vivência:

Meus pais foram agentes revolucionários. Eles ajudaram a financiar a guerra revolucionária. Quando triunfou a guerra, meu pai foi nomeado presidente do partido. Ele sofreu muita perseguição contra ele pela disputa de poder. Ele saiu, mas não virou contrarrevolucionário. Ele tinha uma lojinha de cortar cabelo, éramos muito pobres, e o governo mandou confiscar a loja, ela passaria a ser propriedade do Estado. Me lembro como se fosse hoje o desespero da minha mãe chorando com muita raiva, culpando o governo que tinha acabado com as suas economias. Como pode? Minha mãe havia lutado pela Revolução e acabou sendo vítima dela? (Entrevistado 2, 2014).

É notável que o colaborador deixa claro que seus pais, apesar de romperem mesmo que pontualmente com a Revolução, não se tornam “agentes contrarrevolucionários”, crime este punido até com pena capital em tempos de luta pela preservação do novo regime. A frase em forma de pergunta “Como pode? Minha mãe havia lutado pela Revolução e acabou sendo vítima dela?” é uma expressão do lamento e do desconforto que marca não só a situação de seus pais, mas sua relação com a sociedade cubana e o Regime. Todavia, isso, como veremos em seções mais a frente, não se mostrou um fator decisivo que o impedisse de participar ativamente do governo cubano e ser membro do Partido Comunista.

Tendo as mesmas vivências, o Entrevistado 1, se mostra um anticomunista declarado, relembra casos dramáticos em relação à sua mãe durante toda a sua trajetória social em Cuba e acaba relacionando a sua formação escolar com os poucos momentos que pode desfrutar no seu núcleo familiar. Usando uma expressão enfática, nos disse que a partir de sua adolescência, passou a se reconhecer como um “servo do Estado comunista”. Esta metáfora, recheada de tomada de posição na luta ideológica em Cuba, apresenta-se também como uma mágoa e um ressentimento pela presença ativa do Estado na sua vida pessoal, ao obrigá-lo a se afastar de sua família para aprimorar a sua formação escolar, técnica, militar e universitária.

Relembramos que o Entrevistado 1 colabora com duas entrevistas neste trabalho, a primeira, no final de 2014, e uma outra, cinco anos depois, em dezembro de 2019. Nas duas, nota-se que as mágoas não arrefeceram:

Era muito difícil. Aos 14 anos eu deixei de ser filho da minha família para ser filho do Estado [...] não podia manifestar interesses religiosos, na minha adolescência não podia ouvir músicas dos Beatles, pois era um problema ideológico ouvir essas músicas dos países capitalistas [...] por aí que começou meu trauma. Terminei aquela escola e entrei na universidade e pouco a pouco eu fui perdendo a fé no sistema [socialista] [...] (Entrevistado 1, 2014).

Eu praticamente não ia às festas de adolescentes porquê eu chegava no sábado, cansado, comia um pouco melhor no fim de semana em casa. Mamãe me lavava a roupa e já tinha que sair domingo cedo por conta do problema de transporte para não chegar atrasado no internato, porquê era castigado. Então, eu posso dizer que eu não tive adolescência (Entrevistado 1, 2019).

Mais novo em idade, o Entrevistado 4 associou suas interações com seus pais e familiares ao momento em que comunicou a família que não retornaria ao país após o fim do seu contrato na Guiana. Conta que cresceram numa família tranquila, seus pais eram trabalhadores comuns e que, no momento em que foi considerado um “traidor da pátria” pelo governo cubano, foi proibido de retornar ao país mesmo que fosse por meios turísticos. Até a Reforma Migratória Cubana de outubro de 2012, com entrada em vigor no mês de janeiro de 2013, qualquer cidadão cubano que fosse enviado ao exterior através de convênios ou por *misiones* e que por qualquer motivo deixasse de enviar o percentual acordado com o governo ou ainda abandonasse seu país, era considerado desertor e estaria proibido de voltar a Cuba, passível de prisão e responsabilidade criminal do ato.

No que se refere a esse momento de rompimento com seu país, comunidade e família, o Entrevistado 4 nos relata como se deu esse processo de desligamento “físico” e as implicações disso: “Meu pai se sentiu muito ruim e queria que eu voltasse. Minha mãe, não. Ela me apoiou totalmente. Meus irmãos me apoiaram. Minha irmã, inicialmente queria que eu voltasse, porque ela estava especialmente ligada ao governo” (2017). Logo, deixar o país daquela maneira não significava somente envolver-se em problemas jurídicos e de perda de direitos plenos, mas também implicava algumas perseguições e intimidações aos familiares dos “traidores da pátria”. Essa prática de assédio a familiares dos que abandonaram as *misiones* foi comum em Cuba, mesmo após o fim da Guerra Fria. Cabe destacar que o Entrevistado 4 ficou por mais de 14 anos sem retornar ao país sob qualquer eventualidade. Mesmo quando solicitado por ele à

Embaixada Cubana em Brasília para que fosse velar os pais em Cuba, falecidos durante essa ausência, não o foi permitido o direito ao luto nem de seus próprios genitores.

Por último, a Entrevistada 5 informa que cresceu num ambiente familiar completo e saudável, morando com seus pais e avós, possuiu uma educação de qualidade e uma família que a apoiava em seus estudos e qualificações:

Eu cresci numa família... lá a família [inaudível] não tem ricos, não tem pobres, uma classe média baixa. Meu pai era médico e minha mãe trabalhava numa empresa contabilista. E meus avós também, meus irmãos e tudo foi se desenvolvendo. Eu sempre gostei de estudar, fiz em todas as melhores escolas, porque lá não tem nada particular, é tudo público (Entrevistada 5, 2019).

Portanto, na narrativa da Entrevistada 5 não encontramos traumas acerca de suas memórias familiares. Podemos indicar que essa ausência de ressentimento, diferentemente de outros entrevistados, relaciona-se ao fato de ela não possuir um engajamento político que lhe oferecesse divergências sociais e familiares em Cuba e, ainda, por conta de seu processo de migração ter sido totalmente regular e com a ajuda de seu pai que já se encontrava em estabelecido em Roraima como médico e com um novo núcleo familiar, que lhe deu todo o suporte necessário para a atenuação dos impactos que essa mudança de país significaria em sua vida e carreira

#### **4.2.2 SOCIAL.**

De todos os entrevistados, a Entrevistada 5, foi a que menos se aprofunda na parte social em Cuba, onde viveu até o início dos anos 2000, sendo sua entrevista recheada com mais elementos acerca de sua adaptação em Roraima, seu processo de deslocamento e sua trajetória profissional. A colaboradora, uma das mais novas em idade de nosso grupo de entrevistados, ao falar sobre qualquer assunto, frequentemente voltava para o marco da sua trajetória migratória e social: seu pai, médico cubano que chegou em Roraima nos anos de 1990. Entretanto, suas lembranças sobre o local de nascimento e acerca de sua juventude em Cuba se mostram genuinamente agradáveis e sem quaisquer ressentimentos contra seu país de origem, como já assinalado acima. De acordo com a colaboradora:

Eu morava em uma cidadezinha Villa Clara, a cidadezinha chamava Santo Domingo. Minha experiência de [como] criança, adolescente foi muito bom, porque Cuba é um

país maravilhoso. Ali foi tudo muito legal, muito tranquilo, muito saudável, né?  
(Entrevistada 5, 2019)

Em contraponto, analisando o caso do Entrevistado 6, esse com muito mais tempo de vivência em Cuba e um docente universitário, invariavelmente sua entrevista não deixaria de apresentar uma “arquitetura” textual repleta de elementos que tocam o lado histórico de seu país. Ao falar das dificuldades que Cuba enfrenta depois do mais longo bloqueio econômico do capitalismo moderno – o bloqueio econômico contra Cuba data do ano de 1962 – o ressalta que seus compatriotas não esmorecem frente a todas as dificuldades impostas pela adversidade da história política e econômica de seu país.

Em seu relato, a frase “Porque, tu pega Cuba, Cuba é um país que tem História”, inicia uma narrativa construída a partir de elementos da história de uma Cuba pré-revolucionária, onde esta foi protagonista de diversos eventos significativos na América Latina, como a instalação de uma das 3 primeiras universidades das Américas, os campeões cubanos de xadrez no âmbito internacional e entre outros, finalizando sua fala de forma positiva, ao dizer: “Muitas coisas que fomos os primeiros (...) tínhamos muitas coisas para a gente celebrar ao longo do tempo”. Ou seja, seu relato indica vínculo sólidos com suas origens, mas que também se apresenta afinado com a história oficial constituída no período revolucionário – que toma José Martí como grande referência histórica e que mostra que Cuba não tem somente conquistas no período revolucionário – demonstrando que carrega um grande apreço pela trajetória do seu país, ao reconhecer que Cuba não nasceu com a Revolução de Castro, essa com suas conquistas inegáveis até para os inimigos do socialismo cubano.

Neste sentido, o Entrevistado 6 rememora a chamada Crise dos Mísseis, quando, em outubro de 1962, os EUA descobriram uma bateria de mísseis nucleares na ilha de Cuba, causando um impasse diplomático e militar que parou a região por 10 dias. O bloqueio naval e aéreo imposto a Cuba pelos EUA quase levou as duas potências (EUA e URSS) a uma guerra nuclear, o que invariavelmente, aniquilaria a população cubana. Ao rememorar um acontecimento que também marcou a história de Cuba, da Guerra Fria e do mundo para sempre, o faz a partir do que Portelli (2016) explica, que a memória é fruto de um filtro onde os acontecimentos mais marcantes e também os mais desejáveis – quando permitem que sejam expostos – dão sentido às vivências e experiências pessoais.

O relato do Entrevistado 6 revela essa “modalidade pessoal”, assim chamada por Portelli (2010), ao detalhar o clima entre sua família em interação com a sua comunidade durante a referida crise:

Olha, eu vi lá tudo. Porque eu já era menor. Eu me lembro quando... na cidade minha... aquelas coisas de barbudos, dos rebeldes.. aquelas coisas todas. A gente chegou a ter contato disso, sendo que lembrando a crise de outubro [crise dos mísseis em 1962] que a gente tava brincando e estávamos praticamente a bordo de uma guerra nuclear e a gente brincava. Ouvíamos nas rádios ... Não tinha noção da gravidade. Meu pai estava nervoso. A gente sabia da falta de alimento, porque Cuba estava bloqueada, sim me lembro. Bloqueada até de receber alimento da Rússia, da União Soviética naquela época. E a gente recebia, me lembro que na época, recebíamos uma caixa de bolacha na época, que as caixas de bolachas vinham por barco na Rússia, que chegavam e eram assim [bate duas vezes na mesa para demonstrar o quão duro era a bolacha] dura pra caramba (Entrevistado 6, 2019).

Por outro lado, podemos observar uma posição ambígua na fala do Entrevistado 3, quando perguntado sobre a interação com sua comunidade e com seu “entorno social”, faz, diretamente, uma referência de gratidão e elogio ao seu país, apesar de revelar suas mágoas com a política cubana e os rumos do governo. Reconhece, sem muito esforço, que Cuba é um país culturalmente rico e com uma educação de qualidade fora dos padrões, sob o ponto de vista do conjunto dos países da América Latina. Repara-se que, mesmo deixando Cuba cada vez mais no seu passado, como dito por ele, e verbalizando memórias carregadas de ressentimentos e rancor, as referências à sua formação e a cultura do seu país são boas, relevando um pouco suas memórias-incômodo, como vemos abaixo:

Tenho muitas coisas de referência importantes. Do ponto de vista cultural, da cultura cubana... uma cultura muito rica, um país muito culto que não posso negar. A cultura cubana é bastante versátil, bastante ampla. E isso de alguma forma... a educação cubana é muito boa, isso eu não posso negar. Isso me permitiu o êxito que eu tive aqui no Brasil (Entrevistado 3, 2017).

Todavia, o Entrevistado 2 revela fatos que não passaram despercebidos na sua narrativa acerca de sua memória-incômodo. Como membro do Partido Comunista Cubano por bastante tempo e professor universitário, sistematicamente, o colaborador fazia parte de processos de “depuração”, mecanismo criado para excluir elementos que não seguissem fielmente a doutrina do governo ou ainda aplicado em casos que poderiam indicar que o indivíduo “depurado” pudesse apresentar comportamentos “contrarrevolucionário”. Em casos mais graves eram

comuns agressões físicas contra os depoentes ou até aposentadoria compulsória de professores. De acordo com o colaborador:

[...] eu nunca lutei contra a revolução, mas eu era muito crítico. Muitas vezes mandaram eu calar a boca e não foram poucas vezes [...] eu cheguei a participar do partido comunista e tinha a responsabilidade de observar quem estava na universidade para realmente trabalhar na Revolução. Mas nunca cheguei a agredir ninguém nos processos de depuração, nesses processos havia agressão física [...] Eu lembro que perto de minha casa houve um caso que um indivíduo dava palestras sobre o comunismo e em um dia ele foi [migrou] para os EUA. Logo ameaçaram a vizinhança e iam gritar coisas como traidor, atiravam coisas nas casas” (Entrevistado 2, 2014).

Ao iniciar seu depoimento com “eu nunca lutei contra a revolução, mas eu era crítico”, o colaborador indica que possuía pensamentos críticos ao governo, mesmo fazendo parte de um mecanismo que, de fato, perseguia elementos ideologicamente contrários a Revolução, e ainda nos mostra o âmago do ambiente acadêmico cubano. Contudo, foge ao objetivo desse trabalho e do nosso interesse julgar se nossos colaboradores agiram de forma dúbia em certas ocasiões em suas vidas em Cuba. Não cabe ao trabalho acadêmico julgamentos acerca da política cubana e, muito menos acerca das situações de vida dos colaboradores. Não encararemos o papel de juízes da moral alheia em um contexto histórico tão sensível e dramático que Cuba passou.

Outro elemento registrado no relato do Entrevistado 2 e que demonstra seu profundo “incômodo” com a sociedade e o regime existentes em Cuba, é quando fala da existência do que chama “castas”. Fala das diferenças entre uma “casta” social privilegiada, quando se refere aos dirigentes políticos cubanos, com o restante da população, excluída, sob o ponto de vista dele, do livre processo democrático. Logo, o colaborador indica que Cuba carece de democracia, por conta da existência de uma classe de dirigentes políticos que se diluem no Partido Comunista Cubano e o controlam, ora pela simpatia de Castro, ora pela força da censura e controle midiático. Por fim, indica uma opinião sobre o porquê da sobrevivência de um “regime precário”, como chama, por tanto tempo:

Há no país umas castas da classe política que foram utilizando o poder para beneficiar-se pessoalmente [...] eu fui professor, sendo estagiário no ensino médio, de uma filha de Raul Castro, atual presidente do país. Ela estava lá junto com todos. Mas isso não se generalizou. Foram se criando castas, e sobre tudo no término do poder. Em Cuba há só um partido, o PCC. Só eles dirigem o país [...] havia pressão social, política em cima das pessoas [...] o país precisa é de democracia, melhorou muito, mas está muito longe. Eu acredito que cuba poderia democratizar-se se eliminar-se a política agressiva dos EUA contra Cuba [...] como se mantém um regime tão precário? Há um personagem central, tem vários fatores, mas o personagem central é Fidel Castro. É uma figura muito carismática, com uma possibilidade de convencer as pessoas, de

comover com seus discursos de horas e faz a cabeça das pessoas e elas acabam seguindo ele, segundo lugar é a agressividade dos EUA. A história de Cuba é de muita guerra, Cuba foi a última colônia espanhola a libertar-se. [...] há um espírito de “cubania” de muita luta, batalha de sangue, a ideia de ser submetido a voltar a ser colônia de outro país é algo que o cubano não aceita [...] há a ideia de se Fidel deixa o poder, os EUA voltar a pegar cuba e torná-la novamente uma colônia [...] (Entrevistado 2, 2014).

A entrevista do nosso colaborador foi realizada no mês de dezembro de 2014, enquanto o país era governado por Raul Castro, irmão de Fidel. Este, já afastado das suas funções de Presidente da República de Cuba e de Primeiro Secretário da Presidência do Partido Comunista Cubano, desde o ano de 2006, ainda é concebido por nosso colaborador como o verdadeiro mandante dos rumos políticos da ilha de Cuba. O país e o governo, na narrativa do Entrevistado 2, são concebidos como uma coisa só, indivisíveis, mesmo com Fidel, à época, afastado e com sua saúde bastante debilitada.<sup>40</sup>

Já na narrativa do Entrevistado 1, a religião ocupou o papel básico em sua interação com o social. Conta que teve suas atividades religiosas afetadas com a eclosão da Revolução, pois, após Castro tomar o poder, a Igreja Católica atuou no campo de enfrentamento e oposição ao novo regime, como registrado no capítulo anterior acerca da Operação Peter Pan. Muitos religiosos foram acusados de envolvimento em atividades contrarrevolucionárias, e a partir disso, a tensão entre católicos e “socialistas” chegou ao apogeu. Complementando-o, o Entrevistado 2 revela que os “Campos de Concentração” existentes em Cuba nas décadas de 1960 e 1970, não foram ocupados somente por homossexuais<sup>41</sup>, mas também jovens católicos que para lá eram enviados para uma espécie de “correção moral”.

Assim, o Entrevistado 1, já apontado aqui como um crítico arguto do Regime, demonstra seu “incômodo” com a forma como o Estado e o governo interferiram na vida privada dos seus cidadãos:

A atividade religiosa continuava, mas era ... foi muito perseguida durante muito tempo. E era limitada nas escolas, nos trabalhos. Até teve, no início da Revolução, no início dos anos 1960, umas chamadas Unidades Militares de Ajuda à Produção, que eram como campos de concentração, onde levavam jovens católicos e de outras religiões... e homossexuais e homossexualismo foi muito perseguido em Cuba,

---

40 Em 2018, a Assembleia Nacional de Cuba elegeu Miguel Díaz-Canel, para o cargo de Presidente do país. Díaz-Canel era vice-presidente do general Raul Castro, e já era visto por analista como o sucessor natural do regime após a abertura política realizada por Raúl. Novo Presidente de Cuba “Seremos fiéis ao legado de Fidel Castro”. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/18/internacional/1524069138\\_691013.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/18/internacional/1524069138_691013.html). Acesso em: 22 fev. 2018.

41 CASTRO, Grasielle. **Fidel travou cruzada para manter crianças e jovens longe dos gays**. Disponível em: <https://bit.ly/2PhHy6p>. Acesso em: 22 fev. 2020.

horriavelmente perseguidos. E, então, me afastei da prática da religião. A igreja era muito limitada, algumas pessoas de idade... muito pouco jovens, né? Mas isso com uma certa abertura a partir da visita do Papa João Paulo II, e depois de Bento XVI. Hoje é mais permitida, mas ainda tem limitações.

Todavia, a narrativa do Entrevistado 4, revisita a sua interação com sua comunidade e familiares com boas recordações e elogios aos setores educacionais e culturais de seu país: “Minha infância foi boa. Minha juventude também. Eu falo para os adolescentes que estão em Cuba hoje, meus sobrinhos, que a gente teve uma adolescência muito boa. Com 10 pesos cubanos você fazia maravilhas. Depois de um tempo foi ficando difícil”. Deixa claro na entrevista que, apesar da vida do país ser marcada por crises de abastecimento e a aguda situação deixada após o fim da URSS, durante o auxílio soviético a situação do povo de cubano era relativamente confortável.

Contudo, o mesmo mais adiante faz uma espécie de contrapeso entre o legado da Revolução e o poder aquisitivo dos cubanos de uma forma geral, principalmente durante e após o “Período Especial”:

Cuba é um país muito bonito, podemos falar que em Educação, Saúde e Segurança é muito bom, mas o poder aquisitivo é muito baixo. Se comporta [se compara] ao Bolívar na Venezuela. O peso cubano [moeda] não vale nada. Trabalhar, trabalhar, trabalhar e não poder comprar nada para mim e minha família? (Entrevistado 4, 2017).

Ao rememorar outros acontecimentos acerca de seu país e seu envolvimento com a comunidade cubana, a narrativa do Entrevistado 4 também se enquadra na “modalidade pessoal”, como quando relembra, dizendo o dia, mês e o ano, de um fato extremamente dramático que aconteceu contra civis cubanos. No dia 6 de outubro de 1976, um avião comercial cubano foi derrubado por uma explosão quando saía de Caracas, na Venezuela, matando 73 pessoas a bordo. A responsabilidade do ato terrorista ficou a cargo do ex dissidente cubano Posada Carriles, que serviu como agente regular da CIA, entre 1965 a 1976, tendo inclusive participado da invasão da Baía dos Porcos. Através de documentos liberados pelo Arquivo Nacional Americano e pela própria CIA, comprovou-se que Carriles, o terrorista cubano que mais tarde refugiou-se em Miami, promoveu ataques e financiamentos de grupos contrarrevolucionários em Cuba, planejando, inclusive, o assassinato de Fidel Castro, em 1971, quando este visitaria o Chile<sup>42</sup>. Diz o Entrevistado 4 “[...] me marcou a explosão do avião

---

<sup>42</sup>Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/posada-carriles-ex-agente-cia-queria-matar-fidel-160327138.html>. Acesso em: 22 fev. 2020.

comercial cubano, a mando de um terrorista, isso foi muito impactante. Isso foi em 6 de outubro de 1976. Essa época me marcou muito e o povo cubano”.

#### 4.2.3 POLÍTICA E IDEOLÓGICA.

Quando o roteiro de entrevista toca em assuntos sobre política e ideologia, o tema rende, na maioria das vezes, muitos minutos de gravações, com depoimentos reveladores, ora recheados de boas memórias, ora por lamentos, mágoas e ressentimentos. Muitos dos colaboradores nasceram antes da Revolução e acompanharam diversos momentos políticos cruciais para a sociedade cubana *in loco*. Podemos afirmar que entre eles é corrente que a Revolução Cubana tem um “personagem”, como nas palavras do Entrevistado 6, de nome Fidel Castro – morto em novembro de 2016, aos 90 anos, governou o país por 49 anos – que não deixa de aparecer cercado de críticas, mas também de elogios.

Uma das partes mais interessantes desse trabalho corresponde à abordagem das memórias acerca da vida política do seu país, pois os entrevistados possuem diferentes trajetórias e envolvimento políticos, bem como diversas opiniões e posicionamentos. Voltamos, primeiramente, para o quê o Entrevistado 6 relata sobre Fidel Castro. Em seu depoimento, quando perguntado sobre o legado de Castro, o mesmo não nega que era um grande admirador do “líder máximo” e que teve um momento memorável ao encontrar pessoalmente com o presidente de seu país:

[Pausa e respira fundo] Essa pergunta é braba [risos]. É uma pergunta braba. Olha, eu conheci o Fidel Castro pessoalmente. Cheguei a conversar com ele, muitas vezes. Eu era diretor de um Instituto [...] Eu fui avisado da visita de Fidel que ia visitar o instituto. Ele costumava muito em ir às escolas, fábricas. [...] Isso foi em Camagüey. Bom, aquele dia eu fui lá. Quando eu vou chegar de manhã, a rotina minha no colégio é ... e a escola já estava tomada por seguranças. Em alguns lugares. Ninguém sabia por onde ele chegava, se de helicóptero, avião. Enfim, aí avisaram que ele já estava no território e estava chegando. Quando chegou, me apresentaram, e me perguntou. Isso foi nos anos de 1980, foi antes de eu ir para a Nicarágua. Aí, perguntou para mim: Quem é o titular da federação de estudantes do Ensino Médio? Tem um representante, é o que seria aqui [Roraima] um conselho de estudantes, alguma coisa assim. Então, tem um representante. Depois ele perguntou: quem é o representante da FEI aqui: E eu apresentei um adolescente. Ele [Fidel Castro] colocou o braço por cima do adolescente e saiu com ele por todo o colégio, e não perguntou a mim nada. Andou com os estudantes por toda a ... visitou sala de laboratório, tudo... Aí, quando finalizou, ele falou: vamos conversar, diretor (Entrevistado 6, 2019).

Quando questionado se se sentiu constrangido em algum momento no encontro com Fidel, o mesmo negou. Entretanto, reconheceu a importância histórica de Fidel e de ter

conversado pessoalmente e de forma reservada com um dos maiores líderes do mundo ocidental: “Não, mas muito estranho. Muito... o cara era um personagem. Não era fácil qualquer um conversar com Fidel Castro”. Perguntado se admirava Castro, o Entrevistado 6 completou: “Ah sim, como não? Eu não vou te dizer mentiras, claro que sim!”.

Observa-se aqui, mais uma vez, a prevalência da “modalidade pessoal” na constituição do relato do Entrevistado 6, quando nos informa que a simpatia para com a Revolução Cubana foi decorrência de um drama familiar, vivido nos tempos de Ditadura de Fulgêncio Batista. O pai do nosso colaborador, como nos contou, exercia a profissão de dentista, porém, de forma clandestina em umas instalações nas dependências de um açougue próximo à sua residência. No entanto, levado por uma denúncia anônima, o Exército invadiu a casa do colaborador com armas, ameaçando a sua mãe e outros familiares. Conta que, em prantos, ele mesmo, apenas um menino na época, acabou entregando a localização do pai: “Meu pai não morreu porque isso foi no final do mês de dezembro de 1958. E quando triunfa a Revolução em 1959 ... pai sai. Liberaram meu pai”. Logo, o Entrevistado 6 atribui à Revolução a vida e libertação do próprio pai.

Já quando foi mencionada essa temática para o Entrevistado 3, a questão toma outro rumo, centrando diretamente em Castro. Dois 6 colaboradores, é o entrevistado que nos passa mais ressentimentos contra a política de seu país. O Entrevistado 3 renega qualquer “legado” do líder cubano e faz um pequeno julgamento que compara as conquistas sociais da Revolução com o custo político que a mesma tomou para fazê-las:

O custo do avanço social esteve atrás da morte de centenas de cubanos, do encarceramento de milhares de cubanos, e da emigração de milhões de cubanos. Uma economia que é um desastre. Será que alguns avanços da Saúde e Educação podem apagar tudo isso? Penso que não. Nunca poderá apagar. Eu penso que a História poderá ser escrita com mais clareza e o legado de Fidel será um tipo de Stálin, como outros loucos que existiram (Entrevistado 3, 2017).

Esse ressentimento acerca do próprio país de origem se mostrou forte durante toda a entrevista. Era visível a emoção e, ao mesmo tempo, a revolta ao falar sobre política e as instituições cubanas. Concomitantemente a qualquer elogio a Cuba, sobre qualquer campo, imediatamente fazia um paralelo a respeito das condições políticas, perseguições e censura. Obviamente, a narrativa do Entrevistado 3 é fruto de uma memória traumática, o que fica claro quando finaliza a sua fala sobre o campo político e ideológico com uma contundente reflexão a respeito de seus tempos na ilha caribenha, e uma frase resume sua experiência social e política

no país de origem: “Mas, com lembranças muito amargas. Realmente, meu pior momento de vida são meus primeiros 34 de vida. Eu vivia de forma péssima. São mais lembranças más que boas. **Cuba, para mim, é uma lembrança amarga** [grifo nosso]”.

Contudo, sobre a experiência do Entrevistado 2, o mesmo estabelece uma narrativa que corrobora os acertos da Revolução Cubana e coloca a culpa de algumas limitações do país no confronto diplomático com os Estados Unidos. Na visão do entrevistado, as condições pré-revolucionárias<sup>43</sup> eram muito piores que os tempos mais amargos da Revolução Cubana, e que o seu legado social consegue se sobrepor aos momentos de tensão, dificuldades econômicas e de acesso a bens de consumo que a ilha passou: “[...] o país sempre foi uma colônia norte americana. Se analisarmos toda a história republicana, veremos que se algum governo não quisesse ter uma relação mais íntima com o governo norte americano, eles invadiam Cuba”.

Externando uma posição que revela mais que uma opinião positiva, nos comunica uma memória que se constitui e se justifica em um conjunto de elementos positivos, constituídos entre a sua memória individual e a memória social cubana, e assim o Entrevistado 2 completa:

[...] o país mudou de maneira positiva, mesmo com muitas situações difíceis, mesmo com a perda da cota açucareira [...] no processo de alfabetização iniciado nos anos 1960, era comum, os contrarrevolucionários enforcarem alfabetizadores sob a alegação de que eles iriam alfabetizar comunismo [...] por exemplo, quando eu chego na universidade em 1969, ainda a maioria dos professores eram alunos de cursos superiores e começavam a chegar os primeiros professores formados na URSS [...] (Entrevistado 2, 2014).

Quando perguntado se teve algum membro familiar ou ele mesmo vítima de perseguições por parte do governo, o Entrevistado 2 contou que durante os anos iniciais da Revolução teve um primo de sua mãe que foi vítima de fuzilamento por parte do governo. Segundo ele, essa prática era comum após o triunfo revolucionário e que esse processo se atenuou com a invasão da Baía dos Porcos: “Um primo de minha mãe, esse sim fazia contrarrevolução. Ele era fazendeiro e financiava a [ação] contrarrevolucionária. Descobriram e o fuzilaram”.

---

43 Como não foi objeto de análise desse trabalho tratar sobre as condições “pré-revolução” e a história de proximidade entre Cuba e os EUA após a independência do país natal de nosso entrevistado, recomendamos a obra de Florestan Fernandes “Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana” (2012), pois este resume as condições pré-existentes de um nacionalismo “represado” desde a independência cubana no fim do século XIX e que explode em 1959, numa Revolução, acima de tudo, com caráter nacionalista e que as condições da Guerra Fria, nas palavras de Hobsbawm (2012), levam Cuba à órbita da URSS.

Mais uma vez, Fidel Castro reaparece nas palavras do Entrevistado 2 de uma forma bastante elogiosa, como quando lembra das vicissitudes do “Período Especial” e da atuação de Fidel:

Quando caiu a URSS e veio a crise econômica eu vi vários doutores que diziam ‘não se preocupe, Fidel resolverá tudo. Logo, logo ele discursará e mostrará o caminho’. E eu dizia: professor, o senhor é um doutor de universidade, é inteligente. Não se deu conta de que se acabou tudo? Eles diziam que tínhamos que confiar no nosso comandante, que ele era um gênio. Eu ainda admiro Fidel, realmente. Ele tem mais virtudes que defeitos [...].

Dito isto, para o Entrevistado 2 a relação entre a sua Cuba e Fidel é indissociável, como quando nos fala sobre uma preocupação sua, vivida quando já trabalhava para conselhos e para o Ministério da Educação Superior de Cuba, via com aflição o passar dos anos e o envelhecimento do “*comandante em jefe*”, fazendo uma comparação com os líderes soviéticos. No caso da URSS os mandatários, quando morriam, eram substituídos através de uma escolha do Partido Comunista no parlamento, ao contrário do caso cubano, no qual a Revolução e Fidel Castro, a cada ano que passava, se confundiam e o presidente cubano não dava pistas de que deixaria o poder tão cedo. Sua opinião positiva confessa sobre o regime político do seu país é um dos sinais claros de sua admiração para com Castro.

Muito menos entusiasta das conquistas e do “legado” revolucionário, o Entrevistado 4, não contemporâneo dos Entrevistado 1, 2 e 6, tem marcados em sua memória os momentos de impacto do “Período Especial” e seus reflexos em sua trajetória social. Já tendo sido membro do Partido Comunista de Cuba, o colaborador, ao mesmo tempo que alega que seu rompimento com o país não teve conotações políticas, demonstra através de opiniões que isso nem sempre se sustenta, como nesta fala: “Olha, o socialismo de Cuba é só de Cuba! **Eu não diria que foi um socialismo, mas foi um Fidelismo** [grifo nosso]”. Logo, ao indicar que o Socialismo de Cuba se confunde com um regime que tem Fidel como mentor, suas opiniões atestam sua certeza que a situação política se confunde com a situação econômica da Ilha: “Eu falo para as pessoas: se você quer conhecer o socialismo de Cuba, tem que morar em Cuba. Com o salário de Cuba. Com o salário de um cubano. Se você aguentar um ano, você vai saber o que é o socialismo cubano. Explicar é muito difícil, muito complexo”.

O nome de Castro reaparece quando o Entrevistado 4 se aprofunda a respeito do regime de seu país e a maneira com que o “líder máximo” o comandou, expressando-se de forma dúbia, quando ressalta: “Olha, Fidel Castro foi um líder. Não se pode negar isso. Se foi negativo ou

positivo, o tempo dirá. Mas como líder fez muita coisa interessante”; completando: “mas, depois o poder corrompe os homens. Essa frase é célebre. Ele sabia que muitas coisas deveriam mudar, mas não quis. Essa foi a parte negativa dele”. Para o Entrevistado 4, Fidel Castro se apresenta como um personagem, ao qual atribui ônus e bônus, e em sua narrativa, ao mesmo tempo em que joga para a “História” o julgamento acerca do legado do revolucionário, toma para si certas opiniões que demonstram sua negativa sobre a realidade do seu país de origem.

Como já assinalado, a Entrevistada 5 também está fora do grupo que viveu o auge do período revolucionário. Na sua narrativa assume-se pouco interessada pelo campo político de seu país, porém acaba deixando pistas acerca do envolvimento de sua família com o movimento revolucionário, quando informa que sua família paterna foi totalmente contrária à Revolução, ou “contrarrevolucionária”, dito por suas próprias palavras, tendo, inclusive, boa parte do núcleo familiar paterno emigrado para os Estados Unidos em anos posteriores ao triunfo revolucionário. Vindo de uma família de posses, o pai da entrevistada – mais uma vez se mostrando o fio condutor de sua narrativa – era filho de um grande empresário dono de postos de combustíveis, supermercados e áreas no campo, quando falece, deixa suas posses para a esposa e filhos. Contudo, com a ascensão de Castro, a tomada de bens particulares e a estatização de empresas por parte do governo joga a família totalmente na oposição ao novo regime, ocasionando uma divisão familiar e legando a outras gerações a missão de deixar o país.

Em contraponto, informa também que a família materna se mostra mais simpática a causa revolucionária, pairando sobre a figura de seu avô materno, o alicerce de apoio ao Regime. Este, quando mais jovem no momento da guerra revolucionária, segundo a colaboradora, apoiou diretamente os rebeldes enviando mantimentos e atuando em missões no núcleo urbano no qual residia. Assim sendo, possuía grande fama na cidade:

Sim, meu avô ele levava... ele era contribuinte dos rebeldes na época do triunfo da revolução, lá em Santo Domingo, lá em Villa Clara. Meu avô sim, trabalhou. Ajudou as pessoas. Ele era bem reconhecido na época. Ganhou medalha. Faziam festa. Meu avô era bem conhecido na cidade quanto à política (Entrevistada 5, 2019).

Apesar desse conhecimento acerca das diferentes posições políticas de sua família materna e paterna, a Entrevistada 5 acaba sinalizando o porquê de se interessar pouco em verbalizar suas posições políticas e ideológicas:

Meu avô, pai da minha mãe, era comunista. E eu morava na casa com ele. Mas, assim. Eu nunca... tinha coisa do comunismo que eu não entendia. Por isso que eu decidi sair [deixar Cuba] também. Eu não entendia porque eu tinha que ter o mesmo que todo mundo porque eu podia trabalhar mais. Lá não podia ter duas casas, não podia ter dois carros, lá não podia ter 5, 6 pares de sapatos. Então, eu não entendia. Mas, assim, como eu nunca me envolvi com nada, também por ele ser do governo, não do governo, mas por ele ser a favor do sistema político na época, então eu ficava mais neutra na hora de me expor. Eu nunca me manifestei (Entrevistada 5, 2019).

Uma certa apatia em relação a essas questões demonstrada na entrevista, tem sua razão de ser, mais uma vez, nas suas diversas vivências e relações familiares. No entanto, acaba por apresentar, com toda clareza, a duas condicionantes migratórias que a trouxeram de Cuba para o estado de Roraima, nos fazendo inferir que seu deslocamento está imbrincado em condições estruturais e subjetivas: a sua discordância quanto ao modelo de uma economia centralmente planejada e as limitações impostas pelo governo cubano quanto à posse de seus cidadãos e os seus vínculos e relações familiares.

Para encerrar essa seção, nas experiências políticas do Entrevistado 1 apresentadas em seu depoimento, sobressaem três fatos vivenciados no país natal. Primeiramente, destacamos o que em suas palavras “foi o momento, vamos dizer, que eu mais lembro dessa vivência política em Cuba”, ao recordar – assim como o Entrevistado 6 - dos momentos de tensão em que o mundo quase foi levado a uma escalada bélica-atômica. Já adolescente quando da ocorrência da “Crise dos Mísseis”, o colaborador relata o cotidiano em que um jovem, como ele, foi envolvido naquele episódio e como o mesmo se recorda da sua rotina em suas memórias:

Me marcou muito a crise dos mísseis. Porque eu acho que eu tinha uns 12 para 13 anos, né [...] Então, eu via os adultos falarem de que a qualquer momento Cuba seria bombardeada, uma guerra atômica, que podia desaparecer do mapa a ilha. Mas isso não me preocupava. Eu vivia como assistindo a um filme de guerra. Inclusive, eu ia de bicicleta para a Baía de Matanzas, que é a minha cidade litorânea, para observar os barcos americanos no horizonte que estavam fazendo o bloqueio à Cuba. Isso, para mim, era uma diversão. E ver os caças americanos que passavam com voos rasantes. Tão rasantes que parecia que os vidros das casas iam quebrar. Uma vez deu até para ver o rosto do piloto, pois passou bem baixo. Então, quando levaram os mísseis de volta para a União Soviética, passaram pela minha rua, na frente da minha casa. Eram uns caminhões enormes e cobertos, lembro, por uma tela. E eu vi passar os caminhões, e dizia: Lá vai os foguetes, os foguetes atômicos. E quando chegaram na esquina não conseguiram dobrar porquê eram muito compridos. Aí, quebraram a esquina da casa para o caminhão continuar rumo à Havana. Depois, reconstruíram essa esquina. Mas esse foi o momento, vamos dizer, que eu mais lembro dessa vivência política em Cuba (Entrevistado 1, 2019).

Mais velho, o colaborador relembra também a sua atuação como presidente do Comitê de Defesa da Revolução – CDR, experiência marcada por uma forte atuação dúbia, pois ao mesmo tempo que já tinha concebido que aquele modelo político e econômico não era de sua preferência, necessitava, pelo seu prestígio e posição social, mostrar que colaborava com o governo cubano. Sobre isso, relata um caso em que um de seus vizinhos fabricava sapatos de forma clandestina para vender no “mercado negro”, como dito por ele, e que um outro morador ao redor denunciou ao presidente, no caso, o Entrevistado 1. Não obstante, para não comprometer mais a vida do sujeito que agia à margem do arcabouço jurídico cubano, o nosso colaborador alega que alertou o vizinho para que tomasse mais cuidado ou parasse com aquela atividade, pois não poderia mais ajudá-lo caso novas denúncias viessem à tona. Um outro fato marcante demonstra, mais ainda, a contradição vivida e o seu desconforto como presidente do CDR: “Em outro momento, vieram me pedir para colocar escutas na casa de um vizinho, por sorte, tecnicamente não era possível, por que as casas não tinham muro entre elas, não tinha como colocar esse aparelho. Aí, me liberei disso”.

Essa contradição e esse desconforto eram vivenciados também na sua vida profissional, quando conta um caso que ocorreu em sua universidade que se encaixa no contexto dos processos de “depuração” em vários campos, inclusive na universidade, que marcaram a consolidação do Regime:

E também ... teve outro caso que me comoveu muito, né, que um colega do Departamento de Matemática, porque naquela época a perseguição aos homossexuais era horrível, um professor da Universidade que tinha lá na cidade uma casa para abrigar os professores que não eram da Universidade de Matanzas, em um carnaval, parece que bebeu e entrou com um homem e manteve relações homossexuais. Lá era uns quartos divididos só por alguns compensados que todos ouviam. E três professores de Engenharia, eu lembro, que habitavam o quarto vizinho, ouviram todo ... todo o lance. E fizeram a denúncia com o que falavam, os momentos de gemidos e todas essas coisas. Aí o Reitor abriu uma comissão e eu fui chamado para ser presidente da comissão. Tu imagina, por muito que eu o quis ajudar, mas eu não consegui, porque tinha essas testemunhas muito fortes, não tinha como encobrir aquilo, não tinha jeito. Aí, então declarei a falta por usar instalações particulares da Universidade para fazer sexo, que isso foi comprovado, né? Mas a pena foi a expulsão. Que se fosse um homem levando uma mulher, com uma molestação ou outra coisa, o reitor tivesse decidido [outra pena] (Entrevistado 1, 2019).

Esse trecho – assim como na fala do Entrevistado 2 citada – mostra que os “Processos de Depuração” nas universidades foram uma realidade, envolvendo a todos, notadamente aqueles que ocupavam cargos de destaque na estrutura universitária, como os dois entrevistados citados que atuavam em cargos de gestão e na condução de projetos educacionais e de pesquisa.

Todavia, fica claro que, ao mesmo tempo, em que o Entrevistado 1 não concordava com as ações políticas e a condução ideológica do Regime, dele participava como uma forma de adaptação e estratégia vida e de preservação da sua trajetória social.

Nesta seção, portanto, podemos observar que foi comum, sobretudo nos relatos entrevistados que nasceram no período anterior ao triunfo da Revolução, em 1959, informações que se referem ao envolvimento dos pais com a guerra revolucionária e as primeiras cisões partidárias no projeto socialista de Fidel Castro, destacando-se o impacto desse período na infância e juventude dos colaboradores. Quanto aos aspectos sociais, o envolvimento com as comunidades que integraram se mostra interessante, pois, invariavelmente, relações de diferentes naturezas, com vizinhos, colegas de trabalho e amigos se embaralham com a política cubana, e também com correntes ideológicas. Nestes dois campos, as entrevistas são ricas em fatos e memórias de acontecimentos, que vão de episódios da Guerra Fria de repercussão mundial até dramas pessoais, cujos relatos nos mostram as preferências políticas e ideológicas de nossos colaboradores, bem como os seus envolvimento político/partidários, sempre recheados de contradições.

Todavia, visto que um país tão pequeno como a ilha de Cuba ocupou e ainda ocupa demasiado espaço na História Contemporânea da América Latina, verifica-se que as memórias e as vivências individuais se cruzam invariavelmente com a memória coletiva e social, convergindo, conforme Portelli, apontado no início da seção. Nesse campo, opiniões diretas sobre o maior personagem político da Revolução Cubana, Fidel Alejandro Castro Ruz, se mostram presentes em todas as entrevistas, das mais engajadas, como a do Entrevistado 6, às mais reticentes, como a da Entrevistada 5. Lembrando que as opiniões sobre a Revolução e Castro são exclusivas de nossos colaboradores, e que condutor dessa pesquisa buscou primar pelo manejo adequado da linguagem empregada nas perguntas no ato das entrevistas, bem como nas suas citações no presente texto, respeitando as falas dos entrevistados quanto aos aspectos de simpatia ao Regime Castrista e as opiniões que convergem para uma oposição à política e aos personagens daquele país.

### **4.3 DESLOCAMENTOS.**

Nesta seção, tomaremos notas a respeito dos deslocamentos que envolveram cada um de nossos colaboradores, bem como suas motivações e construção dos seus roteiros migratórios e trajetórias sociais. Certamente, esses roteiros migratórios envolveram elementos que

englobam desde órgãos governamentais cubanos e brasileiros, núcleos familiares e também as motivações individuais dos sujeitos migrantes.

Neste sentido, ao analisarmos os deslocamentos em suas várias formas e motivações, tomamos como base aquilo que Portelli (2010) explica, que a relação entre as narrativas orais e a memória, estão alicerçadas em três dimensões: uma, alicerçada na lógica “institucional”, ou seja, segundo a qual o indivíduo recorre a “referentes espaciais e sociais” relativos à “esfera pública”, da origem e do destino; outra, toma referentes espaciais e sociais “relativos à comunidade do local” e ao entorno social imediato dos entrevistados; e, ainda, aquela relativa aos aspectos pessoais, “com referentes sociais e espaciais” vinculados à “vida privada, à família, à casa”. Destaca-se aqui, portanto, o caráter condicionante das dimensões coletivas e individual, na composição dos relatos examinados.

#### **4.3.1 MOTIVAÇÕES.**

Neste tópico, durante as Entrevistas de História Oral, os nossos colaboradores, principalmente os Professores Universitários, elencaram de forma muito explícita as motivações ou, nas palavras de Matos (1993), as condicionantes que influenciaram as suas decisões de deixar a ilha de Cuba. Não causando muita surpresa, os fatores macro-estruturais e a justificativa da crise econômica e do “Período Especial” protagonizaram boa parte das narrativas como fator para o deslocamento definitivo.

Entretanto, como a proposta de entrevista oral objetiva justamente identificar na subjetividade dos entrevistados outras condicionantes para tal ação, fatores como simpatia ideológica ou familiares também foram relatados pelos nossos colaboradores. Convergimos, mais uma vez, para o que nos diz Sayad (1998) sobre a migração ser um “fato social total”, ou seja, como um fenômeno que não se justificava somente por um fator ou condicionante, mas sim o encontro de várias ocorrências históricas, sociológicas, econômicas, geográficas e psicológicas.

Como no caso da Entrevistada 5, que em um primeiro momento, coloca no pai a responsabilidade do incentivo para que ela se deslocasse para o estado de Roraima. Contudo, com o passar da entrevista e o aprofundamento em outras questões, ela acaba indicando outra condicionante: “Só que na época eu decidi sair por conta da economia. Eu sabia que aqui no Brasil, eu trabalhando, mesmo eu sendo [tendo] o sonho da Medicina, que era o meu sonho, só trabalhando em qualquer outra área eu teria melhores condições que em Cuba”. Logo, ainda

que seu projeto migratório seja norteadado pelas suas relações familiares com Roraima, sua trajetória migratória vincula-se aos fatores econômicos em igual maneira, tendo em vista as questões socioeconômicas estruturais de Cuba e que ainda enfrentava, no início dos anos 2000, reflexos da crise da década anterior.

Ainda no campo da subjetividade, outras variáveis emergem no relato da Entrevistada 5. Sobre o Brasil, os aspectos culturais próprios do país também despertaram o interesse da nossa colaborada, como diz ela: “Brasil eu sempre gostei, porque eu adoro música. Adoro dançar e o Brasil eu sempre pensei pelo Samba, só aquela imagem que eu tinha... futebol... essas coisas assim”. É comum os cubanos citarem em entrevistas os artistas musicais brasileiros, como o cantor Roberto Carlos, e esportes como o futebol, ao se referirem a imagem do nosso país. Assim sendo, uma imagem estereotipada do Brasil em Cuba – acreditamos difundida também pelas novelas brasileiras muito apreciadas na Ilha – despertaram seu interesse e fomentaram seu desejo de empreender a migração.

Já para o Entrevistado 6, os fatores econômicos foram primordiais para que tomasse a decisão de se estabelecer em Boa Vista de forma definitiva. Como nos foi dito ao longo da entrevista, a sua permanência no Brasil, sob o ponto de vista pessoal não foi benéfica. Separar-se de seus filhos – mesmo que fosse para que esses desfrutassem de melhores condições financeiras pela ajuda que o pai enviava do Brasil – foi “a parte negativa”, como dito por ele. O colaborador era um indivíduo que ocupou cargos de direção em Centros de Tecnologia em Cuba, coordenou projetos de pesquisa importantes para o país e inclusive viajava para o exterior com frequência, o que era indisponível para a maioria dos seus compatriotas, e por fim, não tinha discordâncias ideológicas e políticas com o modelo político e econômico de Cuba. Portanto, o mesmo explica a sua principal motivação:

Eu acho que, com a razão, o número 1 é ... porque para mim já não era novidade sair para o estrangeiro. Não era isso. Eu não era aquela pessoa que não conhece o estrangeiro. Isso não era. A minha principal motivação era econômica. Eu posso dizer que eu sou um imigrante econômico. Por isso se pode ser declarado assim.

Apesar de suas concepções políticas e ideológicas diferirem do seu país de origem e a todo momento o colaborador ressaltar isso na sua entrevista, o Entrevistado 3 indica o fator econômico como principal condicionante que o levou a migrar. Contudo, nesta fala, o Entrevistado 3 acaba realocando os fatores ideológicos como a principal motivação para “desligar-se” do seu país: “Eu confesso que entre os cubanos [comparando] eu vivia bem. Eu

possuía casa, carro, conforto, eu era professor universitário, meu pai também. Minha família não estava em uma situação ruim, pelo contrário. Mas os problemas políticos era o pior”.

Dos seis entrevistados que selecionamos para contribuir com nossa pesquisa, o Entrevistado 2 foi o sujeito que deixou claro que migrar de forma definitiva para o Brasil foi a sua última opção, tanto que, como explicado na seção anterior, demorou 5 anos, desde o seu primeiro convênio com a UFRR, para efetivar sua permanência no Brasil. Encara ainda o seu deslocamento para o Brasil como uma missão, mais que uma missão em um período tão sensível economicamente para o país, mas uma missão pessoal, já que era uma oportunidade para poupar dinheiro e arrecadar uma boa quantia em dólares para atenuar os efeitos da crise quando retornasse a Cuba.

Sua visão do processo de deslocamento não se restringe somente nos seus interesses particulares, mas também se estende para o auxílio que prestaria à sua universidade, quando relata: “A situação econômica era muito difícil para a universidade. Então, ela tinha que sobreviver por ela mesma, o governo só poderia pagar salários em pesos. E que qualquer recurso a mais tinha que ser por conta própria da universidade”. Mais uma vez, sobressai o sentido de missão, quando diz que a justificativa do governo cubano em reter os 70% dos salários dos “professores-migrantes” acabava sendo plausível, já que esse dinheiro financiava as atividades da universidade e auxílio financeiro para folhas de pagamentos e continuação de pesquisas, mostrando o seu apego à profissão e à instituição a qual esteve fortemente vinculado.

Na narrativa do Entrevistado 4, sobretudo, faz questão de deixar claro em sua fala que seu problema nunca foi político com Cuba, mas sim econômico. Remanescente dos quadros do partido comunista, graduado em Medicina e atuante na sua profissão e militância, essa sua afirmação não se sustenta durante toda a sua entrevista, quando acaba emitindo opiniões e preferências ideológicas e políticas que vão de encontro àquilo que as instituições de seu país pregavam e, exemplo disso, verifica-se quando diz: “Simplesmente, eu queria ser livre. Essa é a verdade. Na Guiana eu vi a liberdade. Que não conhecia até aquele momento. Quando vim ao Brasil, conheci mais liberdade ainda. Ser livre é a melhor coisa da vida [...]”. Apesar disso, o colaborador ressalta o peso da crise econômica na sua migração para o Brasil “Antes da queda da URSS Cuba tinha uma economia que dava para viver, o salário valia... mas depois ...”.

Por fim, o Entrevistado 1, apesar de se colocar fortemente contrário ao regime de seu país, sua intenção de vir para o Brasil não era de deixar a ilha de Cuba e se estabelecer definitivamente aqui, mas vir com intenção de captar divisas financeiras e fazer relações acadêmicas, que o permitisse retornar a Universidade Federal para futuros convênios, admite,

assim como o Entrevistado 2. No entanto, observa-se que o componente político/ideológico pesou fortemente na sua decisão, pois em várias partes de sua entrevista demonstra sua posição e seu desprezo por qualquer figura política e pelos rumos da Revolução Cubana: “Por que o Estado Comunista te acha uma peça da sua engrenagem. Você não tem direito a ter uma personalidade própria, uma ideologia própria, você tem que ser um eco do que o partido diz, do que o Estado cobra de ti”.

Além disso e dos fatores econômicos relacionados à fase aguda do “Período Especial”, que contribuíram para a sua decisão, como já colocado acima o encontro com sua atual esposa, o quê de acordo com ele, foi a motivação principal para efetivar sua permanência em Boa Vista e que o fez percorrer todas as instâncias burocráticas em Cuba e Roraima para regularizar a sua residência no Brasil, sem ocorrer quaisquer conflitos políticos com seu país de origem.

Desta forma, em nossa análise, o “Período Especial”, para os colaboradores de diferentes afinidades ideológicas, aparece como um estopim para a efetivação de seu projeto migratório. Ou seja, essa ocorrência macroestrutural é a justificativa de suas decisões finais, tanto para aqueles que simpatizavam com o governo e ocupavam postos de confiança e de prestígio, e que renunciaram às essas posições, quanto para aqueles que não se encontravam nessa situação.

#### **4.3.2 ASPECTOS INSTITUCIONAIS.**

Corre no senso comum a respeito da migração cubana, seja pelo fluxo de deslocamentos de cubanos para os EUA – grande parte de maneira irregular – seja para o conjunto da América Latina, que os migrantes cubanos migram sempre de maneira “irregular”. No Brasil, e especialmente os que vieram para Roraima, generaliza-se que essa maneira “irregular” se liga à deserção de programas e convênios, sob a pecha de “traidores da pátria”. Todavia, como no caso de nossos entrevistados, somente dois dos seis migrantes se utilizaram de mecanismos jurídicos especiais, ao solicitarem refúgio no Brasil para justificar o não retorno a Cuba.

Cabe ressaltar, entretanto, por mais que Cuba fosse rigorosa a respeito da saída definitiva de seus profissionais, ainda mais os que possuíam altas qualificações como título de doutorado, que os que optaram por uma saída regular e documentada da ilha de Castro assim o conseguiram através das instituições cubanas<sup>44</sup>. Dois dos nossos entrevistados, como exemplos de muitos

---

44 A Reforma Migratória Cubana de outubro de 2012 e que entrou em vigor a partir do início de 2013, permitiu que qualquer cidadão cubano que desejasse deixar o país poderia fazê-lo dispondo de um passaporte válido e com

outros, não optaram por esse mecanismo, cabendo-nos compreender os elementos subjetivos dos sujeitos migrantes para o entendimento de uma ação que marcaria para sempre as suas trajetórias migratórias e sociais.

Nos casos aqui tratados, todos hoje possuem permanência regular no território roraimense, observando-se que o percurso e as estratégias de cada um guardam interessantes peculiaridades. Como o da Entrevistada 5, que, como dito em seções anteriores, tem sua trajetória e projeto migratório condicionado pela relação com o pai, um médico que veio à Roraima através de convênios entre o estado de Roraima e Cuba, e já tinha permanência regularizada e obtido o visto por reunião familiar – por meio do casamento com uma brasileira<sup>45</sup>.

A Entrevistada 5 alega que quando veio passar férias em Roraima para reencontrar o pai, decidiu solicitar o visto de permanência: “Passei 3 meses de férias. Como nesses 3 meses eu fiz toda a minha documentação, eu tinha direito por prole, por ser filha de... meu pai já era brasileiro. E decidi ficar” demonstrando que seu processo de regularização transcorreu sem maiores transtornos burocráticos.

No outro extremo, temos o caso do Entrevistado 3, crítico e opositor do Regime, se configura de maneira diferente. De acordo com ele, mesmo informado ainda em Cuba que boa parte de seu salário deveria ser repassado ao consulado cubano em Brasília e assumindo as prerrogativas para se deslocar para o Brasil, após 3 meses de contrato, recusou-se a enviar esses recursos. Em sua opinião, esse dinheiro era próprio dele e achava injusto que o governo cubano o recebesse, enquadrando-se na situação de “desertor” dos convênios.

Entretanto, conseguiu um visto de trabalho, pois sua condição de “traidor da pátria”, como era visto no seu país, não o impediu de continuar atuando na Secretaria de Educação, até que conheceu a sua atual esposa, lembrando: “Em um primeiro momento, eu tinha um visto de trabalho que me deu um certo tempo. E nesse período, eu conheço minha atual esposa, já como professor... eu nunca estive irregular no Brasil”.

---

o visto do país que desejasse partir. Ainda mais, os cubanos que abandonaram os programas de convênios em anos anteriores e que foram qualificados como “traidores da pátria” poderiam retornar ao país sem maiores implicações. Todavia, seus direitos políticos plenos ainda não foram restituídos como cubanos, ficando suspenso o direito ao voto e a moradia, suas visitas ao país se qualificam com vistos de turismo (AJA-DÍAZ, 2017).

45 De acordo com o antigo Estatuto do Estrangeiro, lei nº 6.815, de 15 de agosto de 1980, a naturalização somente por conta de um casamento com um (a) brasileiro (a) não se realizaria. Cabendo somente a redução do prazo para o “estrangeiro” em território brasileiro solicitasse a naturalização. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/531045/000854969\\_Estatuto\\_estrangeiro.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/531045/000854969_Estatuto_estrangeiro.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 25 fev. 2020.

O Entrevistado 3, quando se deslocou para Boa Vista não possuía um matrimônio em Cuba, nem filhos. Ao conhecer sua atual esposa, casou-se no Brasil e solicitou o visto de permanência. Assim sendo, alega que ficou mais fácil para o mesmo conceber um novo núcleo familiar em Roraima, resultando disso duas filhas e adquirindo a cidadania brasileira, anos mais tarde.

O Entrevistado 4 representa um outro tipo de “deserção” das chamadas “missões”, pois utilizou de outra estratégia para desligar-se do seu país de origem. Sendo “médico-migrante” – nas palavras de Villen (2018) – na Guiana e tendo seu contrato de trabalho encerrado depois de 12 meses, o Entrevistado 4 conta que recebeu a notícia de que deveria voltar a Cuba e que deveria aguardar 5 anos até que pudesse participar de uma nova “missão” no exterior. Todavia, já tendo contraído matrimônio com uma enfermeira, opta pelo não retorno à Ilha, decisão essa, mais uma vez, ocasionada, sobretudo pelas condições econômicas de Cuba. Na Guiana, devido as relações diplomáticas próximas com Cuba, os médicos e profissionais que desertassem eram proibidos de trabalhar em seus ofícios de formação, sendo o país fronteiriço ao Brasil solidário apenas na permanência daqueles que solicitassem refúgio. Vendo essa possibilidade, o médico, já tendo conhecimento de outros casos que ocorreram no Brasil e que aqui se aceitava “desertores”, opta por Boa Vista como primeiro destino de seu projeto migratório, solicitando refúgio até a sua regularização final no país, como explica:

Eu falei diretamente com o Embaixador, ele me disse que já tinha comprado minha passagem de volta para Cuba. Eu falei a ele: Como eu posso voltar agora com essas novas leis que eu devo ficar 5 anos lá seu eu já casei e tenho esposa aqui? Ele disse: Bom, você levar ela para lá? Eu disse: Para quê, para passar necessidades comigo? Nós tínhamos uma vida mais ou menos estável lá, ela era enfermeira. Eu disse, eu não vou voltar. **E ele disse – Então, você é um traidor** [grifo nosso] (Entrevistado 4, 2017).

Contudo, diferentemente dos casos citados acima, cabe lembrar que dos 6 primeiros professores conveniados que vieram para trabalhar na UFRR, nenhum deles se estabeleceu no primeiro ano, todos retornaram à Cuba após o fim dos seus primeiros contratos, para posteriormente migrarem de forma regular, como os Entrevistados 1, 2 e 6.

O processo de regularização do Entrevistado 1, que deixou a ilha após o cumprimento do segundo ano em que se encontrava em “missão” no Brasil, em 1994, estrutura seu projeto migratório e escolhe Roraima como destino final na confluência de dois fatores. Já separado em Cuba – sua primeira esposa migrou para os EUA depois de discordâncias ideológicas com o governo cubano – conhece a sua atual esposa brasileira já no seu primeiro ano de contrato de

trabalho, decidindo aí regularizar a sua residência no Brasil ainda na ilha de Cuba. Ressalta no seu relato que cumpriu todo o contrato de trabalho e o requisito do envio de dólares para a Embaixada Cubana na cidade de Brasília, requisito primordial para o indivíduo não ser considerado desertor.

Inicialmente, o entrevistado alega que morar no Brasil e deixar Cuba, de forma definitiva, não estava no seu projeto vida, que a “*misión*” era uma possibilidade de captar dólares para atenuar a sua condição financeira enquanto a crise perdurasse. Mas que, mais uma vez as vicissitudes do “Período Especial”, configuraram um projeto migratório, não obstante, afirma que ao conhecer a sua companheira de vida concebe a ideia de permanecer em Roraima e migrar regularmente. Nesse sentido, nos fala:

Então, aí eu tive que pedir a permissão do Ministro de Ensino Superior, que era o General Vecino Alegrete<sup>46</sup>. Na época, porque eu sendo doutor e professor titular, como eu era, o próprio reitor não podia me dar a baixa. Aí, me casei com a minha atual esposa a professora [...] e decidi voltar para Cuba, em 1994, no fim do ano acadêmico de 1994, para não ser considerado desertor. [...] Eu não queria dar esse desgosto a minha mãe. Aí me arrisquei, passei por algumas humilhações, mas no fim consegui a chamada "Permissão de Residência no Exterior" que era a mais branda das categorias, PRE, chamavam eles, Por que me dava o direito de entrar e voltar [em Cuba], entre aspas, livremente (Entrevistado 1, 2019).

No caso do Entrevistado 6, quando decidiu se estabelecer em Roraima de forma definitiva também o fez de forma juridicamente regular. Vale lembrar que, para ele, assim como nos casos do Entrevistado 1 e Entrevistado 2, ficar em Roraima não era uma opção migratória. Seus convênios com a Universidade Federal eram uma estratégia governamental, já que o “Período Especial” se prolongava, mas também pessoal, pois qualquer profissional do país que tivesse a “possibilidade” de um convênio para o exterior, via nesse mecanismo uma grande opção para aumentar seus rendimentos e diminuir as dificuldades enfrentadas.

O Entrevistado 6 informa que, casado em Cuba, veio para Roraima, conheceu sua esposa e que a distância o foi separando de sua companheira cubana. Logo, seus planos pessoais, seus projetos sociais se reconfiguraram em Roraima, mediados por um projeto migratório. Avalia que, pelas condições econômicas de seu país, foi praticamente “forçado” a

---

46 Vecino Alegrete foi um general cubano que estudou nos EUA e juntou-se a Guerrilha de Castro no ano de 1958. Ocupou o Ministério da Educação Superior por mais de 30 anos. E também esteve em Roraima a convite de Hamilton Gondim para acompanhar seus compatriotas no estabelecimento de convênios entre a UFRR, o Governo de Roraima e Cuba. Hoje, é aposentado de suas funções governamentais e militares. Disponível em: [https://www.ecured.cu/Fernando\\_Vecino\\_Alegret](https://www.ecured.cu/Fernando_Vecino_Alegret). Acesso em: 25 fev. 2020.

eleger o Brasil e Roraima como lugar de permanência e nova moradia. Todavia, para que isso se concretizasse “legalmente”, decide retornar a Cuba com sua esposa brasileira e realizar todos os procedimentos para o matrimônio em Cuba para, assim, conseguir a autorização para residência permanente no exterior.

A modalidade do convênio com a UFRR e com Governo de Roraima em que o trabalhador migrante, deixava 70% de seus proventos para o Estado cubano, não é uma novidade do programa “Mais Médicos”. Nas palavras do nosso colaborador, essas condições já eram acordadas ainda em Cuba e não se apresentava como uma novidade para os migrantes cubanos que chegavam em Roraima. Segundo o Entrevistado 6, nos explica sobre o retorno de parte desses salários à Cuba, entendendo, com sua visão particular, as razões e o que isso significava para o país e a universidade:

Olha, eu vou te dizer! Para ser justo, por exemplo. Eu vou te colocar um exemplo de um... se alguém dissesse para mim, antes de sair, que eu ia assinar um convênio para vir trabalhar aqui [Roraima], sabendo que o destino de vida do dinheiro era para algum fim específico, e eu aceito a ideia e eu assino o contrato, meu dever é aceitar. Por exemplo, na universidade onde eu trabalhava, Matanzas, quando eu vim, lá tinha carência de tecnologia [bate 7 vezes seguidas na mesa], e quem abastecia os computadores e a tecnologia daquela universidade eram os que estavam trabalhando fora, já em 1993. Muito desse dinheiro... mesmo que alguns que estejam aqui [migrantes cubanos] acham que não era justo, na minha opinião, eu achava justo. Porque eu via o resultado. Não tinha como você ser enganado por que a faculdade conseguia. Mesmo com o bloqueio, conseguíamos pôr o dinheiro no bolso, pegar um avião, e ir-se para o Panamá, e mesmo que fosse de forma clandestina, comprava computadores e levava para a Faculdade, porque tinha que ter os dólares na mão. Sem os dólares na mão não funcionava.

No caso do Entrevistado 2 cuja regularização da permanência também se deu pelo casamento, mas de forma diferente dos demais, pois conheceu a sua atual esposa, brasileira e professora da rede pública de ensino, e decidiu voltar para Cuba com ela para viver no país. No entanto, a persistência das condições econômicas do “Período Especial” “forçaram” o entrevistado a reestabelecer seu projeto migratório de volta para o Brasil.

Sobre isso, o Entrevistado 2 explica:

Em janeiro de 1998 chega o convite da secretária de educação, Tunica secretária e Neudo Campos governador. Meu convite foi por indicação. Mas já estava vencendo o visto brasileiro que eu havia solicitado. Mas não tinha autorização ainda do governo de Cuba [...] Meu pai morre em março de 1999, de um infarto, e eu fico doido para voltar para Cuba. Nessa viagem, eu já tinha a convicção que voltaria em definitivo para o Brasil. Me casei em Havana. Vou a Cuba para solicitar meu desligamento com a Universidade. Qual era o nível de dificuldade? Qualquer técnico de nível superior tem que pedir permissão especial do ministro de educação superior, a pilha de

solicitações era grande [...] a sorte minha que uma amiga minha de universidade era esposa de militar que tinha um auto cargo no ministério da defesa. Eu expliquei a ela minha situação. No outro dia recebi a autorização. Foi em agosto que eu consegui sair de cuba, em 1999 (Entrevistado 2, 2014).

Este mostra-se um caso peculiar, pois antes de constituir todos os mecanismos “legais” para a sua saída definitiva de Cuba rumo ao Brasil, retorna para viver no país natal com a sua companheira brasileira, casando-se lá antes de no Brasil. O colaborador também alega que foi “forçado” pelas condições econômicas do país a voltar para o Brasil, o que o fez percorrer um longo caminho para tal, defrontando-se com a complicada legislação migratória cubana e envolvendo várias investidas na emaranhada burocracia estatal, até que conseguisse sua permissão para migrar.

#### **4.3.3 ASPECTOS FAMILIARES.**

Sobre os aspectos familiares, como ocorrem em processos de migração, as separações, rompimentos, desuniões e mágoas permanecem marcados na trajetória migratória de cada indivíduo entrevistado. Esse, para muitos, é o preço de uma escolha difícil que significa deixar no seu país de origem, pais, filhos, amigos, sua cultura de berço, ambiente de trabalho e o seu arredor social.

Os cubanos que abandonaram suas “*misiones*” eram qualificados como traidores e estavam proibidos de voltar a Cuba, caso em que responderiam judicialmente por suas faltas. Logo, esse impedimento fez com que dois de nossos colaboradores só retornassem ao país depois de 15 e 18 anos, graças a aprovação da Lei de Reforma Migratória de 2012, pelo presidente Raul Castro.

Esse foi o caso do Entrevistado 3, que só retornou a Cuba depois de 18 anos, viagem esta realizada no ano de 2015. Retornar ao país em que nasceu, significou rememorar momentos de felicidades, mas também de tensão e medo, pois ainda que a Reforma Migratória aprovada no país permita que os considerados traidores e que tinham sua condição de cidadãos cubanos suspensas pudessem retornar sem maiores problemas, e que não encontrariam nenhuma resistência da Imigração Cubana, o medo e a expectativa adiaram o retorno do Entrevistado por mais de 3 anos: “Realmente, minha relação com a família é boa. Com o país eu já não sei. Sei que consegui entrar e sair sem nenhum problema”.

O medo e a falta de confiança e segurança, no caso do Entrevistado 3, nas instituições cubanas foram gerados desde a sua partida, no ano de 1998, pois nos relatou que as intimidações recebidas de funcionários da Embaixada Cubana no Brasil que atuavam contra a permanência e livre trabalho no Brasil, somado a isso ainda houve a intimidação de seus familiares por policiais em Cuba. Isso fez com criasse muito receio em voltar, como explica:

Eles tentaram várias vezes, através de funcionários enviados pelo governo [cubano] para impedir que eu trabalhasse aqui [Roraima]. Mas as leis brasileiras não permitem essa ingerência do governo cubano para afirmar que eu não pudesse trabalhar no Brasil. E também eu estava em condições legais. Então, eu podia trabalhar pelas vias legais e eles [governo cubano] não podiam fazer nada comigo. Então, eles tomaram represálias contra minha mãe, que no caso era o meu ponto mais fraco. Ela foi presa duas vezes. Foi durante um único dia, mas com interrogatórios muito... do tipo... com especialistas na área e ameaçando-a a todo tempo – dizendo que poderia acontecer algo bem ruim, esse tipo de coisas... e que eu voltasse para o país. Bom, isso está claro que não funcionou (Entrevistado 3, 2017).

Sobre a possibilidade de que seus pais pudessem visitá-lo em Boa Vista – RR, o Entrevistado 3 alega que nunca chegou a tentar essa possibilidade, pois envolvia alguns problemas de sentimentos que evitava rememorar. Todavia, relembra com entusiasmo o momento em que voltou a Cuba: “Tenho contato com minha outra irmã, essa que ficou com meu pai, sim... foi um momento emocionante. Foi um momento de alegria”. Ressaltamos que até o momento da realização da entrevista, os pais do colaborador ainda estavam vivos, e que o entrevistado nos disse que só voltaria a Cuba enquanto esses ainda vivessem.

O outro colaborador que rompeu com seu país, o Entrevistado 4, devido a sua condição já não dispunha de regularidade jurídica para ir a Cuba, restando aos seus pais e familiares que viessem ao Brasil para que o encontrassem. Alegando que não se arrependeu de sua opção e projeto migratório, o Entrevistado nos disse que tinha que seguir com sua vida, e por mais que sentisse muito deixar seus pais em Cuba, seu projeto migratório não seria reelaborado e que seguiria longe do país natal: “Não! O homem tem que saber o que quer. Meus pais viveram as suas vidas e eu tenho que viver a minha”.

Todavia, o Entrevistado 4 informa ainda que no Brasil nunca enfrentou qualquer tipo de constrangimento quanto à sua atuação profissional por parte das instituições cubanas e que essas nunca colocaram empecilhos para liberação de viagens de seus familiares para o visitar: “[...] Com minha família eles nunca mexeram. Eles vieram aqui. Iam na embaixada, pediam o *permiso* e vinham aqui. Veio meu pai, minha mãe, depois meus irmãos, meus sobrinhos”.

Já no caso da médica, Entrevistada 5, essa separação foi atenuada pela presença de seu pai, já estabelecido regularmente em Roraima, trabalhando como médico e com um novo núcleo familiar constituído. A colaboradora alega que aos poucos foi estimulando e dando suporte para que seus outros irmãos, que ficaram em Cuba, pudessem se deslocar para o Brasil em busca de melhorias econômicas. Entretanto, ainda que sua situação pareça mais confortável, relata que a separação de sua mãe foi e é sentida: “Minha mãe ficou, ela veio [para Roraima] muito depois, que eu trouxe ela. Foi difícil, foi difícil. Toda separação é difícil. Separar de país, separar de costumes, separar de família é difícil”.

Para o Entrevistado 6, tendo realizado seu primeiro deslocamento para Roraima no ano de 1993, ou seja, no auge do “Período Especial”, a maior dificuldade era saber que acabou deixando seus filhos e esposa em Cuba e que esses, invariavelmente, enfrentavam inúmeras dificuldades por conta da crise. Para se ter ideia, o entrevistado, lembra que, com estatura bem alta, com seu peso ideal por volta dos 90 quilos, quando desembarcou em Boa Vista, pesava em torno de 71 quilos. Ou seja, o deslocamento não significava somente ir em busca de novas divisas em dólares para o país, nem apenas de suplementação da sua renda, mas também se define por questões fundamentais, como a da nutrição e de propiciar melhores condições para a família: “[...] imagina, tu sabendo que está aqui comendo um bife [bate na mesa 3 vezes] e minha família lá... É duro, primeiro é duro. Meu dinheirinho que sobrava aqui era pra lá. Por quê? Porque esse dinheiro quando tu enviava em dólar, esse dinheiro rendia lá”.

O núcleo familiar em Cuba, para o nosso colaborador Entrevistado 2, como esse já se encontrava separado de sua esposa, não sentiu tanto o impacto de sua migração para outro país. No entanto, seus pais foram os que mais sentiram sua falta, pois necessitavam de sua presença física em Cuba e, por serem idosos, careciam de cuidados e de remédios que o país já não conseguia suprir para a sua população, devido aos tempos da crise econômica.

Tendo perdido seus pais quando já estava no Brasil há um tempo, o colaborador nos alertou que no caso da sua mãe, cabia a ele enviar do Brasil os remédios que ela necessitava, além, é claro, de mandar também remessas financeiras para os familiares:

Tenho dois filhos. Tenho ainda um tio muito idoso, vários primos e primas. [...] desde pequeno sempre convivi com familiares, com primos e primas. Também ainda tenho muitos amigos na universidade, estão aposentados ou estão se aposentando. A cada dois anos eu vou a Cuba. Possivelmente 2016 eu irei. Busco sempre ajudá-los, mandando sempre algum dinheiro. Em dólar, um dólar vale 25 pesos. Por exemplo, minha filha mais velha, que ganha um pouco melhor, o salário dela é de 550 pesos (Entrevistado 2, 2014).

Como já dito em outras seções por Cumerlato e Rousseau (2001), em cada lar cubano há a ausência de um familiar e a migração é um fantasma que assombra todas as famílias cubanas. No caso do Entrevistado 2, essa figura ausente é responsável, mesmo depois de tantos anos desde sua partida, pela manutenção financeira de suas filhas e auxílio para alguns parentes. E essa situação se prolonga, tanto que nos informou que seu neto, em uma de suas visitas à Ilha, pediu ao avô que lhe comprasse um teclado para que fizesse aulas de música, pois era impossível adquirir aquele instrumento musical em Cuba, ora pela indisponibilidade de venda, ora pelo preço não caber no orçamento de uma família comum.

Por último, o Entrevistado 1 colocava em sua mãe a única razão para retornar ao país, até o ano de 2001, quando sua genitora faleceu. Sendo filho único, tendo o pai já falecido antes de seu deslocamento para Roraima e boa parte de seus familiares emigrados para os Estados Unidos, ainda durante o começo da Revolução, afirma que chegou a convidar a sua mãe para uma visita ao Brasil, sobre isso fala com sentimento: “Ela nunca quis vir ao Brasil. Ela dizia que um velho era como um pau com cupim, que se tirasse para levar para outro lugar ia deixar de existir e ia desmanchar. Nunca quis vir nem de visita”.

Boa parte de seus familiares, tios e tias que emigraram para os EUA já faleceram restando um primo, em Miami, que possui a sua mesma idade, contando que já foi para os EUA para visitá-lo, restando em Cuba uma prima “mais chegada”, como dito por ele ao se referir a sua parente que, segundo o Entrevistado 1, “é uma médica muito proeminente lá em Matanzas, professora de Medicina Interna da Universidade de Matanzas”.

Observa-se, assim, que as relações familiares desempenham um papel importante nos processos migratórios e imprimem marcas indeléveis nas trajetórias migrantes aqui abordadas. Nos casos em que a migração significou o desligamento formal e regular com o país de origem, esses processos de afastamento familiar foram atenuados pelas visitas regulares que os migrantes fizeram ao seu país, ainda que eivados por saudades, preocupações e sentimentos de perda. Entretanto, para aqueles colaboradores que abandonaram os seus convênios no Brasil e foram considerados desertores pelo governo cubano, a separação e o rompimento das relações familiares foram muito mais dramáticos e ocasionaram e aprofundaram ressentimentos e cições.

#### **4.4 INSERÇÕES.**

Nesta última seção do capítulo, abordaremos questões referentes a inserção profissional, social e familiar dos sujeitos migrantes no Brasil, e em especial no estado de Roraima. As estratégias migratórias, referentes aos seus projetos migratórios – que geralmente envolvem aspectos de sua adaptação no local de destino e eventuais contratempos enfrentados para o pleno estabelecimento de sua atuação profissional, inserção social e reconstituição familiar e que foram elencadas o roteiro das entrevistas – estão imbrincadas nas questões abordadas nas seções anteriores, tendo como base a ideia-chave desse trabalho, de migração como fato social total, de Sayad.

##### **4.4.1 INSERÇÃO PROFISSIONAL EM RORAIMA.**

O caso dos professores demonstra que para aqueles docentes cubanos que chegaram com excelentes qualificações, a questão empregatícia nunca se mostrou um problema, fazendo com que a sua adaptação em Roraima fosse atenuada pela boa relação com o mercado de trabalho. No caso dos profissionais médicos, empregabilidade não foi problema, mas sim a validação de seus diplomas.

Na primeira situação é emblemática a trajetória do Entrevistado 6, que informa que após definir Roraima como novo local de moradia, passou a trabalhar para o Governo do Estado e que atuou em diversos projetos de interesses da máquina estatal, inclusive, conciliava esses cargos com a docência em faculdades particulares e públicas. Dos quatro professores entrevistados é o único que não se dedica à docência hoje.

Esclarece isso quando fala sobre a sua experiência no mundo universitário roraimense, confessando a sua grande decepção, o que o fez se afastar das funções de professor no Brasil. Ao narrar sua inserção nas faculdades locais, faz uma rápida comparação com a academia cubana, e demonstra que os professores universitários, especialmente aqueles de faculdades privadas, estavam muito sobrecarregados com horas-aula sem espaço para projetos de pesquisa. Indica na sua narrativa que desistiu de sua carreira acadêmica no Brasil, passando a atuar exclusivamente em órgãos do governo de Roraima, o que faz sem demonstrar mágoa ou desconforto:

Qualquer cubano que tu veja por aí ele sempre está trabalhando e contribuindo. Isso é importante. Isso é criar compromisso. Já agora, nesse momento eu estou com um compromisso de coordenar um projeto do estado também, nesse momento. E com o maior êxito [...].

Da mesma forma, o Entrevistado 1, afirma que teve pouca ou nenhuma dificuldade para se inserir no mercado de trabalho em Roraima. Já que com seu doutorado em Matemática e o histórico de coordenações de projetos de pesquisa, em um estado carente de profissionais desse nível, logo no primeiro concurso para a Universidade Federal, para a sua área, logrou aprovação no certame.

Entretanto, antes disso, quando participava do convênio com a UFRR, como “professor estrangeiro”, aproveitou algumas oportunidades, que podem ser consideradas estratégias para que conseguisse angariar recursos para atenuar a sua questão financeira, ao mesmo tempo que também trabalharia na sua área de formação. Nos conta que, no ano de 1994, portanto, no seu segundo ano em Roraima como conveniado, conseguiu uma bolsa de professor visitante da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, no valor de 1600 dólares – de acordo com ele. Ou seja, além do seu salário que era pago pela Universidade Federal, do qual deveria retirar 75% para entregar para a chefe cubana da “missão” que também atuava no convênio com a UFRR, o entrevistado recebia uma quantia extra em seus rendimentos da CAPES. Assim, acaba confessando que ao depositarem esse dinheiro diretamente em sua conta bancária, dizia a chefe da missão, Vívian Estrada, que essa quantia era o valor que a UFRR efetuava para cumprir com seus proventos.

Já com sua situação regularizada no Brasil, como já informado em seções anteriores, ao entrar por meio de concurso público para os quadros da UFRR, no ano de 1997, o Entrevistado 1 estava livre dos compromissos financeiros com Cuba. Logo depois, acompanhou sua esposa para que esta pudesse cursar doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando durante quatro anos nesta instituição, estando em lotação provisória por “acompanhamento de cônjuge”, no curso de Economia, ou seja, mais diretamente à sua formação, matemática mais aplicada à economia. Como já mencionado antes, foi convidado para se candidatar a uma das vagas do concurso público que abriria para aquele curso, mas não o fez por já ter obtido sucesso no seu projeto migratório em Roraima.

Os aspectos da inserção do Entrevistado 2 e Entrevistado 6 no mercado de trabalho em Boa Vista, também corroboram a tese que esses docentes cubanos não enfrentaram dificuldades de empregabilidade imediata em Roraima. No caso específico do Entrevistado 2, ao mesmo

tempo em que o mesmo retorna para Cuba após o fim de seu convênio em Roraima no ano de 1994, aceita um novo convite, dessa vez, para trabalhar na Secretaria de Educação do Estado de Roraima. Ao retornar à Roraima, completando seu projeto migratório de estabelecer-se definitivamente em Boa Vista, esclarece que conciliava seu emprego na referida secretaria e com novos contratos de trabalho na UFRR, não mais como conveniado e sim como professor substituto, visto que as relações da universidade com as instituições cubanas já haviam sido encerradas.

Desse mesmo modo, – mas com uma condição migratória diferente, baseada no abandono do convênio e no rompimento com seu país – o Entrevistado 3 alega que logo no segundo ano que decidiu residir em Boa Vista, logrou a aprovação em um concurso público da Universidade Federal de Roraima. Assim sendo, também atuou em programas de pós-graduação da Universidade Estadual de Roraima e outras instituições de ensino superior do estado.

A mesma facilidade para lograr a empregabilidade não aconteceu com o Entrevistado 4, quando “fugiu” do seu convênio na Guiana e se deslocou para Boa Vista. Encarando subempregos no início de seu projeto migratório no Brasil, confessa que demorou algum tempo até que conseguisse regularizar a sua situação documental e as questões relacionadas ao seu diploma de Medicina, para assim poder clinicar no estado, lembrando: “Em particular, eu tive sorte. Eu contei com muita ajuda dos brasileiros. Encontrei trabalho na época. E pude sobreviver, modestamente, sobrevivi, até a revalidação do diploma”.

Textualmente, o Entrevistado 4 acusa setores da UFRR de xenofobia, ainda no início dos anos 2000, por não realizarem exames de reconhecimento de diplomas e de não prestarem auxílio aos médicos cubanos que necessitavam da validação para ingressarem no Sistema Único de Saúde. Recorrendo a uma universidade pública do estado do Amazonas para fins de validação de seu diploma, revela profunda mágoa também contra o Conselho Regional de Medicina de Roraima, CRM-RR, pois com ele repetiu a prática de impor vários empecilhos para o pleno exercício de profissionais de médicos cubanos e de outras nacionalidades, como bolivianos e venezuelanos. Superada essa fase burocrática, o colaborador desabafa: “Após isso, foi uma volta de 360 graus. Com a revalidação, eu pude trabalhar na prefeitura, posto de saúde. A vida realmente mudou muito [...] Eu fui Secretário de Saúde em Iracema!”.

Já a inserção da Entrevistada 5 como profissional médica foi menos dramática que a do colaborador anterior, muito embora tenham em comum a grande dificuldade para validar seus diplomas médicos. Lembra que após a sua graduação no estado de Bolívar, na Venezuela, teve o auxílio de seu pai médico estabelecido em Roraima e de seu esposo venezuelano, entrando

no mesmo ano para clinicar no programa do governo federal “Mais Médicos”. Tendo a sorte de ser designada para a capital, Boa Vista, enfrentou somente dificuldades quanto ao idioma. Não obstante, no momento da entrevista, tenha relatado que ainda luta pelo reconhecimento do seu diploma pelas instituições brasileiras. A mesma alega que o exame revalida, aplicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP, é de extrema dificuldade, e a questão da língua portuguesa agrava a sua situação como concorrente a aprovação. Todavia, até o momento da entrevista, a mesma continuava clinicando em um posto de saúde municipal de Boa Vista.

#### **4.4.2 INSERÇÃO SOCIAL E FAMILIAR.**

Neste tópico, apresentamos aspectos e estratégias migratórias e de adaptação de cada um de nossos colaboradores, bem como as dificuldades que os mesmos enfrentaram para a sua inserção na sociedade brasileira, visto que, a maioria dos sujeitos migrantes já se deslocaram para Roraima com mais de 30 ou 40 anos, e isso, como dito pelo Entrevistado 1, foi um empecilho para obter a fluência na língua portuguesa. Também apresentamos alguns casos de xenofobia relatados nas entrevistas.

Observa-se aqui que a inserção social dos entrevistados se relaciona à constituição de núcleos familiares locais. Dos cinco entrevistados homens, por meio do casamento, da única entrevistada mulher pelo reatamento da relação com seu pai e sua inserção no núcleo familiar que este constituía em Roraima. Quanto à inserção, observa-se também que os professores, migrantes mais antigos, tiveram menos dificuldade para se inserir, ainda que todos apontem o uso da língua portuguesa como um dos maiores problemas.

O caso do Entrevistado 2 nos chama atenção por este, no seu segundo ano de convênio Roraima – onde esteve em 1993 e 1994 – conhece a sua atual esposa. Iniciam um namoro e quando o colaborador decide retornar à Cuba, sua então namorada decide o acompanhar, perdendo inclusive uma vaga num concurso público para professora na rede pública de ensino. O entrevistado recorda que vivendo em Cuba e casando-se lá, o casal, com o agravamento da crise do “Período Especial” e a gravidez de seu primeiro filho, decide que a esposa grávida deveria vir a Roraima, para que ela tivesse o parto no Brasil. Assim sendo, restabelece um contato com a Secretaria de Educação de Roraima para conseguir um contrato de trabalho, reiniciando assim a sua trajetória profissional em Roraima, já com um núcleo familiar constituído.

Sobre o envolvimento com a sociedade local, o entrevistado compartilhou histórias que o provocaram risos e momentos de alegria, que demonstram que naquele contexto a presença dos profissionais qualificados cubanos que vinham pelos convênios era até mesmo motivo de orgulho. Lembra que ao chegar em Roraima, surpreendentemente, o grupo de cubanos era convidado por membros da elite política do jovem estado brasileiro para churrascos dominicais e para bares:

Mas nós encontramos uma coisa interessante. Graças a Fidel Castro, nós encontramos uma solidariedade em Boa Vista fenomenal. No primeiro dia que chegamos, havia uma recepção oficial, mas também uma recepção não oficial. Um monte de gente associada a partidos de esquerda nos convidavam sempre para ir em suas casas e até em festas. O Mozarildo Cavalcante também nos recebeu em sua casa, com muita gente e muita comida [...] tínhamos muitas namoradas, gente que nas festas queriam dançar só com a gente. Realmente, a quantidade de churrasco e cerveja que nós tomamos na conta de Fidel Castro foi grande (Entrevistado 2, 2014).

Mesmo assim, nem mesmo um indivíduo com um currículo especial e disputado por instituições locais, ele não escapou de atos de xenofobia por parte de alguns brasileiros em órgãos públicos. Nessa lógica, confessa uma situação, mas imediatamente tenta amenizar o ocorrido, caracterizando-o como um momento muito específico e raro:

Eu lembro uma vez que um professor da secretaria fez uma declaração muito dura. Me falou que como o Brasil tinha que aceitar um cubano que ditasse sobre a educação do país e que só valorizavam os estrangeiros e não os brasileiros. Em algumas discussões que tive com duas professoras elas sempre se referiam a mim como ‘esse cubano’ e não utilizava a palavra você. Me parece que foram tão poucos casos e muitos a favor que me parece que não vale a pena levar para um lado negativo. Pelo contrário, às vezes as mulheres pediam para eu falar em espanhol porque era bonito e para mostrar a música cubana.

A falta de fluência na língua portuguesa e o forte acento no espanhol denunciam a origem. O entrevistado 2 lembra que o grupo de 6 professores que integrou o primeiro convênio com a UFRR chegou em Boa Vista tiveram aulas de português e aperfeiçoamento de conversação no idioma do local. No entanto, confessa que, até hoje, a língua portuguesa continua sendo um obstáculo para a plena adaptação em Roraima.

A trajetória do Entrevistado 1, assim como a do seu compatriota, o Entrevistado 2, se assemelham, pois, os mesmos conheceram suas esposas no mesmo período em que trabalhavam nos convênios com a UFRR e realizaram os trâmites do matrimônio em Cuba e no Brasil. Em especial, o Entrevistado 1 informa que casou 3 vezes: em Boa Vista, em Cuba e na igreja

católica na Paraíba, estado natal de sua esposa. Lembra dessa peculiaridade com bom humor: “Por isso brincamos que não podemos nos divorciar [risos]. Em dezembro daquele ano [1994] fomos ao Nordeste nos casar pela Igreja lá, né? Com as normas do casamento da família nordestina [risos] que tu deves conhecer”.

Por outro lado, conta que sua maior dificuldade para exercer a docência foi a fluência na língua portuguesa. O Entrevistado 1 nos relatou uma situação, ao mesmo tempo, engraçada e constrangedora quando começou a lecionar matemática na UFRR, com muito bom humor, mostrando que isso não foi empecilho para sua adaptação ao Brasil, muito menos para a sua inserção social e profissional:

Mas, no início era muito portunhol, né? Eu... é ... lembro uma coisa engraçada que me aconteceu, que tem também um nomezinho feio aí, tu manera isso na entrevista. Em Espanhol e Matemática, a letra que é muito utilizada em Matemática. Ela representa o conjunto dos números racionais. E então, é comum... quando eu cheguei [nas aulas dizendo] vamos pegar Q e fazer tal coisa, e em Q resolvemos tal equação e tal. Mas eu dizia Q como se lê em Espanhol, Cu. E eu me lembro umas horas os alunos rindo-se, e eu olhava, será que tenho algo ridículo, né? Então, aí [risos] no intervalo um aluno veio e me alertou.

A reconfiguração de um núcleo familiar, para o Entrevistado 6, foi muito mais difícil por conceber a ideia de que deixara os filhos em Cuba, mesmo que disso decorresse o apoio financeiro que os mesmos necessitavam durante o trágico “Período Especial”. Todavia, a avaliação da decisão de migrar, realizada na entrevista mais tarde, é reconhecida por ele como uma decisão errada sob o ponto de vista pessoal, pois o custo afetivo se mostrou alto, muito embora profissionalmente tenha sido um acerto: “Do ponto de vista profissional, sim. Eu acho que tive um crescimento profissional, sem dúvida alguma. Mas do ponto de vista da família, não. Porque eu me separei da minha família”. Logo, assume que a separação de seus filhos acabou resultando em uma dissolução de sua família ainda em Cuba, já que sua prole migrou para os EUA quando o pai já se encontrava no Brasil. Atualmente, o colaborador é casado e tem mais dois filhos na cidade de Boa Vista.

Nesse sentido, apontamos sem surpresas o caso do Entrevistado 6, docente de formação e que hoje trabalha coordenando projetos em um órgão público do Governo de Roraima, que sua inserção profissional foi muito bem-sucedida, como ele mesmo avaliou. Nesse campo, consideramos que reside a sua alegação de que nunca sentiu nenhum ato de discriminação no Brasil, nem em Roraima, e mesmo visitando outros estados da federação para participar de

congressos e apresentação de projetos representando o governo, jamais encontrou aversão quanto a sua origem e sotaque ao misturar as palavras em português e espanhol.

No mesmo caminho que os outros colaboradores docentes, o Entrevistado 3 explica que nunca sentiu nenhum ato de discriminação em ambientes públicos e privados por sua origem e sotaque. Alega que encontrou boas possibilidades de trabalho em Roraima e que esses atos passaram longe de seu ambiente de trabalho e familiar. É explicável, no caso do Entrevistado 3, essa fácil adaptação profissional e social em Roraima por conta de seu rápido emprego em concurso público no Brasil, por meio da UFRR e participação em projetos e outros cursos de Pós-Graduação no estado.

Quando perguntando sobre sua inserção na sociedade local e a constituição de uma nova família no Brasil, o Entrevistado 3 nos informa: “Meus melhores momentos da minha vida, tanto políticos, econômicos e profissionais foram no Brasil. O período mais feliz”. Bastante ressentido com as instituições cubanas, o colaborador concebeu o Brasil como seu lugar de pertencimento social e familiar, e que, portanto, sua esposa e filhas são a sua família, enquanto seus pais ainda estão vivos em Cuba. Claramente, percebemos que o colaborador não quis expor mais detalhes sobre sua vida pessoal e sua inserção na sociedade roraimense. Ainda assim, podemos perceber a centralidade do núcleo familiar constituído nessa resposta, quando perguntado se realizaria uma nova migração para outro local: “Não sei. Realmente não sei responder. Agora, há países como qualquer outro isto está bastante claro para mim”. Nos parece, então, que com a família constituída no Brasil, que o Entrevistado concebe qualquer outro país como local de residência e a possibilidade de um novo projeto migratório e social.

Contudo, a inserção do médico Entrevistado 4 foi muito mais difícil e problemática, comparando com a recepção que os docentes cubanos que foram para a UFRR receberam em Roraima na década de 1990. O Entrevistado 4 alega que enfrentou muitas adversidades na sua inserção social, na sociedade local e nas instituições com as quais lidou. Casado ainda na Guiana, pouco tempo depois de migrar para o RR, já nos anos 2000, se separou, casando-se com uma professora com a qual se encontra junto até a data da entrevista. Ou seja, o seu projeto migratório envolveu também uma reconfiguração do núcleo familiar, que na nossa avaliação seria muito mais conveniente para o entrevistado.

Em sua narrativa permanecem marcadas as referências negativas quanto às instituições cubanas no Brasil, como o consulado cubano de Manaus, quando lembra que foi pressionado a voltar para seu país. Com a Reforma Migratória Cubana de 2012, alguns desconfortos foram atenuados, mas os ressentimentos continuam vivos: “Agora, de uns 5, 6 anos para cá, as relações

melhoraram muito. A embaixada que colocaram em Manaus... o cônsul já veio muitas vezes aqui. E falou com a comunidade cubana aqui”. Também manifesta desconforto e ressentimento quanto às instituições brasileiras e roraimenses, como o CRM-RR e a UFRR, ao relatar os obstáculos e entraves colocados ao seu projeto migratório.

Com uma migração mais recente, o Entrevistado 4, que é médico, relata que ao atender os pacientes no estado de Roraima, sobretudo no Sistema Único de Saúde, ocorreram diversos casos de discriminação por conta de sua origem e sotaque. Afirma isso nos contando uma situação em que orientava pacientes quanto ao tratamento de doenças e a utilização de medicamentos: “Sim, claro! Por exemplo: com pacientes. Claro, o sotaque é diferente, a gente tenta falar – amoxicilina, 5 ml de 8 em 8 horas durante 7 dias. Dá para entender. Mas, há muita gente que brinca com a gente”. Nesse sentido, se ressentia da xenofobia vigente em Roraima, quando compara com as experiências quando cursou especializações e trabalhou fora do estado: “Eu vi isso em Roraima, infelizmente. Eu moro aqui e não devia acontecer. Mas, acontece. Quando eu saio daqui para Manaus, Rio ou São Paulo para fazer curso, as gentes são diferentes. Sinto menos xenofobia”.

Fechando essa seção, a inserção da Entrevistada 5 na sociedade local guarda certas peculiaridades, tendo em vista que sua migração teve como condicionante o reatamento do vínculo familiar com seu pai. Ela nos informa que depois de morar um tempo em Roraima, morou a Venezuela, onde casou-se com um venezuelano enquanto cursava Medicina no estado de Bolívar, e que os partos das suas duas primeiras filhas e os cuidados médicos decorrentes foram no Brasil, sendo que as duas primeiras crianças passaram seus primeiros anos de vida na Venezuela enquanto a mãe estudava e finalizava a sua graduação, e que a terceira e o da última filha já nasceu com a mãe trabalhando no programa “Mais médicos”. A Entrevistada também ressalta que logo que começou a clinicar no Brasil, buscou trazer seus familiares mais próximos para a cidade de Boa Vista, reproduzindo o papel que seu pai teve no fim da década de 1990 e início dos anos 2000.

Também migrante mais recente, a Entrevistada 5 relata situações parecidas com as que passou o Entrevistado 4, mas com consequências graves, tendo em vista que sua plena inserção social e profissional se dá no programa “Mais Médicos”, em um contexto em que a rejeição aos profissionais cubanos foi amplamente fomentada, inclusive pelos próprios pares médicos. A colaboradora conta que já foi à polícia por duas vezes prestar queixa contra dois pacientes que a desrespeitaram no exercício de suas funções. O primeiro caso, o paciente queria um encaminhamento para um médico de uma especialidade, entretanto o mesmo exigiu que fosse

para um de sua preferência e que fosse para uma clínica privada. Ciente de que seria um erro, a médica cubana negou o pedido do indivíduo e esse a ofendeu. O segundo caso se relaciona a uma mulher que chegou ao posto de saúde onde trabalha a entrevistada e queria um atestado médico para justificar a ausência no trabalho. Ciente de que a “paciente” não apresentava nenhum sintoma de uma emergência, a colaboradora negou o atestado, causando a fúria da solicitante. Em ambos os casos foi flagrante o desrespeitando a sua origem, como ela avalia: “A primeira coisa que eles falam é que não somos [cubanos] médicos. Quando eles não têm o que eles querem, quando eles não conseguem o que querem com a gente, aí eles já falam que a gente não é médico”.

Chama atenção o fato de que a composição de núcleos familiares, ainda que os relatos mostrem as suas várias nuances, verifica-se que exercem uma centralidade na composição das seis trajetórias de migratórias estudadas. Por um lado, percebemos que para os quatro professores, que também são os migrantes mais antigos, a família brasileira desempenhou papel definidor do projeto migratório e constitui-se como estratégia migratória e de inserção social fundamental.

Nota-se, ainda, que os migrantes que chegaram na década de 1990, na esteira das parcerias institucionais entre Roraima e Cuba, tiveram mais facilidade, ou gozaram de mais receptividade da sociedade local, tendo em vista o contexto da época em que os convênios eram tratados com grandes ações do poder público. Hoje, os quatro colaboradores que se enquadram nessa situação são figuras respeitadas na comunidade universitária local.

Por outro lado, como constatado, o idioma foi a maior fonte de dificuldade de todos os entrevistados quando estes relatam suas estratégias de adaptação em Roraima. Contudo, no caso dos professores, verificamos durante as entrevistas uma maior dificuldade para manter suas narrativas na língua portuguesa. Em todos os momentos, a mistura do espanhol e do português era sentida e quando estes esqueciam o significado de alguma palavra em português, perguntavam ao entrevistador. Isso pode ser explicado pela fácil empregabilidade para os docentes cubanos em comparação aos médicos cubanos. Deles nunca foi cobrada a fluência no idioma local, nem isso se constituiu como entrave para o seu exercício profissional. Já os médicos, além de terem migrado e se estabelecido em Roraima em um contexto mais adverso, são obrigados a validar seus diplomas, tendo a língua portuguesa como requisito para a sua inserção profissional aprovação e como desafio para a atuação em sua profissão. Assim sendo, fato observável também na busca de uma melhor fluência por parte dos médicos cubanos na hora da entrevista.

#### 4.4.3 LUGAR DE PERTENCIMENTO.

Neste derradeiro tópico, observamos diferentes visões de nossos colaboradores acerca dos seus lugares de pertencimento. Todavia, em processos em que os deslocamentos implicaram separações dramáticas, rompimentos institucionais, perseguições por meios de órgãos cubanos, o “ser cubano”, por vezes, é afastado em narrativas que negam a nacionalidade de origem, mas que em muitos outros momentos é reivindicada para conferir credibilidade e veracidade ao que está sendo relatado.

Nesse sentido, tomamos, primeiramente, o que nos diz o Entrevistado 1, quando nas duas oportunidades em que foi entrevistado, em 2014 e 2019, cita o poeta e político José Martí, herói da Guerra de Independência Cubana e figura que permeia o imaginário revolucionário daquele país<sup>47</sup>. Para ele, como dito em 2019, o Brasil significava a sua segunda pátria: “Tem um poema de Martí que dizia 'Cuba e Porto Rico de um pássaro, as duas asas'. E eu poderia aplicar isso ao Brasil. O Brasil e Cuba são no meu coração um pássaro e cada um é uma asa desse pássaro que me permite voar”. Mesmo com sua aversão ao sistema econômico e político de Cuba, o Entrevistado 1 com essa fala resgata o seu sentimento de patriotismo e de pertencimento à Cuba. Como relata, suas formações educacionais, filosóficas, culturais e familiares foram em Cuba, e o Brasil significou um novo recomeço para o seu projeto social.

Contudo, em sua primeira entrevista, no ano de 2014, notamos que esse sentimento de pertencimento à Cuba se mostrava de maneira contraditória, ou até era renegado, percebendo-se também que nem o Brasil figurava como lugar de pertencimento de nosso colaborador. Mais uma vez citando Martí, o mesmo toma o “espírito Latino–Americano” para si, ao citar a América como lugar de pertencimento:

Eu não tenho essa saudade doentia pela terra. Minha terra é qualquer lugar que eu esteja com minha família, me sinta bem e que tenha o mínimo de liberdade para trabalhar. Gosto muito do Brasil, me sinto muito bem aqui. Me sinto agradecido ao Brasil que é um país extremamente generoso que me acolheu sempre com muito carinho. José Martí tem uma frase ‘a América é uma, do rio bravo até a patagônia, da América sou filho e a ela eu devo’. Então, com esse espírito Martiniano eu me sentiria bem em qualquer país da América Latina, por que a América latina é uma [...] claro não vou te negar que chega momento que eu fico pensando naqueles lugares que eu frequentava quando criança, adolescente, no bairro onde vivi por 43 anos da minha vida, da minha casa. Tudo isso me gera uma saudade. Eu não posso negar isso [...] eu

---

47 Para mais informações sobre vida e obra de José Martí, recomenda-se a obra de NASSIF, Ricardo. José Martí. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4678.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

controlo essa saudade. Talvez um dia eu volte a esses lugares, eu me emocionaria e não deixaria ninguém me ver e nem filmar (risos).

Essa “dualidade” no sentimento de pertencimento – separada por um lapso de cinco anos, no caso do Entrevistado 1 – está muito mais presente na narrativa do Entrevistado 4. Para ele, voltar a Cuba depois de muitos anos, por conta da impossibilidade jurídica para a sua viagem, foi muito emocionante: “É uma coisa indescritível. Uma coisa maravilhosa. Ir e ver a tua família, caminhar pelas ruas onde você se criou, encontrar amigos que ainda estão em Cuba, poucos. Mais velhos... Ver os jovens-velhos em Cuba. O país é o país da gente”. Contudo, o mesmo já encara o Brasil como sua “pátria definitiva”. Enxerga como seu o local de destino migratório que lhe deu emprego, uma família e filhos, e toma o sentimento de “brasildade” para si, ao contestar as situações de aversão de alguns brasileiros, quando não o veem como compatriota: “Eu sou naturalizado brasileiro, eu amo o Brasil. Mas muita gente não aceita. Para muita gente eu sou um estrangeiro. Infelizmente. Se eu tiver que morrer pelo Brasil amanhã eu irei. Por quê? Porque o Brasil me deu tudo”.

Já a Entrevistada 5, mesmo dizendo-se afastada das discussões políticas e ideológicas do país, afirma que o que a impede de uma maior conexão com sua pátria de origem é a atual condição de governo que Cuba. Para ela, o Brasil é um local que lhe deu a garantia de viver com sua família, trazer sua mãe de Cuba e proporcionar que seus irmãos pudessem deixar a ilha. Muito ligada a cultura brasileira, como o samba e o futebol, alega que desde criança tinha imensa curiosidade de visitar e morar no Brasil, mesmo que fosse por algum tempo.

Consideramos que o Entrevistado 6 é o que se nos apresenta de forma mais crítica acerca de seus sentimentos de pertencimento em relação à Cuba e ao Brasil. Tomando Cuba como a sua primeira pátria e o Brasil como segunda, o mesmo confessa que não passou por sua cabeça a possibilidade de retornar de forma definitiva ao país de origem. Expressa que mesmo depois de tanto tempo vivendo e criando seus filhos no Brasil, ainda não se sente confortável para emitir opiniões sobre a atual conjuntura política brasileira. Contudo, acaba lamentando as atuais condições políticas e sociais do Brasil, elaborando uma crítica ao atual grupo que ocupa a Presidência da República, garante que esse quadro não perdurará num país como o Brasil, e que certamente a política nacional voltar-se-á para o centro ou esquerda. Porém, interrompe essa avaliação ao dizer que não se sente à vontade para elaborar críticas, e quando perguntado o porquê, já que é também um cidadão brasileiro, o Entrevistado 6 completa: “[...] Sim, posso dar

minha opinião, mas é um pouco delicado isso, não? Quando eu tenho um país que também tem seus problemas”.

Separado dos colaboradores anteriores, o Entrevistado 3 não expressa nenhum sentimento de pertencimento quanto aos dois locais, Cuba e Brasil. Para ele, vindo de um processo de migração traumático, não há uma saudade de Cuba, e o que o faz lembrar o seu país de origem é somente os pais que ainda vivem por lá: “Realmente eu nunca fui arraigado a patriotismo. Nunca pensara em migrar, mas também nunca pensei que seria por toda vida cubano. Cuba é um passado mesmo”. Com relação a sua origem o seu sentimento é claro, porém, consideramos que o colaborador não sente a necessidade de verbalizar um sentimento especial em relação ao lugar em que vive, pois não afirmou na entrevista o Brasil como seu local de pertencimento. Não podemos atribuir a ele, portanto, essa ou aquela posição, ainda que, por um lado, tenha dito enfaticamente que é muito feliz no Brasil e em Roraima e, por outro, que poderia viver em outro lugar, que não o Brasil ou Cuba, lembrando falas suas já citadas acima.

Finalmente, cabe ressaltar o sentimento de pertencimento percebido em cada narrativa dos migrantes cubanos, pois o Brasil e Cuba, na subjetividade de cada entrevistado, compartilham um espaço de ressignificações distintas, a partir dos processos e trajetórias migrantes, dos deslocamentos e das implicações desses em suas vidas.

A nacionalidade cubana, ora negada, ora reivindicada, tem sua razão de ser a partir de seis processos migratórios e trajetórias sociais – que guardam semelhanças e profundas diferenças entre si – as quais coloca em permanente diálogo e tensão as vivências cubanas e brasileiras/roraimenses, que se fundamentam e se explicitam nas entrevistas na diferença entre o lá e o aqui. Isso pode ser percebido, por exemplo, quando para se referir às instituições governamentais cubanas, ou verbalizar críticas ao regime de seu país, os colaboradores tomam para si o seu “direito” à nacionalidade, processo em que, explícita ou implicitamente, elaboram as diferenças entre Cuba e Brasil/Roraima, conferindo a cada um seu lugar nas suas trajetórias e memórias.

Na maioria das narrativas, acompanhamos uma tomada de pertencimento quanto ao “ser cubano”, em que a nacionalidade brasileira é colocada em segundo plano. Nesses indivíduos, verifica-se que sua ligação com o país de origem ainda é muito presente, com constantes viagens e contatos com familiares e amigos que restam na ilha. O Brasil/Roraima, para eles, foi o local de destino que deu uma continuidade às suas profissões, lhes proporcionou ganhos econômicos e significativas possibilidades de reconstituição familiar. O Brasil/Roraima, na maioria dos

casos, é visto como um país solidário, uma pátria acolhedora e que foi ator principal nas ressignificações dos projetos migratórios e sociais dos colaboradores, redefinidor, portanto, de suas trajetórias sociais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou que identificássemos na migração de cubanos para Roraima um fluxo que inaugurou um ineditismo no percurso migratório que o estado vive desde sua ascensão como Território Federal, em 1943. Sobretudo, dos migrantes cubanos que chegaram em Roraima, a partir de 1993 até 2013, que integraram um fluxo de profissionais para preencher o mercado de trabalho local, que necessitava de mão de obra qualificada nas mais variadas instituições estaduais e federais, podendo dizer que, até então, a presença cubana era esporádica e pouco notada na sociedade local.

Acreditamos que essa pesquisa represente uma nova fonte que contribuirá para os estudos acerca da migração cubana, visto que possuímos poucas pesquisas que enfoquem o deslocamento de cubanos para o Brasil, e especialmente Roraima, neste período, o que esperamos poderá fomentar outras investigações sobre o tema. Não obstante, esclarecemos que vem se tornando mais numerosas as pesquisas acerca dos cubanos do programa “Mais Médicos” e dos novos migrantes cubanos que chegam ao Brasil, após a Reforma Migratória da ilha de Cuba, no fim de 2012. Nossa contribuição, portanto, reside no fato de apontar de forma fundamentada que, muito antes disso, houve um fluxo crescente de cubanos para Roraima, promovido por instituições governamentais que solidificou uma rede de cubanos nos mais variados órgãos administrativos e meios universitários públicos e privados, apontando para o protagonismo de Roraima nesse assunto.

Logo, a migração desses cubanos, indivíduos altamente qualificados que vieram por empréstimos entre o Governo de Roraima e a Universidade Federal de Roraima, gerou uma presença permanente e reconhecida na sociedade roraimense. Esse “fluxo” e a presença dele decorrente, pode ser relacionada com a implantação e consolidação do jovem estado, tendo em vista que esses migrantes, essencialmente, se deslocaram e consolidaram sua presença pessoal e profissional vinculados à órgãos públicos, em um momento em que as políticas neoliberais começavam a desembarcar no Brasil, no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Embora tenhamos constatado que um contexto político, geopolítico e socioeconômico nacionais – de Cuba e do Brasil – e global, configure uma espécie de “cenário” para os processos migratórios aqui tratados, as entrevistas explicitaram que os projetos e trajetórias sociais e migratórias são fundamentais para uma compreensão mais aprofundada da migração cubana, consonante com Sayad e a ênfase que atribui à abordagem das subjetividades.

Neste sentido, cada um dos seis cubanos ouvidos, ao mesmo tempo em que mencionam os mesmos fatores estruturais para sua migração – no plano global, relacionados ao avanço da Globalização e do neoliberalismo; em Cuba, relacionados ao chamado “Período Especial de Paz”; no Brasil, à realização de convênios de cooperação profissionais com Cuba, situados na esteira do reatamento das relações diplomáticas; em Roraima, com a criação do novo estado – constatamos que essa conjuntura influenciou diferentemente os projetos migratórios aqui abordados e na decisão dos entrevistados de se instalarem no estado de forma definitiva. Deste modo, definiu também variadas “estratégias migratórias”, conformaram as diferentes trajetórias sociais e migratórias dos entrevistados, e diferentes deslocamentos profissionais, familiares, sociais, conferindo significados específicos para a trajetória de cada migrante.

Verifica-se que para a maioria de nossas fontes orais as condições econômicas de seu país, no início da década de 1990, foram decisivas para que estes elegessem Roraima como um destino migratório, muito embora seus deslocamentos tivessem data definida para o término, tudo isso sob os olhos de coordenadores cubanos desses convênios e pelas regras e requisitos das chamadas *misiones*. Nesse campo, constatamos que alguns entendem esse caráter de “missão” de forma estrita, enquadrado segundo os ditames e justificativas do governo cubano, enquanto outros o questionam e defendem o rompimento com ele, ainda que dos seis entrevistados, cinco tenham firmado esse compromisso com o governo, o que viabilizou sua saída de Cuba.

Inicialmente, a Universidade Federal de Roraima foi a responsável por inaugurar o fluxo de cubanos para Roraima. Com intuito de assessorar seus projetos e preencher quadros nos cursos de licenciatura e bacharelado, o então reitor *pro-tempore*, Hamilton Gondim, enxergou em Cuba uma possibilidade de direcionar profissionais qualificados para os cursos da sua universidade, pois aquela nova instituição de ensino encontrava dificuldades para contratar profissionais brasileiros qualificados que quisessem eleger Roraima como local para migrar.

Mas não somente a UFRR promoveu convênios de profissionais com Cuba, o governo de Roraima, sob a administração de Ottomar Pinto e posteriormente de Neudo Campos, praticaram a política de troca de profissionais, celebração de convênios e envio de profissionais do quadro da Secretaria de Educação e Saúde para cursarem Pós-Graduação em Cuba. O mais notório dos programas que teve essencialmente mão de obra cubana, foi o “Médico em Sua Casa”, criado na administração de Neudo Campos, na segunda metade da década de 1990, programa que possibilitou a universalização do atendimento médico público e gratuito para todas as regiões do estado de Roraima.

Todavia, esse fluxo migratório de trabalhadores cubanos para Roraima contribuiu para a inserção da ilha de Cuba na economia mundial via mercado laboral. Vivendo uma grave crise econômica e de abastecimento no início da década de 1990, Cuba encontrou nos empréstimos e convênios de seus profissionais, médicos e professores, uma das saídas para que o país captasse divisas econômicas do mercado exterior, como confirmado pelas fontes documentais e pelas fontes orais. Prova da relevância dos convênios com a UFRR e o governo de Roraima está na visita do ministro Vecino Alegrate à Roraima – com destaque para sua participação ativa na citada Campanha de Alfabetização – e a boa recepção das delegações oriundas do estado pelo governo cubano, como consta do capítulo 2.

Frisamos que Cuba não inaugurou a prática de remessa de trabalhadores para outros países em troca de recursos no “Período Especial”, mas essa estratégia, como apontado nos capítulos 1 e 2, já era amplamente utilizada com os países “capitalistas”, notadamente os periféricos. Nesse sentido, além de uma estratégia financeira e de governança, Cuba a concebe como estratégia política, como uma ação de solidariedade internacionalista do Estado cubano, que demarca e ressignifica seu papel como baluarte do socialismo no mundo.

Frente à nova conjuntura imposta pela Globalização e o fim da URSS, o país promoveu reformas liberais, mesmo que pontuais, em diversos setores da economia – em especial o setor de turismo e criação de empresas de capital misto – para atrair investimentos estrangeiros e se adequar à velocidade que o mundo econômico passou a ter a partir da Globalização. Neste contexto, se viu forçada ampliar a colocação de seus profissionais no mercado de trabalho global. Logo, as necessidades domésticas do país junto ao novo contexto da economia global criaram uma possibilidade macro-estrutural para que a migração de cubanos para Roraima se desenvolvesse.

Entretanto, cabe lembrar que a promessa da ideologia da globalização acerca de novas “liberdades”, notadamente sobre a livre circulação de pessoas se mostrou e vem se mostrando uma falácia. No caso de Roraima, verificamos que os migrantes cubanos, no início dos anos de 1990 e por toda a década de 2000, eram bem recebidos pelas autoridades locais e elites roraimenses e logo encontravam trabalho em suas formações, pois o estado carecia de uma mão-de-obra qualificada, em contraste milhares de trabalhadores pobres e com baixa qualificação vinham de diferentes regiões do Brasil em busca de novas possibilidades econômicas, encontrando carências e desemprego no recém-criado estado de Roraima, além do preconceito e da discriminação, como mostram vários trabalhos sobre esse tema citados em nossas referências.

Observamos que o drama da migração para a ilha de Cuba, principalmente a partir do triunfo da Revolução Cubana, em 1959, é uma chaga no país que, nas palavras de Aja-Díaz (2007), se apresenta em cada família cubana. Morrone (2008) nos possibilitou entender que a emigração é uma marca estrutural na sociedade cubana, pois não começa a partir de 1959, sendo a sua ligação com os EUA anterior ao movimento revolucionário. Contudo, como aponta Ayerbe (2004), o deslocamento de cubanos rumo aos EUA ganhou novos contornos políticos e ideológicos com o movimento castrista galgando o poder e, por isso, não nos furtamos explicar os principais movimentos migratórios cubanos até a década de 1990, entendendo que eles marcam o “ser cubano”. Lembremos que 3 dos entrevistados viveram, com diferentes idades, as 3 ondas migratórias apresentadas no capítulo 3, um vivenciou duas delas, enquanto outro vivenciou a chamada crise dos *marielitos*.

Foi e é necessário explicar que a migração em Cuba é um “fantasma” que por se apresentar em cada núcleo familiar, como nossos entrevistados revelaram, ganha contornos dramáticos, pelas inúmeras separações presentes em praticamente todas as famílias. Seja daqueles que emigraram e não podiam retornar à ilha, tanto pela política migratória restritiva e supercontrolada pelo Estado – que tratava, até 2012, os que deixaram o país sem autorização e aqueles que romperam de seus convênios de trabalho no exterior como “traidores da pátria” – quanto pelas conjunturas geopolíticas globais, que condicionaram as relações de Cuba com o mundo.

Logicamente, essa forma de rompimento com o país, com seus familiares e com o lugar em que viveram e tiveram suas formações sociais, educacionais e políticas não se mostraram fáceis para os migrantes em geral ainda que desejadas, em particular para os que o fizeram de forma irregular, como no caso dos dois colaboradores que utilizaram a estratégia de abandonar seus convênios no exterior, ou *misiones*, para implementar seus projetos migratórios. Portanto, as entrevistas mostraram que essas ocorrências causaram fortes marcas nos entrevistados, observáveis nas chamadas “memórias-incômodos”, explicitadas principalmente no ressentimento contra instituições cubanas. Fora do seu país, o braço do governo cubano se fez presente não só em suas memórias, mas em atos concretos quando, por exemplo, os entrevistados apontaram que funcionários das embaixadas cubanas e dos convênios atuaram para que os “desertores” encontrassem dificuldades para a adaptação em Roraima, apontando que, em contrapartida, o Brasil não aceitou esse tipo de ingerência, mostrando-se “acolhedor” para com esses casos, como dito pelo Entrevistado 3. Isso nos mostra que a memória, despertada na entrevista, articula-se em torno das experiências e de vivências, fundamentadas em fatos

“concretos” compartilhados pelos colaboradores, mas que ganham significados diferentes na configuração das trajetórias sociais e migratórias dos sujeitos.

Contudo, como somente dois dos entrevistados “desertaram” de seus programas de convênios, cabe registrar que discutir as seis trajetórias contribui para quebrar um senso comum de que todos os cubanos que migraram anteriores à Reforma Migratória Cubana, de 2012, eram desertores e revoltados que fugiram da ilha. Os entrevistados 1, 2 e 6 nos relataram que regularizaram as suas saídas, em tempos que todos os professores universitários – especialmente aqueles que possuíam doutorado – tinham que pedir autorização do Ministro da Educação Superior de Cuba, Vecino Alegrete, para suas ausências do país, principalmente para residir fora dele. A regularização da residência permanente no exterior exigia dos solicitantes que esses tivessem constituído matrimônio no Brasil e que fossem à ilha de Cuba para regularizar as suas situações matrimoniais e profissionais. Nos casos citados, todos obedeceram à legislação cubana e somente o entrevistado 1 teve problemas pessoais com alguns de seus ex-chefes, atribuídos a causas ideológicas.

O caso da entrevistada 5 é notável por esta ter se deslocado, em seu tempo, graças ao pai que migrou para Roraima por meio de convênios do governo do estado. Consideramos que a médica, como filha de um “trabalhador-migrante”, veio para Roraima “por tabela”, graduou-se em Medicina na Venezuela e constituiu família naquele país, migrando em definitivo para Boa Vista ao fim de seu curso superior. Logo, sua trajetória é peculiar em relação aos demais entrevistados, pois apresenta a figura do pai – falecido em 2014 – como a principal responsável por sua trajetória profissional e social, como articuladora do seu projeto migratório. É peculiar, também, por não chegar inteiramente pronta para o exercício da profissão que vai propiciar sua inserção em Boa Vista, procurando qualificação no país vizinho, e por não apresentar maiores dissensos com o Estado e o governo cubano. Destacamos que, ainda que aqui essa situação seja representada por esse único caso, foi importante incluí-lo, pois acreditamos que pode ser exemplo de outros mais que vieram pelas mãos dos seus familiares, deixando aqui em aberto, para o futuro, o estudo dessas possíveis redes migratórias.

Lembramos, contudo, que os diferentes graus de envolvimento político e ideológico com Cuba produziram diferentes narrativas acerca desse processo migratório que confirmam que dele redundava uma migração regular para Roraima. Alguns com rompimentos, outros não, esse processo implicou em vivências que desnudaram diferentes trajetórias, lá e aqui, carregadas de sentimentos e ressentimentos, de estranhamentos, de desconfortos, de

contradições, de dubiedade de pertencimento e muitos mais. E as subjetividades, acessadas por meio das entrevistas, permitiram explorar esses meandros.

Portanto, cumpre ressaltar que foram as entrevistas de História Oral, nossas principais fontes, que possibilitaram que tivéssemos acesso às memórias e às subjetividades de nossos entrevistados, frente às outras fontes aqui utilizadas. Com elas conseguimos compor trajetórias migratórias e sociais, cuja análise explicam o fenômeno da migração cubana para Roraima, oferecendo também uma compreensão ampliada acerca da faceta humana e humanizada que deve perpassar os estudos migratórios, como bem nos diz Sayad (1998).

Com Sayad (1998), também fica claro que essa ocorrência histórica não pode ser explicada apenas pelas condições históricas dadas para aquele período, pois ao mesmo tempo que cubanos vieram e decidiram ficar em Roraima, muitos daqueles que compuseram os convênios decidiram retornar à ilha cubana. A articulação dos diferentes campos do conhecimento mobilizados nesse trabalho mostra que, para além de uma ocorrência histórica e social, as subjetividades acessadas compuseram um tom diferente para cada trajetória, cabendo a nós analisarmos cada deslocamento em seu tempo e por suas particularidades.

Isso posto, acreditamos que uma das contribuições desse trabalho é reafirmar a importância da abordagem das subjetividades, do peso das decisões e ponderações pessoais neste e em todos os processos migratórios. Da mesma forma, fustigar os discursos prontos sobre a migração cubana, segundo os quais há um “padrão” fundamentado na oposição ao regime e à procura da tão decantada liberdade capitalista.

Por último, mais uma vez agradecemos a contribuição inestimável dos entrevistados e nos obrigamos ressaltar que possuímos profundo respeito por aqueles relatos que alegam fortes perseguições políticas e ideológicas, vividas direta ou indiretamente, sentimentos e ressentimentos, mágoas, críticas e estranhamentos, a nós apresentados por meio de um olhar em retrospecto no ato da entrevista. Logo, na condição de pesquisadores da migração cubana, não nos cabe assumir posições e lados. Não banalizamos as lutas daqueles que enfrentaram e enfrentam o papel de oposição ao regime, nem daqueles que o referendam, assim o legado da Revolução Cubana. Ao contrário, consideramos que todas as posições aqui expostas compõem a história que liga Cuba ao Brasil e Roraima, entendendo, portanto, que esses papéis interessam àqueles que participaram dos processos históricos de seu país e possuem um pertencimento sentimental, familiar, social e profissional com Cuba e com Roraima.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJA-DÍAZ, A. La migración desde Cuba. In: **Aldea Mundo**, vol. 11, nº 22, noviembre-abril, 2007, pp. 7-16 Universidad dos Andes, Táchira, Venezuela. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=54302202>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

AVALLONE, G. e SANTAMARIA, E. (Org.). **Abdelmalek Sayad: Uma Leitura Crítica. Migraciones, saberes e luchas (sociales y culturales)**. Madrid: Dados Ediciones, nº5, 2018.

AYERBE, L. F. A Política Externa dos Estados Unidos e a Trajetória do Desenvolvimento Cubano. In: **Perspectivas**. São Paulo, 1997/1998. p. 197-221.

AYERBE, L. F. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Unesp, 2004.

BAENIGER, R.; BÓGUS, L.; MOREIRA, J. **Migrações Sul Sul**. Campinas: SP Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” NEPO/UNICAMP, 2018.

BANDEIRA, L. A. M. **De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BAUMAN, Z. **GLOBALIZAÇÃO: As consequências humanas**. Tradução: Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1999.

BECKER, B. **Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004

BRASIL. Decreto-lei nº 98.127/89, de 8 de setembro de 1989. Fundação da Universidade Federal de Roraima. **Diário Oficial [Da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 8 set. 1989.

\_\_\_\_\_. Lei nº7.364/85, de 12 de setembro de 1985. Criação da Universidade Federal de Roraima. **Diário Oficial [Da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 12 set. 1985.

\_\_\_\_\_. Lei nº 7.364 de 12 de setembro de 1985. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-7364-12-setembro-1985-356589-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 20 de jan. 2020.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Globalização e Estado Nação. **Textos para discussão: Escola de Economia de São Paulo-FGV**. São Paulo, nº160, p. 1-39, abr. 2007.

BRUNO, A. **U.S Policy on Cuban Migrants**: In Brief. Congressional Research Service. Disponível em: <<https://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metadc958672/>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

CABRERA, I. I. MARQUEZ, R. L. **Migrações Contemporâneas de Cubanos: Entre Mariel (1980) e a Crise dos Balseiros (1994)**. Disponível em:

<[http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364766811\\_ARQUIVO\\_anpuhnatal.pdf](http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364766811_ARQUIVO_anpuhnatal.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2020.

CALEIRO, J. P. **12 números da economia de Cuba que você não conhecia**. Disponível em:<<https://exame.abril.com.br/economia/12-numeros-da-economia-de-cuba-que-voce-nao-conhecia/>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

**Carlos Lage, o arquiteto das mudanças em Cuba dos anos 90**. Disponível em:<<https://internacional.estadao.com.br/noticias/america-latina,carlos-lage-arquiteto-das-mudancas-em-cuba-dos-anos-90,334115>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

CASTRO, Grasielle. **Fidel travou cruzada para manter crianças e jovens longe dos gays**. Disponível em:<<https://bit.ly/2PhHy6p>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

**Como Cuba se tornou o centro da nova crise entre EUA e Europa**. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48021505>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

CORAZZA, F. **Cineasta que deixou Cuba quer pedido de desculpas do Vaticano**. Disponível em:<<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,cineasta-que-deixou-cuba-quer-pedido-de-desculpas-do-vaticano,1765864>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

CORREIA, C. **Médico cubano vem trabalhar no Brasil e vira prefeito de Mucajaí (RR)**. Disponível em:< <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/05/1285113-medico-cubano-vem-trabalhar-no-brasil-apaixona-se-e-vira-prefeito-de-mujacai-rr.shtml>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

CUBA. Decreto nº 217 de 22 de abril de 1997. Disponível em:<<http://juriscuba.com/wp-content/uploads/2015/10/Decreto-No.-217.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2020.

CUMERLATO, C; ROUSSEAU, d. **A ilha do doutor Castro**. Tradução: Paulo Neves. Coleção Reportagem. São Paulo: Peixoto Neto, 2001.

RORAIMA. **LEI COMPLEMENTAR Nº 043 DE 30 DE AGOSTO DE 2001**. Disponível em:<[https://www.tjrr.jus.br/legislacao/phocadownload/LeisComplementaresEstaduais/2001/Lei\\_Comp\\_Est\\_043-2001.pdf](https://www.tjrr.jus.br/legislacao/phocadownload/LeisComplementaresEstaduais/2001/Lei_Comp_Est_043-2001.pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. **LEI COMPLEMENTAR Nº II6 DE 16 de janeiro de 2007**. Disponível em:<<https://al.rr.leg.br/wp-content/uploads/2019/02/Lei-complementar-No.-116.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. Convênio para colaboração científica, técnica e comercial. **Diário Oficial do Estado de Roraima** nº211, ano IX. Boa Vista, 17 nov. 1999.

\_\_\_\_\_. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE RORAIMA**. 9 de fevereiro de 2004. Boa Vista. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/5864888/pg-9-diario-oficial-do-estado-de-roraima-doerr-de-09-02-2004>>. Acesso em: 18 fev. 2020.

DÍAZ, A. A et. al. La inmigración internacional de cubanos: Escenarios Actuales. **CEDEM Novidades em Población**. nº 26, p. 40-57, Jul. – Dez. 2017.

DÍAZ, A. A. La migración desde Cuba. **Aldea Mundo**, vol. 11, nº 22, nov. – abr. 2007, p. 7-16. Universidad dos Andes, Táchira, Venezuela. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=54302202>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

DÍAZ-BRIQUETZ, S. **The Society and Its Environment**. IN: Cuba: a country study / Federal Research Division, Library of Congress. Washington D.C.: Edited by Rex A. Hudson — 4ª ed. 2002.

ESTEFANÍA, J. **La economía del miedo**. Barcelona: Galaxia Gutemberg, 2011.

FELIPE, L. **Estados Unidos Revogam Lei que permitia permanência de cubanos sem visto**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-01/estados-unidos-revogam-lei-que-permitia-permanencia-de-cubanos-sem>>. Acesso em 15 jan. 2020.

FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

**Garoto resgatado no mar e devolvido a Cuba há 15 anos diz querer visitar EUA**. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150519\\_elian\\_entrevista\\_cuba\\_eua\\_1\\_ab](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150519_elian_entrevista_cuba_eua_1_ab)>. Acesso em: 16 jan. 2020.

GERBAU, Y. M. **Programas de migración temporal ¿la utopía del pensamiento de Estado hecha realidad?** In: AVALLONE, G. e SANTAMARIA, E. (Org.). Abdelmalek Sayad: Una Leitura Crítica. Migraciones, saberes e luchas (sociales y culturales). Madrid: Datos Ediciones, nº5, 2018.

GÓMEZ, S. A. Entra en vigor actualización de la política migratoria cubana. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/noticias/2013/01/14/entra-en-vigor-actualizacion-de-la-politica-migratoria-cubana/#.XEPRXIVKjMw>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

HAESBAERT, R.; PORTO-GONÇALVES, C. W. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

**Immigration and Nationality Act**. Disponível em: <<https://www.uscis.gov/legal-resources/immigration-and-nationality-act>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

**Jornal Paricarana, um informativo da Assessoria de Comunicação Social – UFRR**. Nº -- Boa Vista, 06 de abril de 1995.

\_\_\_\_\_. n° 21, 15 de fevereiro de 1993.

\_\_\_\_\_. n° 25, 09 de março de 1993

\_\_\_\_\_. n° 64, 19 de setembro de 1994.

\_\_\_\_\_. n° 24 03 de março de 1993.

\_\_\_\_\_. n°49, 22 de novembro de 1993.

KAIMINSK, A. **A Integração de Conhecimentos Históricos na Narrativa da Própria Vida: Entrevistas com Prisioneiros dos Campos Soviéticos entre 1945 e 1950 na Alemanha**. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

LLANO, P. De. **Novo Presidente de Cuba “Seremos fiéis ao legado de Fidel Castro”**. Disponível em:<[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/18/internacional/1524069138\\_691013.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/18/internacional/1524069138_691013.html)>. Acesso em: 22 fev. 2018.

LOBO-JÚNIOR, Manoel Ribeiro. **Formação e Reorganização dos Grupos Políticos do Estado de Roraima: de 1943 a 1988**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras) – Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.

MARANDOLA JR., E.; GALLO, P. M. D. Ser Migrante: Implicações Territoriais e Existenciais da Migração. In: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. Rio de Janeiro, v. 17, n°2, p. 407-424, jul - dez. 2010.

MARQUES, R. L. **A Condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana**. UNB: Brasília, 2009.

MARTINS, C. E. Da globalização da economia à falência da democracia. In: **Economia e Sociedade**. Campinas, n° 6, 1-23. 1996.

MATOS, C. 1993. **Migrações : decisões individuais e estruturas sociais**. Centro de Investigação em Sociologia Econômica e das Organizações, Instituto Superior de Economia e Gestão – SOCIUS Working papers, n° 5,1993. Disponível em:<<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1599/1/cm-wp935.pdf>>. Acesso em: 22 Jan. 2019.

MEIHY, J. C. S. B.. **Desafios da História Oral Latino-Americana: o caso do Brasil**. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

MILANI, R. **Scarface**. Disponível em:<<https://www.papodecinema.com.br/filmes/scarface/>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

MIRANDA, C. B. M. Ditadura militar e Amazônia: as promessas desenvolvimentistas de um governo autoritário. Disponível em: <[http://snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488736405\\_ARQUIVO\\_textocompletoST.pdf](http://snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488736405_ARQUIVO_textocompletoST.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2020.

MONDARDO, M. L. “**Contrageografias da Globalização**”: “**Fronteiras Internas**”, **identidades em trânsito e Experiência “Fora do Lugar”**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (Portugal). Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>, 2010>. Acesso em: 18 jan. 2019.

MORRONE, P. **A FUNDAÇÃO NACIONAL CUBANO-AMERICANA (FNCA) NA POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS PARA CUBA**. 2008. 138 f. Dissertação de Mestrado. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS “SAN TIAGO DANTAS” (UNESP/UNICAMP/PUC-SP). São Paulo: 2008.

NASSIF, R. **José Martí**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4678.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2020.

NAVARRO, J. C. C; LEÓN, A. S. **História de Cuba 1959-1999**: liberación nacional y socialismo. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 4 ed, 2013.

PASSERINI, L. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PATARRA, N. L. **Migrações Internacionais**: teorias, políticas e movimentos sociais. In: **Estudos Avançados**, v. 20, nº57, p. 7 - 24. 2006.

PEIXOTO, J. **As teorias explicativas das migrações**: Teorias Micro e Macro-sociológicas. Lisboa: SOCIUS, 2004.

PORTELLI, A. **História Oral como Arte da Escuta**. Tradução: Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

\_\_\_\_\_. A Bomba de Turim. **História Oral: Revista Brasileira da Associação Brasileira de História Oral**, v.9, n.1, jan-jun. 2006.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de História Oral**. Tradução de Fernando Luíz Cássio e Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

\_\_\_\_\_. **Memória e Diálogo: Desafios da História Oral para a Ideologia do Século XXI**. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

**Possada Carriles ex-agente da CIA que queria matar Fidel Castro**. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/posada-carriles-ex-agente-cia-queria-matar-fidel-160327138.html>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

**Presidente Bolsonaro Sanciona Lei do Médicos pelo Brasil.** Disponível em:<<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46160-presidente-bolsonaro-sanciona-lei-do-medicos-pelo-brasil>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Pronunciamento do então senador e ex-professor da Universidade Federal de Roraima, Mozarildo Cavalcanti. Disponível em:<<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/texto/310734>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

RODRÍGUEZ, J. A. C. A Educação em Cuba entre 1959 e 2010. Tradução: Diego Molina. In: **Revista Estudos Avançados**, nº 25, p. 45-54, 2011.

RODRIGUEZ, M. Las relaciones Cuba-Estados Unidos: migración y conflicto. In: **CEMI, Centro de Estudios de Migraciones Internacionales**, La Habana, Cuba. agosto 2003.

ROSEMAN, M. **Memória Sobrevivente: Verdade e Inexatidão nos Depoimentos sobre o Holocausto.** In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SADER, E. **Cuba: um socialismo em construção.** Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cuba, Chile, Nicarágua:** Socialismo na América Latina. São Paulo: Atual, 1992.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, N. P. D. **Política e poder na Amazônia: o caso de Roraima 1970-2000.** Boa Vista: Edurrf, 2012.

SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade.** Tradução: Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCHWARZSTEIN, D. **Desafios da História Oral Latino-Americana.** In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SILVA, J. H. G. **Anos que Transformaram Roraima:** uma visão crítica e histórica da UFRR. Boa Vista: Editora da UFRR, 2017.

SILVA, M. A. D. **Cuba e a eterna guerra fria: isolamento ou reinserção?;** 2006. 285 f. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em Integração da América). São Paulo, 2006.

SILVA, R S. **A migração cubana para Roraima 1993-2000.** 2014. 67 f. Projeto de Conclusão de Curso. (Curso de Licenciatura em História) UERR. Boa Vista, 2014.

**Sobre a UERR.** Disponível em:<<https://www.uerr.edu.br/sobre/>>. Acesso em 17 fev. 2020.

SOUZA, C. M. Boa Vista/RR e as migrações: mudanças, permanências e múltiplos significados. **Revista Acta Geográfica**, Ano III, Nº5, JAN/JUN de 2009. P 69 72.

SOUZA, C. M. d. **História, Memória e Migração: processos de territorialização e estratégias de inserção entre migrantes gaúchos radicados em Roraima**. 2004. --- f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SOUZA, E. M. **Migrações e Políticas Migratórias na Globalização: os desafios político-sociais do Estado**. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

STAEVIE, P. M. **O papel das redes sociais na migração contemporânea de gaúchos em Roraima**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

THOMSOM, A. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. Tradução: Magda França Lopes In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, pp. 341-364. 2002.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, vol. 20, n. 1, 2008.

**Universidad de Oriente (Santiago de Cuba)**. Disponível em:<[https://www.ecured.cu/Universidad\\_de\\_Oriente\\_\(Santiago\\_de\\_Cuba\)](https://www.ecured.cu/Universidad_de_Oriente_(Santiago_de_Cuba))>. Acesso em: 12 fev. 2020.

**Universidad de Matanzas**. Disponível em:<<https://www.mes.gob.cu/es/ingreso/instituciones/universidad-de-matanzas>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA 30 anos unidos pela universidade 1989-2019. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019.

VILLEN, P. **O Recrutamento de Médicos-Imigrantes pelo Programa Mais-Médicos e a particularidade do caso cubano**. In: BAENIGER, R.; BÓGUS, L.; MOREIRA, J. Migrações Sul Sul. Campinas: SP Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” NEPO/UNICAMP, 2018.

VISENTINI, P. F. **Século XXI: impasses e conflitos**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2017.

ZUNINO, C. I. J. **Sayad en uso: trayectorias y proyectos migratorios como herramientas de análisis**. In: AVALLONE, G. e SANTAMARIA, E. (Org.). Abdelmalek Sayad: Una Leitura Crítica. Migraciones, saberes e luchas (sociales y culturales). Madrid: Dados Ediciones, nº5, 2018.

## ANEXO A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**Título do Projeto:** MIGRAÇÃO E TRAJETÓRIA DE CUBANOS PARA RORAIMA 1993-2018.

**Pesquisador responsável:** Rennerys Siqueira Silva.

**Orientadora:** Carla Monteiro de Souza.

Você está sendo convidado (a) para participar do projeto de pesquisa intitulado MIGRAÇÃO E TRAJETÓRIA DE CUBANOS PARA RORAIMA 1993-2018, o qual não possui fins lucrativos e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e poderá sair da pesquisa sem nenhum prejuízo para você ou para o pesquisador.

#### **1 - Sobre o objetivo deste estudo:**

Esta pesquisa científica tem por objetivo compreender as trajetórias e memórias de migrantes cubano (a)s em Roraima no período 1993-2018.

#### **2 - Sobre a sua participação na pesquisa:**

Para a realização dessa pesquisa será necessário o uso da metodologia de História Oral. Sua participação na pesquisa será através de uma entrevista gravada em áudio, a qual será utilizada como fonte de pesquisa (a entrevista será transcrita pelo pesquisador, não havendo qualquer intenção ou possibilidade de divulgar o áudio dela em qualquer plataforma ou para terceiros). Sua participação na pesquisa tem a garantia de anonimato, podendo ser escolhido um pseudônimo para a sua identificação. A entrevista se baseará em um roteiro de perguntas, de cunho subjetivo, com base em temas acerca da sua trajetória migratória, tais quais: memórias do lugar de origem; movimento migratório; as estratégias de permanência no estado de Roraima; significado dos deslocamentos realizados. Realizada a entrevista, poderá ser cedida ao colaborador uma cópia da gravação em mídia digital (CD). A pesquisa resultará nos seguintes

produtos: dissertação de mestrado; artigos para revistas científicas; capítulos de livros; apresentação em eventos científicos.

### **3 - Riscos e Benefícios:**

Tomando como fato que todas as pesquisas com seres humanos apresentam riscos e de que as migrações são processos complexos, acreditamos que estes deslocamentos têm ou tiveram um grau de significado na vida dos entrevistados. Relembrar o processo de migração e a trajetória migrante no momento da entrevista pode gerar emoções contraditórias e/ou constrangimentos na abordagem de certos assuntos delicados. Nesse sentido, cabe ao entrevistador a sensibilidade de compreender o momento emotivo, podendo ser encerrada a entrevista ou pausada até que o entrevistado possa se sentir confortável para a continuação desta. Como benefícios sua participação contribuirá para um maior conhecimento e visibilidade sobre a vida dos cubanos que vieram para Roraima e que precisa ser discutida em bases científicas, para, inclusive, se opor a quaisquer formas de preconceito, discriminação e exclusão social.

### **4 - Serão incluídos nesta pesquisa:**

Os participantes da pesquisa que contribuição com entrevistas orais serão migrantes cubanos, homens e mulheres, maiores de idade que tenham se deslocado para o estado de Roraima no período 1993-2018, ou que tenham passado pelo estado em igual período.

As informações cedidas a esta pesquisa serão confidenciais e garantimos que somente o pesquisador responsável saberá sobre sua participação.

Você receberá uma via deste termo com o telefone e o endereço institucional do pesquisador principal e do CEP (Comitê de Ética e Pesquisa) e poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Endereço do CEP : Av. Cap. Ene Garcez, 2413 -Aeroporto (Campus do Paricarana) CEP: 69.310-000 - Boa Vista – RR Bloco da PRPPG-UFRR, última sala do corredor em forma de T à esquerda (o prédio da PRPPG fica localizado atrás da Reitoria e ao lado da Diretoria de Administração e Recursos Humanos - DARH). Email: [coep@ufr.br](mailto:coep@ufr.br) telefone: (95) 3621 - 3112 Ramal 26.

Caso você tenha dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável, no endereço CCH - Centro de Ciências Humanas/Universidade Federal de Roraima - Campus Paricarana, Av. Ene Garcez, 2413, Bairro Aeroporto – Sala 41- PPGSOF- Telefone: (95) 3623- 4489, ou também através do seguinte telefone (95) 99132-4728, ou ainda pelo email: rennerys.zr@hotmail.com.

---

Pesquisador

**Rennerys Siqueira  
Silva**

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.**

---

Participante da  
Pesquisa

## ANEXO B

### ROTEIRO TEMÁTICO DE ENTREVISTA

**Título do Projeto:** MIGRAÇÃO E TRAJETÓRIA DE CUBANOS PARA RORAIMA 1993-2018.

**Pesquisador responsável:** Rennerys Siqueira Silva.

**Orientadora:** Carla Monteiro de Souza.

O roteiro de entrevistas, de cunho subjetivo, será baseado em temas acerca da trajetória migratória dos sujeitos migrantes, estabelecendo sobre 4 grandes áreas as problemáticas que visam a compreensão dos deslocamentos, bem como das trajetórias. Sendo elas: **Público alvo desse roteiro temático de entrevistas:** Migrantes anteriores à Reforma Migratória de Cuba (2012) – Indivíduos com origem em convênios entre Roraima e Cuba, ou ainda por países como Venezuela e Guiana, quando eventualmente esses sujeitos migrantes se deslocaram para Roraima após a vigência dos seus contratos de trabalho naqueles países.

- **Memória no lugar de origem:** Memórias da juventude em Cuba; formação profissional; atuação na área de trabalho; interações com a comunidade e família.
- **Movimento migratório:** Como se desenvolveu o processo de deslocamento para o Brasil (Roraima); qual o artifício usado para deixar Cuba no período; houve algum tipo de escolha para o local de destino dos contratos de trabalho (Convênios entre Cuba-Brasil).
- **Estratégias de permanência no Brasil (Roraima):** Estabelecer-se em Roraima (Brasil) foi ou é a sua primeira opção; por que optou por Roraima como lugar para viver?; quais os mecanismos jurídicos que você utilizou para deixar a ilha de Cuba?; você encontrou dificuldades de adaptação em Roraima?; Você trabalha na sua área de formação ou nem sempre encontrou empregos, em Roraima, na área de origem dos convênios?
- **Significado dos deslocamentos realizados:** Como você enxerga a sua trajetória de vida antes e após o deslocamento para Roraima?; Foi benéfico ter deixado o seu país para morar no Brasil?; O que representa o Brasil na sua vida?; Voltaria a viver em Cuba?.